

J. CHRYS
CHRISTELLO

J. CHRYS CHRISTELLO

CANCIONEIRO TRANSMONTANO



CANCIONEIRO TRANSMONTANO

fotografia de **LUIS CANOTILHO**

Edição da Santa Casa da Misericórdia de Bragança
2005

2005

Sabemos que a língua e cultura dum povo se preservam sobretudo pela tradição oral; romances e outras manifestações aqui inseridas são a consequência lógica de um modo de estar na vida. Quem não é capaz de penetrar nesse mundo, complexo e simples, não pode compreender a beleza da construção poética que o povo anónimo criou.

A literatura popular flui com factos históricos, documentos de vida. Lirismo e misticismo casam-se em simbiose perfeita. Os ritos de Carnaval representam a voz do povo, a sua opinião crítica, o seu bom senso, espírito e gosto. A vida biológica ou social é intrincada, mas constitui um todo. Neste, o religioso absorve a maior fatia.

As Lendas e os contos com a riqueza literária de que são portadores e as formas vocabulares neles inseridas, fornecem pistas seguras para as marcas que as colonizações: pré-histórica, romana, germânica e árabe, deixaram em todo o distrito de Bragança.

Limitamo-nos a transcrever o que foi possível ainda recuperar, para que mais tarde, os vindouros saibam que aqui houve gentes que nos falavam de mouras encantadas, oitocentos anos depois delas terem deixado de aqui viver, tão desaparecidas como os tradicionais ciclos da vida agrícola-pastoril.





FICHA TÉCNICA:

Título: CANCIONEIRO TRANSMONTANO 2005

Autor do projecto: CHRYS CHRYSTELLO

Fotografia e design: LUÍS CANOTILHO

Pintura: HELENA CANOTILHO (capa e início dos capítulos)

Edição: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGANÇA

Recolha de textos 2005: EDUARDO ALVES E SANDRA ROCHA

Recolha de textos 1985: BELARMINO AUGUSTO AFONSO

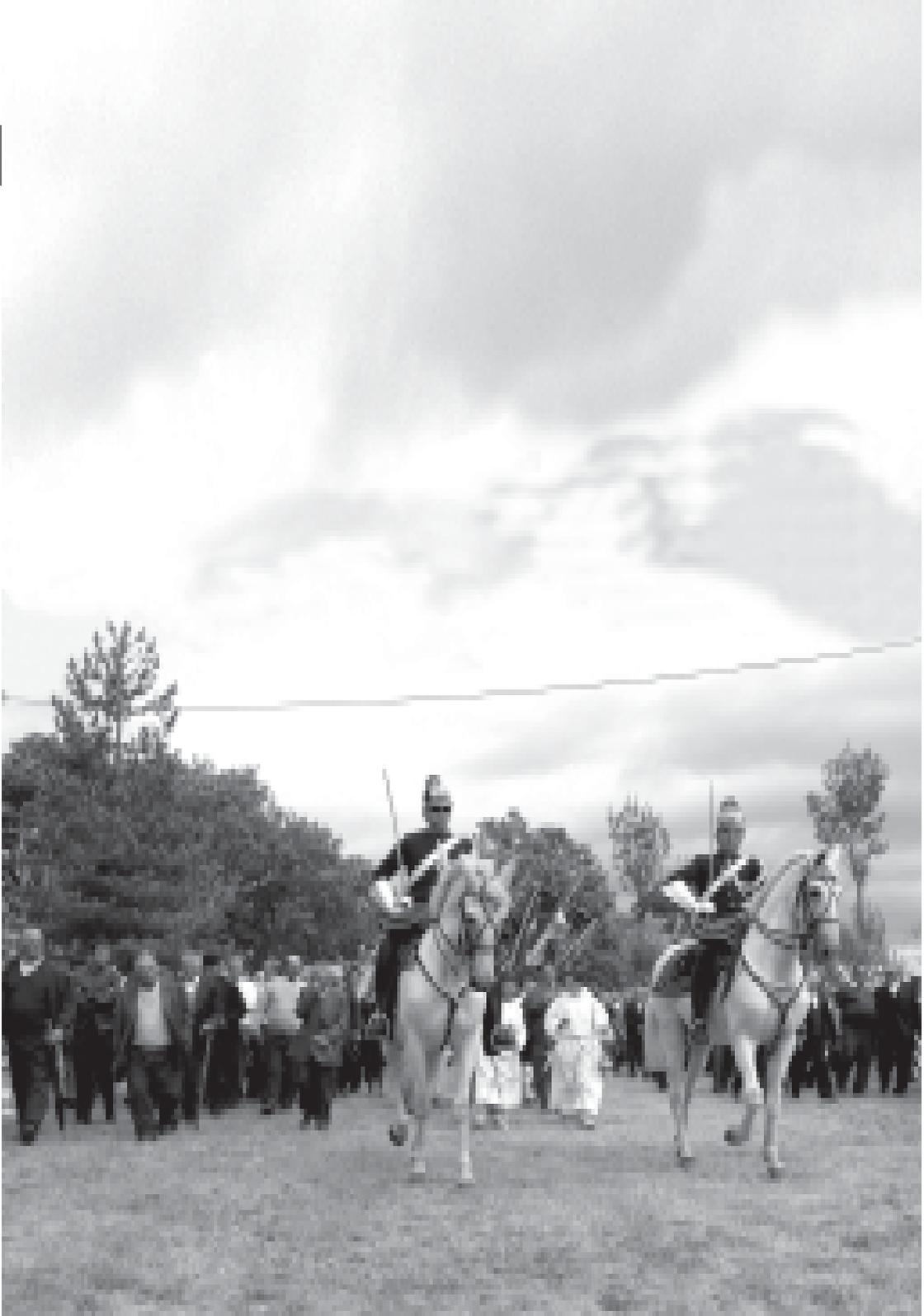
Edição de 1985: DELEGAÇÃO DA JUNTA CENTRAL DAS CASAS DO POVO DE BRAGANÇA, ELEUTÉRIO ALVES e NARCISO GOMES

Transcrição musical 1985: ALBERTO ANÍBAL FERREIRA

Impressão e acabamento: ROCHAARTES GRÁFICAS, V. N. GAIA

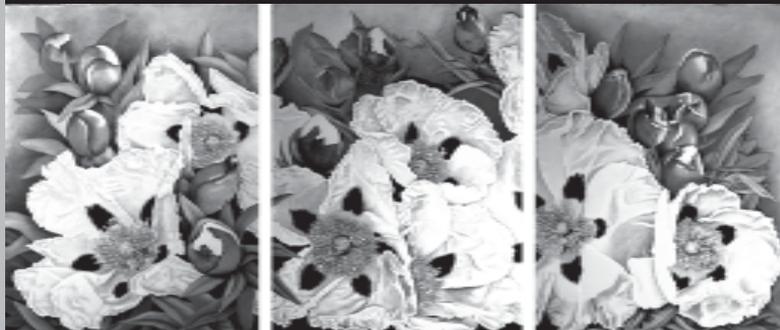
Tiragem: 3 000 exemplares

Depósito legal:



Índice

1. ROMANCES POPULARES	página 17
2. POESIA, VERSOS SATÍRICOS, LOAS, APODOS, CASAMENTOS, SERRAR A VELHA, CARNAVAL	página 41
3. ADIVINHAS	página 89
4. QUADRAS POPULARES	página 101
5. PROVÉRBIOS E DITADOS	página 117
6. RELIGIÃO POPULAR	página 123
7. LENDAS	página 137
8. CONTOS	página 157
9. HISTÓRIAS INFANTIS	página 219
10. JOGOS DE RODA E RONDAS	página 227
11. LENGALENGAS, CANTIGAS, CANTILENAS	página 241
12. RECEITAS	página 265
13. ANEXOS – PAUTAS MUSICAIS	página 269
NOTAS	página 283





NOTAS DO AUTOR

Antes de mais quero agradecer ao Dr. Eleutério Alves, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, por ter tido a visão e a confiança para me deixar elaborar este Cancioneiro. Já no passado, em 1985, a ele coube o sonho de lançar a primeira edição desta obra. É igualmente devido o nosso reconhecimento ao Dr. Eduardo Alves da SCMB e a Sandra Rocha (Estagiária do 5º ano, Trabalho Social da UTAD – Pólo Miranda do Douro) o nosso muito apreço pelas recolhas efectuadas dentre os utentes da Santa Casa, bem como ao Professor Luís Canotilho que nos ilustrou o livro.

Embora já desaparecido do nosso convívio (27 de Maio 2004) não quero deixar de mencionar, hoje, José Augusto Seabra, meu mentor intelectual e colega de várias iniciativas, que nos últimos três anos foi o patrono dos Colóquios de Lusofonia realizados em Bragança. Foi ele que sempre teve o estímulo certo para os momentos de desânimo e as palavras de incentivo rumo a uma utopia alicerçada nos seus múltiplos saberes. Foi no seu reinado como ministro da Educação que deu o aval ao Politécnico de Bragança, onde ainda proferiu a Oração de Sapiência em 2003. José Augusto Seabra, um literato no mais amplo sentido, um homem das Letras, um republicano inefectível na senda dos verdadeiros republicanos da 1ª República. Como Embaixador promoveu a Língua e a Cultura portuguesas de forma ousada e inovadora nos países onde exerceu: como director da Revista Internacional de Língua Portuguesa das Universidades da CPLP editou-a com o labor e a minúcia de quem ama a língua. E falo desse homem pois foi graças a ele que aprendi a importância desta terra que em tão pouco tempo me soube cativar, despertando em mim heranças transmontanas obnubiladas e laços de coração e sangue que eu olvidara. Sim, esta terra que me acolhe como quem trata um filho emérito, soube adoptar-me engalanada nas suas belezas que contrastam com a agrura excessiva do seu clima. A sua qualidade de vida faz corar de inveja os habitantes das grandes urbes portuguesas pois, Bragança, dispõe hoje de bons e modernos equipamentos urbanos, de um tecido social coeso ainda que diverso, e de uma vitalidade sustentada durante a maior parte do ano por mais de 6000 estudantes do ensino terciário e outros tantos do secundário. A atmosfera está cheia de contrastes da sua rica história, do seu comércio tradicional e do mais recente.

Tudo isto serve para me encher de orgulho por viver aqui, nesta antiga Cidade de origem neolítica, posteriormente um importante centro romano localizado na zona actual da Sé. Às invasões bárbaras sucederam-se as guerras entre mouros e cristãos que tantas tradições orais deixaram como podemos apreciar neste volume. Essa Bragança primitiva desapareceu permanecendo enterrada até hoje, conforme recentes escavações do programa Polis demonstraram, com inúmeros vestígios que hoje podem ser observados em exposição.

Dentre as lendas mais antigas da cidade está a da visita de S. Francisco de Assis que, aqui parou quando ia em peregrinação a Compostela e fundou o mais antigo convento franciscano em Portugal. O Santo de Assis nunca veio à Península, mas é muito verosímil que o convento

franciscano de Bragança esteja relacionado com um albergue para peregrinos de Compostela, que já existia no séc. XII. Essa função de escala no Caminho de Santiago pode ajudar a compreender a fixação de uma importante colónia de judeus, cuja actividade foi decisiva para o desenvolvimento económico da região.

A paisagem é rude e bravia, e numa abordagem fugaz dir-se-ia que aqui só há fraguado. Mas numa das mais importantes revoluções pacíficas que aqui ocorreram, os judeus plantaram amoreiras nos interstícios dessas fragas e nos séc. XV e XVI, conseguiram o milagre de fazer de Bragança um importante centro manufactor de veludos, damascos e outros tecidos de luxo. Noutra extremo menos agradável, a Inquisição mostrou-se particularmente activa em Bragança. Vitimou, ao todo, 734 artesãos segundo os números averiguados pelo sábio Abade de Baçal. Naturalmente, nem todos se deixaram apanhar e a maioria (três mil artesãos) fugiu. Os teares fecharam, a produção dos belos veludos de Bragança cessou por completo e a terra conheceu um longo e sombrio período de decadência.

A Bragança de hoje é irmã gêmea da outra celta e romana, dela tendo herdado costumes, língua e artesanato, sempre marcados pela sua importância militar e estratégica mas sem jamais perder as suas raízes rurais, e reza uma importante lenda que na Igreja de S. Vicente se casou clandestinamente o príncipe e futuro Rei D. Pedro com a dama castelhana Inês de Castro, tema da literatura portuguesa e universal.

Neste volume pretendemos fazer ouvir a nossa voz, através das memórias do passado para que não desapareçam as lendas e tradições que permitiram a Bragança ser uma terra onde se congregam esforços e iniciativas para manter viva a língua de todos nós, sob o perigo de soçobramos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Quando aqui cheguei em 2003, sabia apenas que havia fortes laços de sangue que me prendiam a esta região. Com um avô materno Vimiosense há séculos, uma avó materna e uma mãe alfundeguenses, recordava daqui as férias de infância passadas em terras da velusta região de Bragança e Miranda. Havia primos e tios avós que contavam histórias de outros tempos, e tinham um falar diferente.

Aprendi a liberdade de passear pelos campos até ao pôr-do-sol, montado numa burra ou num macho, sem peias nem fronteiras, por montes e vales, inspirando este ar puro, experimentando detalhes desconhecidos da natureza que a minha juventude urbana desconhecia. Em casa ainda não havia luz eléctrica que essa só chegaria depois do 25 de Abril, mas os campos já estavam plantados de postes de alta tensão. Das vindimas à apanha da amêndoa muitas foram essas recordações que recuperei. Lembro-me de ver como no céu havia estrelas em número inaudito, estrelas que jamais se podiam observar nas poluídas abobadas das cidades portuguesas. Lembro-me do cheiro a feno na Eucísia, do chiar dos carros de bois no Azinhoso, dos cortejos pascais engalanados com as colchas penduradas nas pequenas janelas como seteiras abertas em paredes de grossa espessura. Lembro-me dos burricos e dos seus cântaros saltitantes a caminho da fonte, dos jantares à luz da vela e do sempre presente petromax. As cavilhas na



central telefónica do Sendim da Ribeira com doze números de telefones que se ligavam à venda onde tudo se comprava. E havia ainda as celebradas danças no salão dos bombeiros, e as festas típicas em honra do santo da aldeia, onde conheci um povo que desconhecia.

Na pequena e ora semi-despovoada aldeia da minha avó materna encontrei os rituais senhoriais da família Gama do engenheiro Camilo Mendonça onde se ia prestar vassalagem quando ali chegávamos para férias, ansiosos de beber a fresca água da Grichinha, fonte milagreira em plena terra das feiteiras. Revisito a imagem bucólica do Vale daVilariça antes da barragem, quando da varanda de casa me deleitava com ela enquanto devorava os livros de Jules Verne. Vi rostos e tradições do tempo dos Cristãos Novos, ainda hoje envergonhados da sua herança marrana. Há cinquenta anos, ainda existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cônego ou padre, tão comum a tantas famílias da região, numa mescla de respeito, medo e veneração ao cristianismo que se impusera primeiro aos mouros da rica Alfândagh, para depois ser temporariamente substituído pelos judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição.

Conheci capelas, vi santos milagreiros em altares cobertos de ouro, andei em procissões e fui a missas onde os importantes da terra tinham as suas cadeiras próprias reservadas em pleno altar. Tomei banho em tanques improvisados e provei frutas desconhecidas. Fiquei sempre com esta recordação destas terras e destas gentes e ela me acompanhou no périplo de mundos e na diáspora que me levou a passar metade da vida no Sudeste Asiático e na Australásia. Essas eram, aliás, as únicas recordações agradáveis que levava do país onde cresci. Eram tão importantes que as utilizei numa entrevista em 1989 para dizer na Austrália como era belo este país de bons vinhos e boas comidas, e paisagens variegadas. Lembrava-me dos fragedos de Penas Roias (onde fora pela primeira vez em 1962 num jipe dum primo), e da famosa arca do cura dessa aldeia esquecida, onde só regressaria no conforto do alcatrão em 2004.

No Vimioso percorri as ruas onde o meu avô crescera, vi a casa onde a família habitara que permanecia alva e brasonada. Em Alfândega da Fé reví os jardins e os parques e as memórias dum castelo que a minha mãe sempre referiu nos idos da memória. Recordei as viagens longas e inesquecíveis pelo Douro acima, em comboios que a estupidez do homem mandou retirar dos carris trocando-os por alcatrão.

Recordo com emoção os jantares feitos à lareira, em tachos negros como a noite, e onde os sabores eram bem diferentes. Depois do jantar, sentados no escano, imaginávamos figuras misteriosas que o fogo e as sombras criavam, antes de nos confrontarmos com o medo de regressarmos aos quartos, atravessando enormes salões onde a chama bruxuleante da vela nos desenhava os demónios de que a catequese nos avisara. Mas, mais terríveis ainda eram as trovoadas em plena época das sezões, quando na Quinta da Bendada (hoje em ruínas e não mais pertença da família) nos anichávamos debaixo da cama, enrolados em cobertores de papa, a rezar a Santa Bárbara.

Foi tudo isto que eu revivi ao editar este maravilhoso Cancioneiro Transmontano 2005. Foi o facto de saber que não vivi em Portugal os anos suficientes para ter mais recordações de histórias e contos dos avós, e de que a minha mãe hoje com 82 anos é o último elo para tantas dessas histórias e lendas que as tias contavam e cantavam.

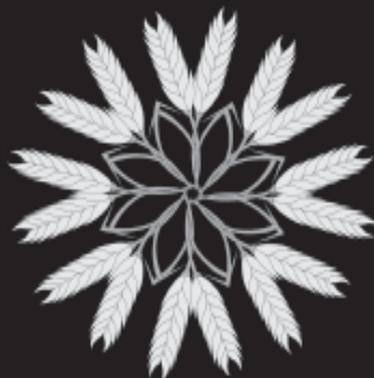
Ao sentir que se podem perder esses registos fundamentais numa memória colectiva resolvi meter as mãos à obra e preservar em papel aquilo que tantos idosos nos deram. Sabemos que a língua e cultura dum povo se preservam sobretudo pela tradição oral, limitamo-nos a transcrever o que foi possível ainda recuperar, para que mais tarde, os vindouros saibam que aqui houve gentes que nos falavam de mouras encantadas oitocentos anos depois delas terem deixado de aqui viver.

Lamenta-se que mais recolhas não nos tivessem chegado a tempo de as publicar. Estamos dispostos a guardá-las para uma próxima oportunidade se alguém as fizer chegar até nós. Mas para já deixo-vos cerca de duzentas e cinquenta páginas desta memória transmontana, nas quais mantive os textos, a introdução e o prefácio da primeira edição publicada em 1985.

Para que os nossos filhos se orgulhem das suas raízes e as preservem.

Bragança, Abril 2005

J. Chrys Chrystello





ACERCA DA IMAGEM



A riqueza e a originalidade cultural de Trás-os-Montes continuam a ser desconhecidas pelos portugueses e até mesmo, em alguns casos, pelos próprios habitantes. O inevitável progresso da região, ultimamente, parece limitar-se às principais urbes. Em consequência das novas exigências técnicas e científicas, as principais cidades transmontanas têm observado uma ocupação extremamente heterogénea de pessoas vindas de outras zonas e países.

Este aspecto tem vindo a determinar o aparecimento de duas culturas a dois ritmos em tão pequena região. A cultura citadina que pretende copiar os estereótipos do progresso de outras culturas em paralelismo com a cultura rural, que a todo o custo, prefere manter a sua ingenuidade, autenticidade, tradições e rituais.

Esta cultura autêntica e ancestral, transmitida ao longo das gerações parece querer manter-se e, em alguns casos, afirmar-se a partir dos mais jovens, cada vez mais conscientes do seu valor. Entendo que a sua compreensão jamais poderá ser absorvida através de uma só linguagem, a simbiose entre a literatura, a poesia, a pintura e a imagem permite uma leitura mais correcta e simples da realidade transmontana. Neste trabalho, fotografia e pintura, estão intencionalmente ausentes da decoração que a cor possibilita. Pretende-se, deste modo, não sobrevalorizar a imagem em relação ao texto.

Os textos aqui recolhidos, nesta sociedade da imagem e sem fronteiras, só serão compreendidos através de uma leitura paralela da imagem. A imagem aparece neste trabalho como que a fotografia do bilhete de identidade de um povo autêntico, que julgo ser feliz, por se sentir orgulhoso das suas tradições e rituais.

Sendo que a intenção de divulgar esta publicação, não se limita ao espaço de Trás-os-Montes, será sempre difícil num outro qualquer ponto do mundo cultural, sem fronteiras, compreender a cultura transmontana, sem associar a escrita à imagem da natureza que moldou estas gentes, através da observação das formas humanas, das suas expressões, de como vestem, como comem, como exercem os principais rituais da vida, que religiosidade demonstram na prática, quais os utensílios que usam, a influência das culturas pré-cristãs, as loas, o comportamento comunitário das populações, as festas ou as romarias.

Foi portanto intenção colocar a imagem de forma intemporal e não localizada, intencionalmente dissociada do próprio texto, para assim se poder usufruir de duas leituras. No presente caso, as imagens pretendem percorrer Trás-os-Montes, durante os doze meses do ano, perseguindo as suas gentes de forma discreta e violando a sua intimidade cultural. Tal como o texto, a imagem é um património cultural que não pertence a nenhuma aldeia ou zona transmontana. Como tal, está ausente de qualquer legendagem. A pintura de Helena Canotilho aparece aqui, porque a artista, é seguramente quem melhor tem retratado com rigor as gentes de Trás-os-Montes.



INTRÓITO E PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 1985

Sempre que abordamos este tema – a cultura antropológica – regressamos no tempo à nossa meninice. Em aproximações sucessivas, as nossas vivências de então corporizam-se. Vemos actores de um processo cultural carregado de tradições. Trabalhámos no campo. Regámos a horta e apanhámos o feno. Caminhos fora, a cavalo na burra, com chapéu de palha, lá íamos ter à segada. Demos voltas sem fim, em dias quentes de Julho e Agosto, sobre o trilho que impiedosamente triturava os caules de trigo e centeio. Com o garotio folgazão fizemos corrimaças no prado baldio, enquanto os vitelos retouçavam calmamente as ervas da pastagem. Atrás dos carros carregados de lenha ou estrume, ouvíamos o chiar desesperado, tapando e destapando os ouvidos, para melhor contraste de som. E no Inverno, após a apanha da azeitona, conhecemos o ambiente típico do lagar de azeite, tocando o boi, atado ao baldão a puxar pacientemente as galgas de granito, dentro do farneiro. Num intervalo de mudar a piada, saboreávamos então uma torrada de azeite virgem feita na fomalha, aquecida com bagaço e toros de sobreiro.

Foi este o ambiente sadio, cheio de tradição, que vivemos por dentro em toda a nossa juventude. Estamos dentro de todos os ciclos da vida agrícola-pastoril. Desde o linho que ajudámos tantas vezes a alagar no rio Sabor, à tosquia, ao pisar das uvas no lagar, de tudo partilhámos. Primeiro, por necessidade de braços, que nunca são demais para as fainas agrícolas, e só depois, com gosto, contente porque a carrada de sacos que entrava na tulha, bem como a restante colheita, se devia também ao nosso esforço. Não se pode compreender a vida de um povo, quando se vive à margem dos esquemas económicos, religiosos e sociais. Romances e outras manifestações culturais aqui inseridas são a consequência lógica de um modo de estar na vida. Quem não é capaz de penetrar nesse mundo, simultaneamente complexo e simples, não pode compreender a beleza da construção poética que o povo anónimo criou.

O ignorante não é o aldeão analfabeto, mas sim o urbano alfabetizado. Ainda bem que se vai olhando com mais respeito para um saber multissecular, cristalizado em jóias raras da nossa literatura oral. Anónimas, chegaram até nós com a mesma frescura que as viu nascer. Enraizam no comunitarismo agro-pastoril do mundo medieval. Reflectem os seus problemas, angústias e alegrias.

Se a poesia brota da vida, a literatura popular dela flui como de seio materno. Os diversos modelos que se seguem, tanto como produções literárias, são factos históricos, documentos da vida de um povo. Lirismo e misticismo casam-se em simbiose perfeita. Sirva de exemplo o romance lavrador da arada. A caridade evangélica encontra um modelo perfeito no pobrezinho que o lavrador leva no seu carro e a quem mandou fazer a ceia. A referência tema ao Cristo crucificado não é dramática, mas calma, espiritual. Assemelha-se aos Cristos medievais, cujo sofrimento físico fica em segundo plano perante a divindade que se espelha no rosto. O seu valor místico realça-se com a referência à cambraia e prata fina, atributos dignos da divindade. Ao misticismo deste primeiro romance sucede o tema existencial e dramático da Nau Catrineta. O



romance é muito humano. As referências ao demónio, escritas, fazem parte de um todo plástico, de fundo arquitectónico. Encontramo-lo nos capitéis medievais, emergindo de um mundo telúrico, cheio de fantasmas.

Quero a tua alma e arreneço a ti, demónio, são duas afirmações contrastantes, expressas naquelo outro romance muito comum em Trás-os-Montes, – Vozes dava o marinheiro. A nostalgia do mar e a densidade dramática do tema explicam a voga deste romance no interior transmontano. “A canção popular portuguesa... é a crónica viva e expressiva da vida do povo português”, afirma Lopes Graça (A canção popular portuguesa, p. 15). O ritmo do quotidiano encontra expressão plástica na melodia que ainda hoje o lavrador assobia ou canta atrás do arado, desventrando as leiras. Mas, o quotidiano também se altera, assim como à monotonia do vale se sucede a montanha ou o rio.

A vindicta e barulho rebentam intempestivos e quebram a atonia uniforme dos trabalhos agrícolas. Apesar dos laços de solidariedade que a estruturam, este drama aparece de quando em vez, como aragem mais vibrante e sinal de sofrimento, na comunidade. Amores contrariados como o de D. Ângela são de todos os tempos. O poeta, inventor de música e letra, certamente, não se esqueceu de terminar em tom moralizador:

Os pais que têm filhos
 Não lhe tirem o casar.
 Morreu esta donzela
 Sem seu marido a lograr.

Esta canção exprime sentimentos de alma, individuais, pungentes. É uma crónica. A maldição é o castigo do pecado. Nasce da oposição frontal à lei divina. É um tema que encontramos também nos poemas homéricos. Castigo da insolência, atinge o indivíduo ou a comunidade. Cria um conflito que só é sanado com a expiação do culpado. Este tema é evidente no romance Cruel vento. A desonra, o roubo, o homicídio e simultaneamente sacrilégio, – roubaste três igrejas... e mataste três sacerdotes revestidos ao altar são crimes inauditos que trazem como consequência a esterilidade da terra, das fontes e do mar. Para uma comunidade agro-pastoril e ribeirinha, não podia haver maior castigo.

Pela literatura popular, como em pano de fundo, perpassam todos os dramas da vida humana. A morte, mesmo que ela venha no fim de uma vida longa, é um agente desagregador.

Da igreja vem o velho, é outro quadro descritivo, vulgar, cheio de intensidade dramática. Nada melhor para mitigar a saudade da ausência da companheira do que o amparo da filha mais velha, que vai ocupar o lugar da mãe.

Oh! Meu pai!
 Oh! Valha-o Deus!
 Tanto chorar!...
 Eu lhos ajudarei a criar.

O romance Girinaldo, nas suas diferentes variantes, mostra-nos como as estruturas sociais de então, medievais, não eram tão rígidas como se diz. Vejamos parte do texto:

Para matar o Girinaldo...
 Criei-o de pequenino
 Para matar a princesa...
 Fica o reino perdido.

O amor sobrepõe-se ao prestígio social e aos compartimentos estanques de uma sociedade fechada. Aceita o casamento de um plebeu (o criado) com a princesa, filha do rei. Uma sociedade deve possuir, para funcionar bem, todos os ingredientes. A sátira é um desses elementos indispensáveis, tão do agrado da nossa gente. Modera os impulsos instintivos, abate o orgulho, estimula. Gera criatividade. A veia satírica cultivou-se mesmo antes de a poesia tradicional começar a tomar forma. É frequente tanto nas cantigas como nas quadras.

Já tive dezoito amores,
 Contigo são dezanove.
 Todos me saíram prata,
 Só tu me saíste cobre.

Nem sempre a crítica é suave como nesta quadra popular. Por vezes é grosseira, acutilante. Rivalidades clánicas ou tribais, são longínquas, próprias de todos os tempos e de todos os grupos sociais. Encontramo-las ainda expressas nas nossas aldeias. Eram frequentes no princípio do século. Aproveitavam-se as festas tradicionais, e degeneravam em motins que custavam a vida a alguns contendores. Ainda estão na memória das pessoas de oitenta anos. A propósito do melhor jogador de barra ou de ferro, do boi mais valente ou do fadista de veia mais fácil, geravam-se rivalidades que só o tempo foi diluindo. Os apodos geográficos, de uma forma ou de outra, contribuíram para caracterizar idiosincrasias.

A fome nasceu em Sendas,
 Foi baptizada em Paçó.
 Sacramentada em Valverde,
 E foi morrer em Grijó.

Embora a abundância fosse moeda rara há cem anos atrás, nenhuma aldeia aceitava de bom grado o cognome de esfomeado.



Adivinhas, provérbios e quadras populares são temas que ao de leve também afloram nesta colectânea. Os jogos de roda alimentaram todo esse lirismo tão espontâneo e vibrante do nosso povo. Junto da fonte, no largo principal, ou em frente da escola, foram dançados por crianças e também por jovens casadoiros, em tardes domingueiras e outros dias festivos. Despertaram amores furtivos, e quem sabe, se rivalidades pessoais.

Ó cantarinha de barro,
 Quem te leva à fonte? Quem?
 Não vais apenas de carro,
 Vais nos braços do meu bem.

E as rondas?! Ainda delas nos lembramos. Em sábado à tarde, dias de paga vinho, quando algum jovem ia para a tropa ou para o Brasil, percorriam as ruas escuras do povoado. Também elas deram o contributo à criatividade de verdadeiros rapsodos homéricos. O violão e a guitarra constituíam suporte instrumental comum de um estado de alma tão poético como musical.

Quando ouço uma guitarra,
 Não posso ficar calado.
 Logo minha mãe disse:
 Filho, nasceste p'ró fado.

Os Reis ainda hoje constituem amostra palpável da vitalidade de outros tempos. Viveram e vivem paredes-meias com as festas natalícias. São festas de Inverno. Reanimam a comunidade mergulhada numa certa letargia atípica. Preparam os jovens para a responsabilidade necessária que o novo ano lhes confere. Fomentam as relações de vizinhança. As nozes, o vinho e o fumeiro, não são apenas pretexto para estas relações, mas também ocasião de aconchegar o estômago com algo mais que as simples batatas, pão centeio e carne gorda de antanho.

Viva o dono desta casa
 Por cima de uma carqueja.
 Viva também uma rosa
 Que recebeu na igreja.

(Alfaião)
 Senhora qu' stá lá dentro
 Sentada na cortiça,
 Deite os olhos ao fumeiro;
 Dê-nos cá uma linguíça.
 (Larinho)

Como sequência lógica, temos o Carnaval com as manifestações culturais mais bizarras. Sem entrar em explicações académicas, apenas registamos o facto. Não é apenas o dia de Terça-feira de Carnaval, mas sim um longo calendário que inclui os compadres, as comadres, as cacadas, os casamentos ou pulhas (expressão usada no sul do distrito e comum a Vila Real), a Serra da Velha.

Estes ritos «aparecem, e são sempre modos humorísticos, atenuados, indirectos, e gerais do controle social da vindicta pública, que por outro lado atestam a unidade e a coesão do agregado social perante os acontecimentos; representam a voz do povo, a sua opinião crítica, o seu bom senso, espírito e gosto, numa mistura de elementos morais, satíricos, galhofeiros, e também obscenos e escatológicos, reveladores da sua vida mental em muitos aspectos». (Ernesto Veiga de Oliveira, *Festividades Cíclicas em Portugal*, p. 27).

A vida biológica ou social é complexa, mas constitui um todo. Neste, o religioso absorve a maior fatia. Em todas as manifestações, mesmo económicas, se sente a religiosidade mais ou menos ortodoxa de uma comunidade. Orações e ensalmos, procuram ser remédio ou resposta para a insegurança do dia a dia. A noite é agorenta. Oferece perigos. Recitam-se orações para melhor passar esse lapso de tempo.

Quatro cantos tem a casa
Quatro cantos tem a lua
Arrebenta daí, demónio,
Qu'esta cama não é tua.

É uma forma de esconjuro muito original, que procura libertar o espaço de viver, a casa, da influência maléfica do demónio. A invocação dos anjos e a presença da luz tornam a oração que segue mais eficiente.

Quatro cantos tem a casa,
Quatro círios 'stão a arder
Trinta mil anjos m'acompanhem
Na hora em que eu morrer.

Quem não tem ainda na memória estas e outras fórmulas que ouviu aos seus pais, aprendidas simultaneamente com as fórmulas ortodoxas do catecismo? São parte muito complexa e abundante da religião popular. Pequenos apontamentos da alma do nosso povo, incluídos neste trabalho, apenas pretendem chamar a atenção para o facto. A devoção às almas do purgatório foi o aspecto que mais sensibilizou os informadores.

Olha, cristão, que és terra!
Olha que hás-de morrer!
Do teu bom e mau viver.



Esta repetição do «olha» é como uma admoção séria aos desvios morais e religiosos do cristão mais desatento. O ambiente religioso das famílias, o toque plangente dos sinos, as relações entre dois mundos que é necessário manter em equilíbrio, explica esta insistência.

Lendas e contos. É o tema mais vasto e rico da vida de qualquer comunidade. Falta ainda fazer aproximações entre os diversos elementos. A riqueza literária de que são portadores não constitui o único interesse para estudar a cultura de um povo. Aculturações e enculturações, documentam-se na leitura de algumas lendas. Formas vocabulares neles inseridas fornecem pistas seguras para as marcas que todas as colonizações: pré-histórica, romana, germânica e árabe, deixaram em todo o distrito de Bragança. Palavras como penha escrita, castrilhão, ciradilha, pedrafita, castelar, fraga da moura encantada, tributo das donzelas, etc., ajudam a iluminar os períodos menos claros da nossa história. Os contos lembram-nos as noites longas de Inverno. Críticos, cómicos ou moralizantes, adaptam-se a todas as mentalidades. Com uma linguagem chã, e de vocabulário reduzido, são sugestivos, crepitantes como as brasas da lareira. A narração serve-se de comparações simples, tão ao gosto do auditório aldeão, que facilmente entende. Moça teimosa, História de um marido rabugento, Conto do Zé Pequeno e Zé Grande, Maria de Pedra, são uma pequena amostra, suficientemente rica para entusiasmar alguém que deseje salvar do olvido a memória multissecular de um povo.

Recolha de Histórias e Lendas Populares do Distrito de Bragança, foi o título que a Delegação da Junta Central das Casas do Povo de Bragança deu a uma tarefa louvável, de salvaguarda do nosso património escrito. Se é certo que nem todos responderam à iniciativa, o que dela resultou, esta pequena recolha, justifica de sobejo o seu valor. Valeu a pena. Este registo gráfico jamais se apagará. A industrialização da nossa agricultura, ora em período de aceleração progressiva, vai mudar o modus vivendi das comunidades. Não teremos mais cantigas da segada, geradas e alimentadas em plena faina agrícola. Mais do que as pessoas, mudam os esquemas de trabalho.

A canção e a poesia fluem do seu ambiente próprio, são respostas adequadas para exprimir estados de alma. Bem-haja a Delegação da Junta Central das Casas do Povo de Bragança na pessoa de Elutério Alves e Narciso Gomes, respectivamente responsável e técnico de animação cultural, por ter quebrado o ridículo de simples actividades burocráticas e nos ter proporcionado mais este pequeno cancionário.

Amavelmente responsabilizado na tarefa de o organizar, seguimos uma ordem lógica na disposição da matéria. Há repetições. Registámos os títulos que nos deram os informadores. Preferimos salvaguardar a originalidade deles e sacrificá-la a gostos pessoais. Houve necessidade de corrigir pontuações, destacar diálogos. Tivemos o cuidado de não prejudicar em nada a simplicidade dos temas que nos entregaram. Salvaguardou-se o fundo e a forma. Para as imprecisões e deficiências, que são nossas, esperamos boa compreensão. Para tornar o texto menos pesado, e mais documental, incluímos nele algumas transcrições musicais.

Belarmino Afonso 1985



MODESTO CONTRIBUTO (edição 1985)

Entre Novembro de 1981 e Fevereiro de 1982, lançou a Delegação da Junta Central das Casas do Povo, em Bragança, uma «Recolha de Histórias e Lendas Populares do Distrito de Bragança». Visava-se, então, como objectivos fundamentais:

- Sensibilizar as Casas do Povo para a importância de acarinhar e defender todo um vasto e variado património etnográfico existente no Nordeste Trasmontano, uma boa parte do qual sobrevive apenas graças à memória popular;

- Empenhar e envolver as próprias pessoas dos meios rurais na «Recolha» referida, convidando-as a que fossem elas próprias a passar ao papel aquilo que sabiam ou ouviam dizer oralmente. Assim se perderia, não o ignoramos, em rigor científico; assim se procurava ganhar em espontaneidade e, sobretudo, «investir» na chamada de atenção das populações para a necessidade de se atribuir o justo valor a esse tipo de manifestações da cultura popular, verdadeiro legado que urge receber e transmitir, qual «testemunho» de uma caminhada histórica milenar!

- Depois, e caso o material conseguido o justificasse, em qualidade e quantidade, publicar uma brochura do que de mais significativo se entendesse. É notável, bem o sabemos, quanto ao seu âmbito, qualidade de pesquisa e rigor científico, a obra já realizada por estudiosos insígnis do material etnográfico respeitante ao Distrito de Bragança. Não se tem, pois, em vista, com a pequena brochura que ora se publica, ombrear com os admiráveis trabalhos já feitos sobre a matéria.

Deseja-se apenas, e só, dar à estampa o que de mais valioso foi reunido, a propósito da iniciativa atrás referenciada. A generosidade e dedicação de quantos se envolveram neste processo, impõem-no! Assim o prometemos; assim o queremos cumprir.

Entretanto, se o carácter despretenhoso – que reafirmamos – do trabalho que agora (1985) se apresenta puder, de algum modo, constituir MODESTO CONTRIBUTO para divulgar, valorizar, preservar esse tesouro imensurável que constitui parte do substrato sociocultural das gentes deste nosso Nordeste onde nos inserimos – sentir-nos-emos muito gratificados.

É que, também a este respeito, «a messe é grande e os operários poucos».

Narciso Gomes 1985



AGRADECIMENTOS 1985

Uma publicação, mesmo que pequenina como esta, só é possível devido à conjugação de esforços e boa-vontade de várias ordens e diversa proveniência. Não pode, assim, a Delegação da Junta Central das Casas do Povo, em Bragança, deixar de agradecer muito reconhecidamente:

- A todos aqueles que, dos vários pontos do Distrito, se empenharam na «Recolha» por nós promovida, quer como «fontes», quer como signatários da mesma.

- Às personalidades que integraram o júri de apreciação dos trabalhos recebidos, que desinteressada e gentilmente aceitaram dar-nos o contributo do seu saber e experiência na matéria, os Ex.mos Senhores: Dr.^a Carolina Vitória Pires, professora efectiva do Ensino Secundário; P. Dr. Belarmino Augusto Afonso, professor de Antropologia Cultural da Escola do Magistério Primário de Bragança; Dr. Manuel António Gonçalves, professor do Ensino Secundário.

- Às pessoas que proporcionaram, com o seu canto, a gravação das várias cantigas e outro material cantado, cuja música publicamos nesta brochura.

- Ao Regente da Banda da Casa do Povo de Vinhais, Sr. Alberto Aníbal Ferreira, pelo trabalho de descodificação das músicas atrás referidas.

- A todas as Casas do Povo do Distrito, Estabelecimentos de Ensino, Párcos, Juntas de Freguesia, Jornal «Mensageiro de Bragança», Revista «Brigantia», Boletim «Povo Rural», Emissor Regional da RDP, em Bragança, e outros órgãos de comunicação social, pelo papel imprescindível que lhes é devido na divulgação e relevo concedidos à iniciativa.

- Referência e agradecimento muito particular nos cumprem ainda aqui deixar ao Rev.^o P. Dr. Belarmino Augusto Afonso, desta feita pelo trabalho e dedicação que lhe devemos, de selecção, compilação, ordenação, sistematização, e nota introdutória desta colectânea.

A Delegação da Junta Central das Casas do Povo em Bragança





1. ROMANCES POPULARES



LAVRADOR DA ARADA 1

Vindo um lavrador da arada,
Encontrou um pobrezinho.
E o pobrezinho lhe disse:
- Leva-me no teu carrinho.
Deu-lhe a mão o lavrador,
E no seu carro o metia.
Levou-o para sua casa
Para a melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia



Do melhor manjar que havia.
Sentou-o à sua mesa,
Mas o pobre não comia.
As lágrimas eram tantas
Que pela mesa escorriam.
Os suspiros eram tantos,
Que até a mesa tremia.
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha.
Por cima, damasco roxo.
Por baixo, cambraia fina.
Já pela noite adiante,
O pobrezinho gemia.
Levantou-se o lavrador
A ver o que o pobre tinha.
Deu-lhe o coração um baque.
Como ele não ficaria!
Achou-o crucificado
Numa cruz de prata fina.
Meu Jesus! Se eu tal soubera,
Que em minha casa Vos tinha,
Mandara fazer preparos
Do melhor que encontraria!
Cala-te aí, lavrador,
Não fales com fantasia!
No Céu te tenho guardada
Cadeira de prata fina!
Tua mulher, a teu lado
Que também isso merecia.
Agora baixou o sol
Louvado seja o Senhor



NAU CATRINETA₂

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar.
Ouvi agora, senhores,
Uma história de pasmar.
Passava-se mais de ano e dia
Que iam na vetalta do mar.
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar!
Deitaram solas de molho
Para o outro dia jantar.
Mas, a sola era tão rija,
Que não a puderam tragar.
Deitaram sortes à ventura
Qual se havia de matar.

Logo foi cair a sorte
No capitão-general.
- Sobe, sobe, marujinho,
Aquele mastro real.
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal.
- Não vejo terras de Espanha
Nem praias de Portugal.
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.
- Acima, acima, gajeiro,
Acima ao topo real.
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal.
- Alvissaras, capitão!
Meu capitão-general,
Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal!
Mais enxergo três meninas,
Debaixo de um laranjal.
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar.
A mais formosa de todas
Estava no meio a chorar.
- Todas três são minhas filhas.
Oh! Quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo hei-de casar.
- A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.
- Dar-te-ei tanto dinheiro
Que o não possas contar.
- Não quero vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.



- Dou-te o meu cavalo branco
Que nunca houve outro igual.
- Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar.
- Dar-te-ei a Nau Catrineta
Para nela navegar.
- Não quero a Nau Catrineta
Que não a sei governar.
- Que queres tu, meu gajeiro.
Que alvissaras te hei-de dar?
- Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.
- Arrenego a ti, demónio,
Que me estavas a tentar.
A minha alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao mar.
Tomou-o um anjo nos braços,
Não o deixou afogar.
Deu um estoiro o demónio.
Aclamaram vento e mar,
E à noite, a Nau Catrineta
Estava em terra a varar.

RECOLHA (1985) de Sebastião Agostinho Gonçalves, Gondesende – Bragança.





GASTADOR 3

Eu casei com uma donzela,
 Filha de um lavrador.
 Ela era muito rica,
 Eu um grande gastador.
 Gastei o meu e o dela
 E o que nos deu o Senhor.
 E depois de tudo gasto,
 Aprendi a podador.
 A vinha está podada
 Esvida tu, meu amor.
 - Eu tenho os dedos fininhos,
 Não posso esvidar, Senhor.
 - Meu amor, se fores à feira,
 Lá para os lados de Agrochão,
 Traz-me fitas e sedas.
 Bordaremos um pendão.
 Numa ponta põe-se a lua,
 Na outra os raios do sol.
 Lá no meio disso tudo,
 Jesus Cristo Redentor.



D. ÂNGELA

Onde vais, Ó D. Ângela,
Onde vais, Ó esposa minha?
Vais à vontade de teus pais
Que à tua não seria.
Lá no meio da igreja,
Duas falas ela diria:
-Deixa lá que não me louves,
Nem uma hora nem um dia.
-Dali vieram p'ra casa
Com tristeza e não alegria.
Todos comiam e bebiam,
D. Ângela não comia.
Levaram-na ao passeio,
A ver se ela distraía.
No meio do passeio,
Morta p'ra trás ela caía.
-Mandaram chamar o médico,
A ver o que ela tinha.
Tinha o coração virado
Com o debaixo para cima.
Debaixo do coração
Duas letras de oiro tinha
Uma dizia: - Adeus, João.
A outra: - Amor da minha vida!
-Os pais que têm filhas,
Não lhe tirem o casar.
Morreu esta donzela
Sem seu marido a lograr.



AMOR DE D. JOÃO ⁴

Descalça e em cabelo,
 Seu rosto alumiara.
 - Donde vens, ó Isabel,
 Tão desprezada?!
 - Venho de pedir à Virgem,
 A Virgem Santa Sagrada
 Que te levante dessa cama,
 Perdição da minha alma!
 - Se eu desta cama me levanto
 Ó minha rosa arrosada,
 Levar-te-ia à igreja
 E fazer-te mulher casada.
 - Mandaram vir três doutores
 Dos melhores que havia em Granada.
 Olharam uns para os outros.
 Nem uns nem outros falaram.
 E lá falou o mais novo
 Daquela boda sagrada.
 Três horas só tem de vida



E meia já vai passada...
Uma é de despedimento
Da sua querida amada,
E outra é testamento.
Deixa bens para a sua alma.
Novas, novas tristes
Me vieram de Granada.
Está D. João doente
Com pena da sua amada.
Seus pais lhe perguntaram:
- Tu que tens, ó meu filho,
Meu filho da minha alma?!
Olha a ver se deves a honra
A alguma menina honrada.
Devo-a a D. Isabel
Que a deixo desgraçada
- Paga-lhe tu com dinheiro,
Que tudo paga.
- Já lá deixei mil cruzados,
A ver se ainda casava.
- Que é isso, ó meu filho,
Para uma menina honrada?
Deixa mais trinta mil
P'ra mesma desgraçada.
- Estando eles nesta conversa,
A D. Isabel chegara...

RECOLHA (1985) de Altino do Nascimento Silva Vimioso.





ALTA VAI A LUA ALTA 5 (1ª versão)

Alta vai a lua alta,
 Mais que o sol ao meio-dia.
 Mais alta vai a Senhora,
 Quando para Belém partia.
 Madalena vai trás dela.
 Alcançá-la não podia.
 Alcançara-a em Belém,
 Onde ela estava parida.
 Era tanta a sua pobreza,
 Que nem um panal havia!
 Botou mãos à sua cabeça
 A um véu que ela trazia.
 Partira-o em três bocados,
 Onde Jesus envolvia.
 Um era para de manhã
 Outro para o meio-dia.
 Outro para a meia-noite,
 Enquanto Jesus dormia.
 Baixou um anjo do Céu,
 Panais de ouro trazia.
 Subiu o anjo para o Céu,
 Cantando Avé-maria.
 Perguntando-lhe o Padre Eterno
 Como estava a parida:
 - A parida ficou boa
 Numa sala arrecolhida.



ALTA VAI A LUA ALTA 6 (2ª Versão)

Alta vai a lua alta
Mais que o sol, ao meio-dia.
Mais alta vai a senhora,
Quando pelo céu subia...
Madalena vai atrás dela,
Alcançá-la não podia.
Alcançou-a em Belém,
Onde ela estava parida.
Era lá tanta a pobreza,
Que nem um panal havia.
Veio um anjo do céu!
Panais de ouro trazia.

CONDE NINHO 7



Lá vai o Conde Ninho,
O seu cavalo banhar.
Enquanto o cavalo bebe,
Canta um lindo cantar.
Acordou o rei no palácio,
Sua filha foi chamar.
- Levanta-te, ó minha filha,
Se queres ouvir cantar.
Ou são os anjos no Céu,
Ou é a sereia no mar!
- É o Conde Ninho
Que comigo quer casar.
- Se é isso minha filha,
Eu o mando já matar.
- Se a ele o mandais matar
Mandai-me a mim enterrar.
Enterrai-o a ele na igreja
E a mim ao pé do altar.
Morreu um, morreram ambos,
Na igreja os foram enterrar.
Dum saiu uma pomba branca,
Doutro um pombo trocal.
Quando o rei ia para a missa,
Andavam por cima a voar.
Quando o rei ia para a mesa
Nos ombros lhe iam pousar.
Malo haja tanto querer
Malo haja tanto amar
Que nem na vida nem na morte
Se puderam separar.



Ó CRUEL VENTO 8

- Ó vento, ó cruel vento,
Ó vento ladrão maioral.
Roubaste três igrejas
As melhores de Portugal.
- Se roubei as três igrejas
Tenho com que as pagar.
- Desonraste três donzelas,
Todas três de sangue real.
- Se desonrei três donzelas
Tenho dote para lhes dar.
- Mataste três sacerdotes revestidos ao altar.
- Se matei três sacerdotes,
Deus mo queira perdoar.
- As terras por onde passaste
Nem o fruto hão-de dar
As fontes aonde bebeste,
Depressa se hão-de secar.
O mar por onde passaste,
Em fogo se há-de tornar.



A BELA INFANTA

Estava a bela Infanta
No seu jardim sentada.
Com um pente de ouro na mão
Mui bem que se penteava.
Botou os olhos ao mar,
Viu vir uma grande armada.
E o capitão que nela vinha
Trazia-a bem governada
- Por Deus te peço, capitão,
Por Deus e por tua alma,
Que me digas se o meu marido
Vem na tua grande armada.
- Não o vi nem o conheço
Nem sei que sinas levava.
- Levava cavalo branco
Com sela de prata lavrada.
E na ponta da sua espada,



Uma cruz de ouro levava
- Pelas sinas que dais, senhora,
Morto ficou na batalha
Com sete feridas no peito
E a cabeça cortada.
- Ai de mim! Triste coitada!
Que ainda ontem era infanta,
E hoje sou desgraçada!
- Quanto deras, ó infanta,
A quem to trouxera aqui?
- Daria-te tanto dinheiro
Que nunca tivesse fim.
- Não quero o vosso dinheiro
Que não me pertence a mim.
Sou capitão, vou para a guerra,
Não existo mais aqui.
Quanto mais deras infanta
A quem o trouxera aqui?
- As telhas do meu telhado
Que são de ouro e marfim.
- Não quero as vossas telhas,
Que me não pertencem a mim.
Sou capitão, vou para a guerra,
Não existo mais aqui.
Quanto mais deras, infanta
A quem to trouxera aqui?
- Três filhas que eu tenho
Todas três tas dou a ti,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar
A mais bonita delas
Para contigo casar.
- Não quero as vossas filhas
Que me não pertencem mais a mim,

Sou capitão, vou para a guerra.
Não existo mais aqui.
Quanto mais deras, infanta
A quem to trouxera aqui?
- Não tenho mais que lhe dar
Nem você mais que me pedir.
- Ainda tem mais que me dar
E eu mais que lhe pedir
Esse corpinho bem feito
Para consigo dormir,
- Alto! Alto! Meus criados
Venham, acudam-me aqui!
Prendam este malvado
Que me pretendia a mim.
- Alto! Alto! Seus criados,
Seus criados são de mim.
- Se tu eras o meu homem
Para que me tratavas assim?
E o anel de sete pedras
Que eu contigo reparti?
Dá cá o teu metade,
Que o meu já está aqui.
- Ai de mim triste coitado
Que o meu na guerra
O perdi.

RECOLHA (1985) de Cremilde Amélia Pires. Baçal – Bragança.





DA IGREJA VEM O VELHO 9

Da igreja vem o velho,
Da igreja de rezar.
Seus filhos traz pela mão,
Sua mulher de enterrar.
Da igreja até casa
Não cessava de chorar.
Respondeu-lhe a filha mais velha
Como mulher liboral:
- Porque chora, ó meu pai?
Oh! Valha-o Deus! Tanto chorar!
- Choro pelos meus filhos.
Quem mos ajudará a criar?
- Os seus filhos, meu pai,
Eu lhos ajudo a criar.
Uns irão a servir o rei,
Outros passarão o mar.
E o mais novo de todos
Ficará pró senhor mandar



PÔR-DO-SOL 10

Agora que se pôs o sol
Lá por detrás daquela serra,
Levava capa vermelha
Que lha dera Madanela.

Madanela escreveu uma carta a Jesus Cristo,
E o portador que a leva é o frade S. Francisco.

São Francisco vai descalço,
Vestidinho de burel.

Vai levar a carta ao Divino Emanuel.
Ó Divino, ó Divino, ó Divino Imperador,
Levai as nossas almas quando deste mundo forem.



GIRINALDO 11 (1ª VERSÃO)



Girinaldo, Girinaldo,
Criado de El-Rei mais querido.
Queres tu, ó Girinaldo,
A noite dormir comigo?
- Eu, como criado vosso?..
Senhora, mangais comigo!..
- Não te mango, Girinaldo,
Que eu bem deveras to digo.
- Diga-me, minha senhora,
As horas que eu hei-de ir.
- Vai das nove às dez,
Que meu pai já está a dormir.
Ainda não eram as dez,
Girinaldo ao postigo...
- Quem me bate à minha porta?
Quem me arromba o meu postigo?
- Sou eu, senhora, que venho ao prometido.
- Traz os sapatos nas mãos
Que meu pai não dê sentido.
Foram-se deitar à cama,
Como mulher e marido.
El-rei sonhou um sonho,
Um sonho descolorido.
Ou que lhe dormiam com a princesa
Ou que lhe arrombaram o postigo.
Fica aqui, meu punhal,
Para que lhe sirva de castigo.
Acordou a princesa
Por achar o ferro frio.
- Acorda, acorda, Girinaldo,
Que meu pai deu sentido.
- Maio haja tal cama

Maio haja tal dormido.
Eu antes queria ser morto
Do que em tal cama ter dormido.
- Cala, cala, Girinaldo.
Não sejas tão atrevido,
Que meu pai é tão bom,
Que me casará contigo.
- Donde vens, ó Girinaldo,
Que me tardaste a vestir?
- Venho de dar grão aos cavalos,
Que ainda não tinham comido.
- Não me mintas, Girinaldo,
Que tu nunca me mentiste.
- Donde vens, ó Girinaldo,
Que me tardaste a vestir?
- Venho de dar de beber aos cavalos
Que ainda não tinham bebido.
- Não me mintas, Girinaldo,
Que tu nunca me mentiste.
- Venho de abrir um cofre
Que nunca tinha sido abrido.
- Para matar o Girinaldo...
Criei-o de pequenino!
Para matar a princesa...
Fica o reinado perdido!
Toma tu por esposa,
Ela a ti, por teu marido.
Girinaldo, Girinaldo, criado
De El-rei mais querido.



GIRINALDO (2ª VERSÃO)



Girinaldo, Girinaldo
Pajem do rei mais querido.
Queres tu, ó Girinaldo,
A noite dormir comigo?
- Quero sim, Real Senhora,
Mas estais mangando comigo?
- Não estou, Girinaldo,
Não estou mangando contigo.
- Diga-me, Real Senhora:
A que horas devo estar no postigo?
- Das dez para as onze,
Enquanto o rei está dormindo.
Ainda não eram as nove,
Girinaldo ao postigo.
- Quem bate à minha porta?
Quem arromba o meu postigo?
- Sou eu, Real senhora,
Que não falto ao prometido.
O rei estava sonhando
Com o que estava acontecido.
Pegou na sua espada
E foi dar volta ao partido.
Encontrou os dois na cama
Como mulher e marido.
- Para matar o Girinaldo...
Criel-o de pequenino.
Para matar a princesa...
Fica o reino perdido.
Meteu-lhe a espada no meio
Para que lhe servisse de castigo...
- Acorda, acorda, Girinaldo,

Que nós estamos perdidos!
 A espada do meu pai rei
 No meio de nós está metida!
 - Onde estavas, Girinaldo,
 Quando dei volta ao partido?

- Fui chegar o cavalo a beber,
 Que ainda não tinha bebido.
 - Não me mintas, Girinaldo!
 Nunca me tinhas mentido.
 - Fui dar de comer à rola
 Que ainda não tinha comido.
 A rola que dás de comer
 Criei-a eu com meu trigo
 Ama como tua mulher
 E ela a ti como teu marido.

RECOLHA (1985) de Artur dos Santos Madureira, Alfaião – Bragança.

GIRINALDO (3ª VERSÃO)



Girinaldo, Girinaldo
 Criado do rei mais querido.
 Bem podias, Girinaldo,
 Passar a noite comigo.
 - Por eu ser um criado, não esteja
 A mangar comigo, diga-me a sério;
 - Eu bem a sério to digo.
 - Se a senhora mo diz a sério, diga-me
 As horas a que hei-de ir,
 - Das onze à meia-noite,
 Que está o meu pai a dormir.
 Eram onze horas,
 Girinaldo a subir
 Com seus sapatos na mão



2. POESIA, VERSOS SATÍRICOS, LOAS,
APODOS, CASAMENTOS, SERRAR A
VELHA, CARNAVAL



2.1 POESIA EM BUSCA DOS MEUS AMORES

Em busca dos meus amores
Encontrei um campo cheio de flores
Deitei-me à sombra dele
Para que não me queimasse o sol
Levantei-me com o cantar do rouxinol

Rouxinol que bem cantas
Onde foste aprender
Ao palácio da rainha
Onde o rei estava a escrever

O rei estava na varanda
E a rainha no quintal
Atirando um para o outro
Com pedrinhas de cristal

RECOLHA 2005 SCMB Ana Maria Domingues, Idade: 86.
Localização geográfica: Maçãs, ORIGEM + 60 anos.

POEMA 1



É triste perder um pai
 Como eu perdi o meu
 Mas perder a nossa mãe
 É perdemos um pedaço
 Da vida que ela nos deu
 Ó minha mãe, minha mãe
 Musa da minha canção
 Deus te guarde lá no céu
 Como eu te guardei no coração

RECOLHA 2005 SCMB, CÂNDIDA CARVALHO, Idade: 81.
 Localização geográfica: BRAGANÇA – ORIGEM + 50 anos.

POEMA 2



Era uma vez um homem
 Que três vezes enviuvou
 Casando com mulher pobre
 Grande riqueza encontrou

Grande riqueza encontrou,
 Grande riqueza veio a achar
 Nunca mais àquela porta
 Uma esmola se viu dar

Só na semana santa
 E a semana que há-de vir
 Só ali um pobrezinho
 É que foi pedir

O homem que era
 Dorido do coração
 A esmola que lhe foi dar
 Foi um bocadinho de pão



Saiu a fera de lá de dentro
E das mãos lho foi tirar
Com a ira que trazia
A caldeira foi deitar

Anda cá ó homem,
Anda cá se queres ver
Uma caldeira cheia de sangue
Sem água a ferver

Ó mulher amaldiçoada,
Amaldiçoada de nação
Cobriste-te de ódio
Por causa de um pedaço de pão.

RECOLHA 2005 SCMB, DOMINGOS SARAIVA, Idade: 79.
Localização geográfica: MEIXEDO – ORIGEM + 50 anos.

POEMA 3



Eram três comadres
A fazer uma encomenda
Na função de Santo Andrés
Sarandilha andar, Sarandilha és...
Uma levava 9 pães
A cada uma tocou três
Sarandilha andar, Sarandilha és...
Outra levava 30 ovos
A cada uma tocou 10
Sarandilha andar, Sarandilha és...
Outra levava um "pelhejo de vino"
Mientras quando tirou três
Sarandilha andar, Sarandilha és...
Dali a um pouquito

Uma olhava para as estrelas
 Pareciam todas ao revês
 Outra olhava para a lua
 Que parecia Santo Andrés
 Dai um pouco chegou o marido da Inês
 Palos numa, palos noutra, palos em todas três
 A que levou mais palos foi la pobre Inês

RECOLHA 2005 SCMB, DOMINGOS SARAIVA, Idade: 79.
 Localização geográfica: MEIXEDO – ORIGEM + 50 anos.

POEMA 4



Para onde ides meus meninos
 Tantos e tão pequeninos
 Cheios de viço e frescor
 Vamos senhor para acolá
 Para a casinha que ali está
 No meio do arvoredado
 Sigam anjinhos então
 Vão ouvir com devoção
 O vosso bom professor
 Que a vossa escola
 É fonte de luz e de amor

RECOLHA 2005 SCMB, ENGRÁCIA NASCIMENTO BRANCO, Idade: 79.
 Localização geográfica: GUADRAMIL – ORIGEM + 60 anos.

POEMA 5



Meu filho respeita os ninhos
 Pensa na pena que tem
 A pobrezinha da mãe
 Quando se vê sem os filhinhos
 Por mais a jeito que os encontreis
 Tende respeito não os toqueis



As papoilas encarnadas
A brilhar entre os trigais
São tão lindas e delicadas
Como as rosas nos rosais

No verão as raparigas
Enfeitam os seus chapéus de palha
Com as papoilas amigas

RECOLHA 2005 SCMB, ENGRÁCIA NASCIMENTO BRANCO, Idade: 79.
Localização geográfica: GUADRAMIL – ORIGEM + 60 anos.

POEMA 6



Saudades tenho saudades
Desses tempos que lá vão
Quando à porta do quinteiro
Eu jogava meu pião

É que, então, na terra
Eram venturas para mim
Meu pai me dava biscoitos
Minha mãe beijos sem fim

Minha avó me defumava
De manhã com alecrim
Por esses prados amenos
Como contente eu saltei

Com o meu chapéu de dois bicos
Que de um papel arranjei
Em grosso pau a cavalo
Mais orgulhoso que um rei

De ser cristão nessa idade
Tenho já nobre altivez
A mitra com que fui bispo
Que o mano António me fez

Ao pé da minha Igrejinha
Bispo fui por muita vez
Vós inocentes “folguedos”
Eu via o tempo a voar

Se um dia vinha um sopapo
Que me obrigava a chorar
Dois de mimos cobertos
Eis a rir, eis a brincar.

Meu peão idolatrado
Que será feito de ti?
Papagaio da minha alma
Dias há que não te vi.

Doces biscoitos d'outrora
Quem nos dera agora aqui
Meigos beijos inocentes
Como ainda me lembrais

Cheirosos defumadouros
Que saudades me inspirais
Meu lindo chapéu de bicos
Não me enfeitarás jamais.

Grosso pau em que me montava
Cinzas talvez serás
A mitra com que fui bispo
Esfarrapada foi já



E a minha bela igrejinha
Em que mãos hoje estará?
Da infância, a negra saudade
Que a desgraça me reduz

A minha alma espevitando
Tem quase apagada a luz
Só vivo até que o meu peito
As escuras diga truz.

RECOLHA 2005 SCMB, ANTÓNIA FARIA, Idade: 94.
Localização geográfica: REBORDÃOS – ORIGEM + 60 anos.

POEMA 7



Minha mãe eu vi um dia
Foi quando meu pai morreu
Que amor de mãe como o teu
Neste mundo não havia!
Já fiz nove anos, querida
E às vezes, a dormir
Começo a filosofar
Cá nestas coisas da vida
Quando tu ontem deitavas
Meu pequenino irmão
E com tão meiga afeição
Sorrindo nos abraçavas!
E que tu mãe adorada
Teus dois filhinhos e eu
Para amar tenho de meu
Uma só Mãe e mais nada.

RECOLHA 2005 SCMB, ANTÓNIA FARIA, Idade: 94.
Localização geográfica: REBORDÃOS – ORIGEM + 60 anos.

POEMA 8



Ó Meu Menino Jesus
Quem te deu a casaquinha?
Foi minha avó Santa Ana
Com botões de prata fina.

RECOLHA 2005 SCMB, ANTÓNIA FARIA, Idade: 94.
Localização geográfica: REBORDÃOS – ORIGEM + 60 anos.

POEMA 9



Minha laranja redonda
Que eu não posso cortar mais
Já me dói o céu-da-boca
E o coração ainda mais

RECOLHA 2005 SCMB, DIAMANTINO FERNANDES, Idade: 72.
Localização geográfica: GONDESENDE – ORIGEM + 50 anos.

POEMA 10



Oliveira do Adro
O ramo dela tem virtude
Passei por ela doente
e logo tive saúde

RECOLHA 2005 SCMB, DIAMANTINO FERNANDES, Idade: 72.
Localização geográfica: GONDESENDE – ORIGEM + 50 anos. POEMA 11



POEMA 11



Ó que linda bonequinha
Que o papá me deu
Ninguém tem um papá
Assim tão bonzinho como é o meu

Todos os dias de festa
Prendas me tem dado
Mas nenhuma como esta
Tem sido como esta

Linda boneca
Tu és o encanto da minha vida
Oh oh quero-te tanto
Oh oh sê minha querida

Oh oh e no peito terás abrigo quando precisares
Oh oh oh oh!

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA ANICETA GONÇALVES, Idade: 86.
Localização geográfica: VILA FLOR – ORIGEM + 60 anos.

POEMA 12



Mirandela terra linda
Terra dos meus encantos
Onde lhe dão tantos carinhos
Tantos abraços tantos

Vou com isto terminar
Porque o tempo é pequenino
Vou em nome de minha mãe
Dar a todos um beijinho.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA AUGUSTA, Idade: 85.
Localização geográfica: BRAGANÇA – ORIGEM + 60 anos.



2.2 VERSOS SATÍRICOS A FOME

A fome nasceu em SENDAS
Foi baptizada em Paçó
Sacramentada em Valverde
E foi morrer a Grijó.



2.3 LOAS

Os senhores de Carragosa,
Não são como pensais.
Abateram um burro
Para dividir pelos demais.
Desculpem, meus senhores,
Desculpem por aqui vir.
O burro que vocês mataram
Aqui estou para o dividir.
Eu venho dos talhos de Mirandela, Régua e Macedo.
Aos senhores de Carragosa
Não lhes dou nem um pêlo,
Pois bem basta a carne que já comeram.
Aos senhores de Soutelo
Damos-lhe o burro por inteiro
Para que apanhem o carvão
Para a forja do ferreiro.
Aos senhores de Cova de Lua,

Damos-lhe a tripa do cagato
 Para que nela levem a pólvora
 Quando forem para a caleira.
 Aos senhores de Vilarinho,
 Damos-lhe as tripas delgadas.
 Como é terra de tocadores,
 Servem para cordas de guitarras.
 Aos senhores do Parâmio,
 Damos-lhe uma parte da testa
 Para que a ponham de memória
 Lá no cimo da resta.
 Aos senhores de Maçãs,
 Que estão para ali escondidos,
 Damos-lhe do burro as orelhas
 Para tapar os ouvidos.
 Ocorreu em Carragosa,
 Lá do velho continente,
 Que abateram um burro
 Para dividir pela gente.

RECOLHA (1985) de Sebastião Agostinho Gonçalves. Gondesende – Bragança.

2.4 APODOS

APODOS 1



Cucos os de Terroso
 Carunheiros os de Espinhosela
 Rendidos os de Gondesende
 Valentes os de Portela

RECOLHA (1985) de Sebastião Agostinho Gonçalves, Gondesende – Bragança.



APODOS 2



A fome nasceu em Sendas,
 Foi baptizada em Travanca,
 O pai era de Macedo,
 E a mãe de Vila Franca.
 Dali foi para Failde,
 Depois viveu em Paçó,
 Foi morrer em Carrapatas,
 Sendo enterrada em Grijó.
 Deixou os socos aos da Junqueira,
 A carapuça aos de Agrobom.
 A fralda aos da Trindade
 E a jaqueta aos de Valbom.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade — Alfândega da Fé.

APODOS 3



Em Viduedo Caretos
 Os de Lanção são Casqueiros
 Os de Sortes Suvioes
 Serapicos. Carvoeiros.
 Os de Izeda Tranca Portas,
 Em Carçãozinho são Chedes.
 Vila Boa são Pelinchos,
 Em Calvelhe Escaravelhos
 Os de Valverde Lagartos,
 E os da Freixeda Galegos

RECOLHA (1985) de Maria da Assunção P. Rodrigues – Serra da Nogueira.



2.5 CASAMENTOS

Como antigamente demoravam os namoros, ou porque não havia meios de transporte, pois vinham os namorados só ao domingo a pé ou a cavalo, tudo corria lentamente. Menos de dois ou três anos, não se realizava o casamento.

As raparigas iam a um silvado. Amarravam uma silva. Prendiam-na na ponta, para engrossar, em forma de arco. Servia para depois enfeitar com flores, verduras, fitas e laços. Iam a casa do noivo buscá-lo com o arco. À saída diziam-lhe loas:

Do tempo de solteira
 Não se há-de lembrar,
 Pois o senhor fulano
 Há-de sabê-la estimar.

A noiva ia para a igreja debaixo do arco, com o padrinho ou o pai. Ia um homem com uma espingarda, que aguardava à saída da igreja o fim da cerimónia. À saída diziam mais loas à noiva:

Aqui tem este raminho
 Abanadinho do vento.
 Se o queria mais florido,
 Casara-se noutro tempo.
 Ó senhora Maria Amaral
 Dá boas tábuas
 Para fazer uma espadela.



CASAMENTO DA VELHA

Palhas altas leva o vento!
Aqui se faz este casamento
Que por nós foi ordenado.

O ladrão que o desfizer
Ficará excomungado.

Com quem nós havemos de casar Mário dos Santos

- Com Ana bela que bem o há-de estimar.

O que lhe havemos de dar de dote?

- Uma sorte na Devesa para os dois trabalhar.



2.6 SERRA DA VELHA SERRAR AS VELHAS 1

No Carnaval era hábito também serrar as velhas.
Com uma serra e um cortiço iam à porta das senhoras mais idosas e diziam por exemplo:

Serramos a tia Emília,
Por já ser muito velhinha.
A madeira que ela dá
Só serve para uma aduela.

Mais tarde, em vez de serrar as velhas, começavam a fazê-lo às novas, cantando ou falando assim:

Agora serramos as novas,
Que as velhas estão carunchosas.
As madeiras que elas dão
Servem para casas novas.

Serramos a Francisca,
Por ser rapariga bonita
A Madeira que ela dá
Serve para fazer uma pipa.



SERRAR AS VELHAS 2

Ao meio da Quaresma era hábito ir à noite à porta das mulheres velhas, que já eram avozinhas. Os rapazes, com um cortiço de espadar o linho e uma serra, chamavam com algazarra:

Vamos serrar esta velha
Que está muito velhinha.
Ela nos vai a dar
Tábuas muito fininhas

Depois gritavam:

Ai minha avó!...
Ai minha avozinha!...
Serra, João, que eu vou pelo pão!...
Serra, Martinho, que eu vou pelo vinho!...



2.7 CARNAVAL, TESTAMENTO DO ENTRUDO ATORREAR

Quinze dias antes do Carnaval, iam os rapazes da aldeia para os altos mais próximos, com funis grandes a que chamavam folhas, e lhes serviam de altifalantes. Ali chamavam pelas raparigas, e em verso, davam a conhecer a vida delas. Por vezes, isto irritava-as. (Uma quadra apenas).

Ó fulana? ...
Estou metida num poço!
Ainda antes de casar,
Requereste o divórcio.

Isto principiava pelas dez horas e prolongava-se até à meia-noite ou mais.

RECOLHA (1985) de Olinda Pereira, Sambade – Alfândega da Fé.



DEIXAS 1



Deixo à Beatriz,
Por ser já espigadota,
Um funil e uma azeiteira,
Um fuso e uma roca.

Deixo à Maria Cândida,
Por ser uma linda flor,
A caneta do Entrudo
Para escrever ao amor.

Deixo à Maria Amélia,
Por ter bom coração,
A sombrinha do Entrudo
Para passear no Verão

RECOLHA (1985) de Olinda Pereira, Sambade – Alfândega da Fé.

DEIXAS 2



Deixamos à Maria Antónia
Por morar ao cantinho,
A gravata do entrudo,
Para dar ao Zezinho

Deixamos à Angelina
Por ter bom coração,
Uma roca e um fuso,
Para fiar ao serão

Deixamos à Aurora,
Por ser boa tecedeira,
Uma albarda sem cornicho,
Para quando for à feira.

Essas meninas solteironas
Não sei que estão a fazer...
O sol passou pela porta
E já se está a esconder.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.

PULHAS DO ENTRUDO



Ó Maria, esta te quero notar!
Já me deram por notícia
Que te ias a casar.

Ó Maria, olha bem para o que fazes!
Não deixes o Manuel,
Porque ele é um bom rapaz.

Ó Zulmira, raminho de salsa crua!
Quando vai ao pé do Serafim
Pareces mesmo uma pirua.

RECOLHA (1985) de António Alberto Cascais. Larinho – Moncorvo.



CACADAS

Pelas proximidades do Carnaval havia o costume de pregar uns sustos, às vezes a pessoas amigas, descuidadas de fechar a porta. Outras vezes, os rapazes às namoradas, por partida.

Abriam-se as portas das pessoas, de mansinho, e atiravam-se pela casa fora, coisas que causassem ruído. Usavam-se para isso bulhacos secos, cacos partidos, e, por consideração, castanhas, amêndoas e nozes.



ESPANTAR RATOS

Quando havia casamentos, era costume a rapaziada mais jovem juntar -se, arranjando umas campainhas que os bois costumavam usar ao pescoço, chocalhos também dos gados e latos, onde batiam com paus, e ir rondar a casa dos noivos onde eles iam ficar, mais ou menos, na hora de tudo se deitar, fazendo grande barulheira.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.



O CARNAVAL EM SAMBADE

Logo de manhã cedo se sentiam as bombas a alertar a chegada do Entrudo. Sentia-se o chiar dos carros, uns após outros, muito enfeitados. Atrás deles vinham rapazes montados em cavalos enfeitados com bexigas de porco, cheias de vento para bater com elas na cabeça das pessoas.

Em seguida, aparecia um rancho de raparigas e rapazes cantando ao som de música, muito enfeitados. Os rapazes traziam nas mãos saquinhos com farinha para enfarinhar o rosto das raparigas.

À tarde, pelas 4 horas, tocavam os sinos anunciando que iam ler as Deixas do Entrudo.

As Deixas são uns versos que um rapaz vestido de Carnaval lê para toda a gente ouvir, dedicadas às raparigas. Sobe a uma varanda, e em baixo está toda a gente ouvindo. Vou escrever algumas delas:

Deixo à Maria Antónia
Por ter o olhar fagueiro
As ceroulas do Entrudo
Para oferecer ao testamenteiro.

Deixo à Belmirinha
Por andar devagarinho,
O Entrudo já a viu
A namorar num cantinho.

Deixo mais à mana
Por se chamar Branca Flor
Os sapatos do Entrudo
Para oferecer ao amor.

Deixo à Constância,
Por ter bom coração
O chapéu do Entrudo
P'ra ir à feira no verão.

Ao anoitecer, vão enterrar o Entrudo. É um boneco de palha dentro de um caixão. Levam luzes, água para benzerem o Entrudo. Um rapaz faz de padre, cantando os responsos. Vai toda a garofada atrás, gritando com força, despedindo-se do Entrudo, até para o ano.



VERSOS CANTADOS E RECITADOS NO CARNAVAL

Acrisolados irmãos,
Em nome de Deus, A mãe.
Peço-vos toda a atenção.

Eu sou Silvino da Cunha Camelo.
Moro na rua do nunca a vi,
Número duzentos e dezadois.

Palavras são rotas
Do capítulo catrozeno
Quem não come sarrabulho
Não caga moreno.

E para mais certeza do mundo
Quem não sabe nadar
Bate lá no fundo.

RECOLHA (1985) de Narciso João Torrão Vicente – Vimioso.



TESTAMENTO DO ENTRUDO 1

Testamento do Entrudo feito dia 26 de Março do ano de 1952, por um vimiosense que emigrou para o Brasil.

O Testamento era sempre lido no dia de Carnaval, na Praça desta Vila, à frente do Entrudo.

Durante o ano os acontecimentos de destaque, as cenas, rixas e discussões passadas entre amigos, famílias e vizinhos, no dia de Carnaval saíam para a rua representadas ao vivo e ninguém levava a mal. Como desde há muito se diz «Dia de Entrudo passa tudo».

A 1ª parte deste Testamento refere-se à chegada ao estrangeiro de um vimiosense. A recepção que teve por todas as pessoas, principalmente pelo seu irmão FAGO, o animador, o incentivador dos Carnavais passados nesta Vila e a crítica a todas as meninas, rua por rua.

A 2ª parte é inteiramente dedicada a todos os comerciantes, pessoas de renome nesta Vila.

A 3ª parte é composta pelo Testamento feito ao Entrudo, toda a sua vida e profissões, tendo como final a crítica a todas as outras pessoas de Vimioso tais como, sapateiros, taberneiros, alfaiates, proprietários de Pensões, cortadores, fogueteiros, etc.

Para concluir e como não podia deixar de ser, um agradecimento a todos os Coreanos pelo auxílio que deram a todo o grupo que compunha a contradança. Conclusão final; no dia de Entrudo de há mais de 30 (trinta) anos, a todas as pessoas de Vimioso lhe era dedicada uma quadra. Estes dados foram obtidos através de duas pessoas de Vimioso, com mais de setenta anos de idade.



TESTAMENTO DO ENTRUDO 1ª Parte



Ora vivam, meus senhores,
A todos quero abraçar,
Porque eu não tinha ideias
De este ano vos vir abraçar.

A razão é muito simples.
Eu vos a vou a dizer:
Não queria vir a esta terra
Para tanta pena não ver.

Eu trago muita tristeza
Dentro do meu coração,
Por encontrar de luto
O meu querido irmão

Eu já estava desconfiado
Que alguma coisa se tinha dado.
Estávamos próximos a este dia
E sem me escrever o meu Fago.

Mas sempre tenho amigos
Que auxiliem meu irmão Fago.
Este ano vim a pedido
Da malta do Zé do Telhado

Ele estava a duvidar
Que lhe aconteceria algum perigo.
Até vinha receoso
De não ser bem recebido

Mas isso não aconteceu.
Tudo lhe guardou respeito.
Logo assim que chegou,
Ficou muito satisfeito.

O Camões estava alerta,
Com um foguete na mão.
Vai logo o António Fago,
Deita-o que já vi meu irmão.

Ao chegar o grande homem.
Foi uma coisa de espantar!
Logo o Sr. Carvalho, deu ordens
Para a música tocar.

Ele veio da Argentina,
Dum País belo e formoso,
Ver sua terra predilecta
E a gente de Vimioso.

Quando nesta terra entrou,
Ficou todo espantoso
Por ver tantas meninas
Só a pedirem-lhe gozo.

É tão putanheiro
Que se não pode explicar,
Assim que lhe apiscou a uma
Julgou que era para casar.

As outras com inveja
Olham para ele a chorar
Mas ele logo lhe disse:
- Eu com todas não posso casar.

Para evitar questões
E não estar com maçada,
Vou pedir informações



Lá vem o Argentinito
Dos centros da Argentina.
Só veio a esta terra
Para escolher uma menina.

Logo que chegou aos Barreiros,
Deu ais da sua vida.
A única que lhe agradava
Disseram-lhe que estava pedida.

Ao chegar à Capela,
Junto com os seus companheiros,
Viu umas a namorar,
Outras casadas com pedreiros.

Ali não ficou contente,
Logo deixou tudo em paz.
Seguiu imediatamente
Para a rua de Trás.

Ao chegar à rua de Trás
Pintava as trinta mil.
Eu sabia que as havia boas
Mas já se foram para o Brasil.

Ali não ficou contente
Com aquela grande embrulhada.
Logo se foi direito ao Jogo
Que ali só viu canalhada.

Logo que chegou ao Jogo,
Cá o nosso gigante,
Ouviu certas línguas.
Pareciam um alto-falante

Do jogo seguiu para cima.
Para rua da Calçada.
Mas ali não lhe agradaram
Não quis lá demorar nada.

Seguiu para Caleja das Freiras
Muito bem prevenido;
Que não lhe falasse a nenhuma
Senão era atendido.

Olhou para uma janela,
Ficou todo admirado,
Por ouvir a uma menina:
- Queres dançar o repassiado?

Espera aí, rapariga,
Comigo terás que ter muita cautela.
Não me faças saltar muito,
Senão vou-me já para a Portela.

Aqui paro pouco tempo.
Vou-me já para a outra banda.
Não quero estas meninas,
Porque são todas da propaganda.

Na rua da Portela,
Delas tem que duvidar.
Podem-lhe dar alguma bebida
Para o obrigar a casar.

Até logo saiu
Porque não lhe encontrou graça.
Fugiu directamente
Para o Largo da Praça



Ao chegar ali,
Viu caras descaradas.
Pois eu a vós não vos quero,
Que já estais reformadas.

Vou-me já daqui embora.
Estas não me interessam nada.
Vou ver se me agrada alguma
Na rua da Malhada.

As raparigas da Malhada
Parecem umas redolhas.
Os rapazes de cá não lhe ligam,
Tem que se agarrar aos trolhas.

Vou a partir daqui
Para a rua da Rapadoura.
Não quero estas raparigas
Que vão com os rapazes para a manjedoura

Esta rua custa a passar
Por haver muito toleiro.
As meninas que há cá
Valem pouco dinheiro.

Estas ainda não lhe servem
Por serem muito impreais.
De tanto que luxam,
Já empenharam os casais.

Vou já daqui embora,
Não posso mais demorar.
A rapariga do meu ideal
No Fundo da Vila devo encontrar

Estou cheio de percorrer,
Até já me sinto cansado,
Já corri as ruas todas,
E se mal de carro, pior de arado

Até parece impossível!
Estou mesmo contrafeito.
Correr Vimioso todo
E não encontrar uma menina de jeito.

Rapazes de Vimioso,
Tanto velhos como novos!
Não queirais raparigas de cá,
Ide por elas aos povos!

Vós não queirais casar cá,
Ide por elas às aldeias!
Sois rapazes tão pimpões,
E as raparigas todas feias.

Esta vida não me agrada,
Não perco mais um instante.
Vou tratar dos meus negócios,
Ali com um comerciante

TESTAMENTO DO ENTRUDO 2ª Parte



Só veio a Portugal
Para dois negócios tratar.
Viu o comércio do Morais,
Tratou logo de entrar.



Ali pouco tinha que fazer.
Não eram negócios da sua qualidade
Adeus caro amigo,
Vou tratar com o Frade.

Ora viva ó senhor Frade,
Como está como passou?
Eu trago um bom negócio
Que ainda ninguém dele se lembrou.

Bons negócios para mim?
Custa-me a acreditar,
Mas você parece sério;
Faz favor de se sentar.

Então que negócio que você tem
Para ser tão encoberto?
Olhe bem para mim,
Que eu também sou esperto!

Ao ouvir aquilo,
Deu-lhe um choque o coração.
O negócio que quero fazer
Só sendo com o Martins e Irmão

Quando dentro entrou,
Ficou todo admirado.
Disse lá para ele:
- Não sairei daqui roubado.

Vou-me já embora.
Não negoceio em envelopes.
Quero negociar em peles,

Chegou o Antoninho Lopes,
Já ia fugindo o dia.
Com ele não pude negociar,
Porque andava na orgia.

Já veio um bocado tarde,
Porque vinha lá do fado.
O negócio das lãs não é comigo,
É com o meu empregado Fago.

Se é com o António Fago
Safo-me nesta ocasião,
Mas mandaram-me acautelar
Porque ele rouba para o patrão

Vou-me já daqui embora.
Já não me tenho de pé!
Vou a tratar do negócio
Com o José Virolé.

Antes de entrar para lá,
Alguém o tinha avisado
Tenha cuidado, amigo,
Que daí vai sair roubado

Quando dentro entrou,
Tratou de o cumprimentar.
Diga lá em que negoceia
Para comigo tratar?

Negoceio em castanha e pão.
Aqui outra coisa não há!
Não me serve esse negócio,
Vou-me para casa do Tátá.



Ele logo assim que o viu,
Mandou entrar o cavalheiro.
Para negociar comigo,
É preciso trazer dinheiro!

O que o senhor quer é dinheiro,
Já não há que duvidar.
Adeus, caro amigo,
Vou com o Rodrigues falar.

Ao entrar no José Rodrigues,
Tudo lhe causou espanto.
Por ver tanto freguesia,
Todas tendeiças do Campo.

Quando viu o grande homem,
Tratou logo de o atender.
Diz logo para a criada:
- Traz-lhe alguma coisa para comer

Obrigado, meu amigo,
Já vejo que é grande artista!
Vejo já na sua treta
Que parece ser vigarista!

Até logo, grande amigo,
Já me vou a retirar.
Meteu-se na copofonia,
Não o posso aturar.

Ao entrar no Júlio Buga,
Como de nada sabia,
Viu-o andar a passear,
Por não ter freguesia.

Daí voltou para trás.
Torceu sua carreira
Para fazer negócio bem feito,
Em casa do Fernando Barreira

Ficou muito admirado
Com a freguesia que tinha.
Mas, não se admira nada,
Que grande treta tem a Isabelinha

Dali retirou logo,
Não se fez lá muito velho.
Foi logo cumprimentar
O amigo Senhor Coelho.

Nele viu muita seriedade,
No patrão Senhor Coelho.
Mas já se via roubado
Pelo caixeiro mais velho.

Diz ele lá para o caixeiro:
- Eu em ti já não me finto.
O Patrão não quer que roubes,
Vou-me ao comércio Pinto.

Ao entrar no António Pinto,
Viu que era um grande artista.
Olhou para o João Pinto
E tinha cara de contrabandista.

Logo que o viu careca,
Isto não são grandes fins.
Vou-me já a retirar
Para o Alfredo Martins.



Ao entrar no estabelecimento,
Cumprimentou o grande senhor,
E antes de falar mais nada,
Viu que era hipnotizador.

Assim que o cumprimentou,
E via que tinha trabalho,
Venha cá grande amigo
Vamos ao café Carvalho

Ali tomaram cerveja
E mais bebidas do seu agrado.
Vou acabar o negócio
Em casa do Zecas Machado.

Já vejo que é descarado,
Na sua cara o desengano,
Com o senhor não faço negócio,
Que tem latim de cigano.

Para acabar com tudo,
Vou-me meter no fado.
Mando chamar os coreanos,
E a malta do Zé do Telhado.

Ó que bela malta.
Para comigo andar!
Onde moram as nossas raparigas?
Que à porta lhes quero ir cantar.

Andamos até altas horas
No fado, linda canção.
O cantar-lhe às raparigas
Consola-me o coração

Por mim não me lembraria
De vos ir apartar.
Mas, esta festa são três dias,
E mais tempo não pode durar.

TESTAMENTO DO ENTRUDO 3ª Parte



Senhores e Senhoras,
Prestem toda a atenção!
Vamos ler o testamento
Que D. Entrudo nos deixou

Senhores, que me ouvem,
Façam favor de escutar
Aquele homem que
Seu testamento vai notar.

Em três dias se resume
A sua vida folgada,
Por ser amante, de Vimioso,
Não abandona a rapaziada.

Seu pai era tocaio,
Sua mãe Dona Gertrudes.
Todas as suas manas
Senhoras de grandes virtudes

A mais nova, coitadinha,
Gostava dum capitão
Foi para o pobre Entrudo
A primeira satisfação.



A segunda mais matreira
Namorou-se dum Doutor.
Foi para o pobre Entrudo
A segunda satisfação melhor.

A terceira era bem boa
Mas era pouco leal
Um rapaz pediu-lhe um beijo
E meteu-o no tribunal

Ora vejam a pouca sorte
Que para mim traz alegria
Ainda para dar mais escândalo
Foi parar à moraria.

Para esquecer as melancolias
Destas grandes confusões,
Bebeu durante o dia
Meia dúzia de garrações.

E durante a sua vida,
Até à morte, coitado,
Com palheto e carrascão
É que andava alimentado

Por isso também, às vezes,
Lhe doía o coração,
E como não ser assim
Se tinha aguda lesão?!

Mas foi o rei da ramboia,
Da paródia foi o rei.
Que houvesse outro melhor,
Nunca no mundo achei

Como ele fosse muito rico,
Tivesse muito dinheiro,
Deu-lhe para viajar
Percorrer o mundo inteiro.

Mas se ele tinha dinheiro
Também tinha aptidões,
Que a par de bordaleiro
Lhe deram colocações

Foi ministro, deputado,
Foi notário, foi doutor;
Foi marinho, foi soldado,
Foi alferes procurador

Foi capitão, general
Foi marujo, foi cantor;
Foi na terra o principal,
Chegou a ser prior

Foi abade, sacristão.
Foi polícia carcereiro;
Foi esbirro, foi escrivão,
Lavrador, pantomineiro.

Foi pintor, foi sapateiro.
Dançarino e marchante;
Bispo, foi engenheiro,
E também negociante.

Foi patife, foi honrado.
Trabalhador e madraço;



Foi caixeiro, foi pastor,
E cãozinho de regaço.

Ele teve todos os vícios
Como todas as virtudes.
Em casa só ramboia,
Com vinho sempre aos almudes.

Já prestes a morrer...
Sinto-me muito agoniado.
O que não posso é esquecer-me
Da malta Zé do Telhado.

Baltazar e Zé Pequeno,
E também o Ferrador.
Zé do Telhado e Simão
E Sérgio o vingador

Agradeço a toda a gente
Que se encontra a meu lado,
Mas acima de todos,
À Coreia e Zé do Telhado.

À Comissão do Carnaval
São homens muito honrados.
Para me trazer a Portugal
Ficaram todos empenhados

Zé do Telhado e Zé Pequeno
Não sei qual o mais planeta.
Um empenhou as tesouras,
E outro empenhou a caneta

O Simão e Baltazar
São muito amantes da farra.
Um empenhou a sobela,
E outro empenhou a guitarra.

O Sérgio e o Ferrador,
Já não lhe dou mais maçada,
Um empenhou a mula velha,
E outro empenhou a enxada.

Aos amigos da terra,
Não os quero desprezar,
Vou fazer um testamento
Do que lhe hei-de deixar.

À senhora Conceição,
Muita coisa lhe quero deixar.
700 travessas de ferro
Para a casa especar.

Ao senhor José Diz,
Também o quero auxiliar,
Deixo-lhe a minha criada
Para os hóspedes despachar.

Deixo à amiga Cesária
A bolsa do meu dinheiro,
Para mandar fazer quartos,
Para o fandango não ir para o palheiro.

Deixo ao amigo Zé Toto,
Como a freguesia é tanta
O vinho melhor de Sendim
Para que tenha mais garganta



Deixo ao Chico do Barranco,
A todos mais que tudo.
Como tem pouca barba,
Demos-lhe os do Entrudo.

Deixo ao João Neto
Uma balança sem pilão,
Para pesar o trigo
E a mulher enterrar a mão.

Deixo também ao Izidro
Uma biblioteca sem livros,
Para não andar pelos cabeços
Sacrificar seus filhos.

Ao Amigo Liberdade
Também o quero contemplar,
Deixo-lhe uma fragoneta sem motor
Para o filho guiar.

Ao amigo Garra
Não o posso desprezar
Deixo-lhe um caixeiro novo
Para os fregueses despachar.

A amiga Procópia,
Também lhe quero deixar
5 Reis de paciência
Para o homem aturar.

Deixo ao António Gigante
As agulhas e seus cordões
Para poder consertar
Albardas molidas e colherões



Deixo ao Manuel Xé
Um vagão de cereal
Para atrair as pombas
Para o seu rico pombal

Também deixo ao Duarte
O livro das orações,
Para ajudar à missa
Em certas ocasiões

Ao amigo Camões,
Nada lhe posso deixar,
Devido à grande indústria
Com o fogo vai acabar

Ao senhor Carvalho e Branquito
Muito tenho que lhe deixar
3500 cadeiras
Para o cliente se sentar.

Ao Anibal Doutor,
Como está para ali sozinho,
Deixo-lhe um ferro para jogar a barra,
Senão, não gasta o vinho

Deixo ao amigo Barrosão
As esporas e umas luvas
Para andar pelos povos
A intimar as testemunhas.

Ao amigo Branquito,
Também tenho que deixar,
Deixo-lhe a minha espingarda
E o cão para caçar.



Ao Ferraz e Guarda-rios
Não os posso esquecer
Deixo-lhe um peru e um frango
Para com o Bernardino comer.

O Bernardino, desconfiado,
Isto não quis aceitar,
Entrou logo para dentro
E seus objectos foi guardar.

Ao Carrá Procópio e Jagá,
Emílio, e alguns mais
Deixo-lhe um grande presente
O pipão do Zé Moraes.

Lico Eduardo e Beiçola,
Muito tenho que lhe deixar,
Deixo-lhe um barco bom
Para no Brasil se irem juntar.

Ao amigo João João
Deixo-lhe a panela e o taxo
E para mais se entreter,
Uma rede e um mingaxo.

Ao José Maria pote,
Como homem pacato,
Deixo-lhe para cada dia
3 arrobas de tabaco

Ao meu amigo Xastre,
Também tenho que lhe deixar;
Uns óculos de meia-idade
Para ver a trabalhar

Não posso esquecer
O meu amigo Candidinho,
Deixo-lhe a minha cadela
Para lhe ensinar o caminho.

Também deixo ao Mosgata
Como é meu inimigo,
Uma espingarda sem canos
Para nunca dar um tiro.

A vós, rapazes solteiros,
Vou dar-vos uma lição:
Não namoreis raparigas de menor
Que é a vossa perdição.

Elas fazem-se inocentes.
Isto é um caso fatal.
Quando lhe chega o aperto,
Vão com vós para o Tribunal.

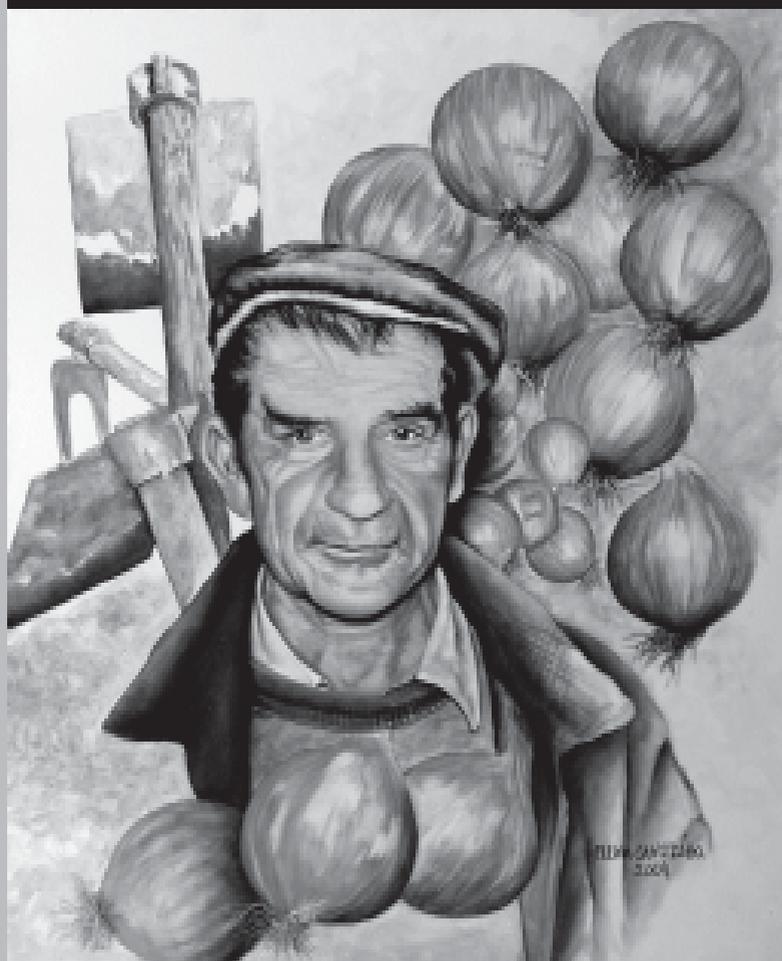
Ao amigo João Costela,
Como é o mais impertinente,
Deixo-lhe para matar o bicho
10 litros de aguardente.

Ao Carlos do Zé Joaquim,
Também lhe deixo uma lembrança,
Por fazer os calções bem feitos
Para a nossa contradança.

Ao meu amigo Petrela,
Também não o posso esquecer
Deixo-lhe uma batuta
Para a banda reger.

A cura di
Maurizio
Cassella





3. ADIVINHAS



UMA ADIVINHA

Uma filha de D. Afonso Henriques mandou publicar uma ordem. Casaria com um rapaz que lhe fizesse uma adivinha, que ela não adivinhasse. Muitos foram e ficaram sem nada. Por acaso, ali numa aldeia, havia uma mulher que tinha um filho, que não era bem acabado. No entanto, o dito rapaz soube-o e foi dizer à mãe que queria ir fazer a adivinha à filha do rei. Por isso, que lhe fizesse a merenda. A mãe, coitada, tentou desviá-lo de tal lembrança, porque via que ele era tolo. Mas não houve meio. E foi.

A mãe fez-lhe a merenda, mas deitou-lhe veneno, para que não fosse a ser mal tratado e morresse no caminho.

Anoiteceu, e o rapaz deitou-se, no caminho.

Ora a burrinha em que foi a cavalo comeu-lhe a merenda e morreu. Foram três cães e morreram também. Foram mais sete corvos, e morreram.

Ele que faz?

Abre a burra, tira-lhe uma burriquinha que levava dentro. Tira-lhe uma correia do lombo, e lá foi à presença da rainha, a fazer-lhe a adivinha.

Diz--lhe:

- Olhe, menina Maria, (que era a mãe) matou panda. Panda matou três. Três mata-ram sete. Ando a cavalo, em quem nunca nasceu. Trago a mãe na mão.

Ora a rainha não adivinhou, mas como via que era tolinho, mandou-o para a casa dos bichos. Mas, no caminho encontrou uma velhinha que lhe perguntou:

- Onde vais, ó rapaz? Disse-lhe tudo, o que se tinha passado, e a velhinha, deu-lhe uma varinha mágica. Recomendou-lhe que pedisse à varinha tudo o que ele precisasse.

O rapaz, logo que chegou à casa dos bichos, pediu à varinha, e pôs tudo a dormir. No fim de três dias, a rainha já tinha casado com outro. Ele fez acordar o escaravelho. Ordena-lhe que vá à noite à cama dos noivos, e lhe deitasse os intestinos fora.

Ora a rainha, desde que se viu naquele estado, desfez o noivado. Mandou-o para a casa dos bichos e casou com o que supunha tolo.



ADIVINHA SEM RESPOSTA

Era uma vez um homem que passava ao pé de um rapazito.

Perguntou-lhe:

- Tens pai?

Ele respondeu: - Tenho.

- Então o que é que ele anda a fazer?

O rapaz respondeu-lhe:

- Anda no campo dos arrependidos.

- Também tens mãe?

- Tenho.

- Então o que ela faz?

- Anda a cozer o pão que comemos na semana passada.

- Tens mais irmãos.

- Tenho um irmão.

- O que é que faz?

- Anda à caça. Os que vê, mata-os. Os que não vê, carrega-os para casa.

O homem foi-se embora pensativo, sem saber o que o rapaz queria dizer com as respostas que lhe deu.



ADIVINHAS 1

À meia-noite se levanta o francês.
Sabe das horas, não sabe do mês.
Tem esporas, não é cavaleiro.
Tem serra, não é carpinteiro.
Tem picão, não é pedreiro.
Cava no chão, não acha dinheiro.

Resposta: o galo.

À meia-noite se levanta o francês.
Sabe da hora e não sabe do mês.
Tem coroa e não é rei.
Tem esporas e não é cavaleiro.
Pica na terra e não ganha dinheiro.

Resposta: o galo.

Sou verde por natureza,
E de luto me vesti,
Para dar a luz ao mundo
Mil tormentos padeci.

Resposta: a azeitona.

Tenho um brinco com que brinco.
De tanto brincar me aborreço!
Quanto mais brinco com o brinco,
Mais a barriga lhe cresce.

Resposta: o fuso com a maçaroca.

Eu ao mundo dou governo,
Ao mundo governo dou.
Quando se esquecem de mim,
O meu governo acabou.

Resposta: o relógio.

Eu rindo-me, abro a boca,
Deito fora do meu peito
Uma menina mais linda que eu!
Quem a leva vai contente,
Eu fico com quem me deu....

Resposta. o ouriço.



Tem asas e não voa,
 Tem pernas e não anda.
 Tem barriga e não come
 E dá de comer a quem tem fome.

Resposta: o pote. _____

Às direitas um afecto,
 Ora firme ou inconstante.
 Às avessas é cidade
 Da Europa muito importante.

Resposta: Roma. _____

Às avessas, será nome
 Bem fácil de decifrar.
 As direitas, só à noite
 Se poderá contemplar.

Resposta: Lua. _____

Marme, se as ondas do mar fadais lá
 Se um de um a lhe acrescentais
 Certo é que adivinhais.

Resposta: marmelada. _____

Qual é o nome duma terra portuguesa e está nas portas?

Resposta: Chaves. _____

O que é que é, que mal entra em casa, logo se põe à janela?

Resposta: o botão. _____

RECOLHA (1985) de Judite Morais Moreno, Sambade – Alfândega da Fé.

ADIVINHAS 2

- Sou filho de pais cantantes, minha mãe não tinha dentes nem nenhum dos meus parentes, sou todo calvo e o meu coração amarelo.

Resposta: ovo. _____

- Qual é a coisa, qual é ela que quanto mais quente está mais fresca é?

Resposta: pão. _____

- Estando os réus na sua casa veio a justiça para os prender.
 Saíram as casas pelas janelas e os réus foram presos.

Resposta: peixes no mar a serem pescados pelas redes. _____



- Alto está, alto mora, toda a gente o vê e ninguém o adora.

Resposta: Sino.

- À meia hora levanta-se o Marquês,
Sabe da hora e não sabe do mês,
Tem esporas e não é cavaleiro,
Cava na terra e não ganha dinheiro.

Resposta: Galo.

- Qual é a fêmea afamada,
ligeira e bem decidida,
que até mesmo sendo macho
será fêmea toda a vida.

Resposta: Lebre.

- Semeio tábuas, nascem cordas e colho pipotes.

Resposta: abóboras.

- A minha madrinha vai de costas,
o meu padrinho vai em cima,
a minha madrinha aberto o tem,
o meu padrinho mete-lo bem.

Resposta: moinho.

- Gado miúdo, terra mimosa onde pousa deixa uma rosa.

Resposta: a "pinga" (vinho) no cobertor.

- Uma senhora muito bem assenhorada
nunca sai à rua e anda sempre molhada.

Resposta: Língua.

- Dá-lhe a riza de dentro para fora do seu peito, do seu dono é que é o proveito.

Resposta: castanha, castanheiro.

- Saco-to duro
Meto-to brando,
Sai vermelhinho
E respingando.

Resposta: o ferro trabalhado pelo ferreiro.

ADIVINHAS 3

- Tenho um estenda e encolhe,
só serve para as raparigas,
dou-lhe o que elas querem
e tiro-lhe o que elas têm.
Quando lhes dou o ar
estão-se elas a consolar.

Resposta: leque. _____

- Vamos para a cama
a fazer o que Deus manda,
juntar pêlo com pêlo
e o rapadinho no meio.

Resposta: olho. _____

- Peludo por dentro,
peludo por fora
alça-lhe a perna
e mete-lho agora.

Resposta: meia. _____

RECOLHA 2005 SCMB Fernanda da Luz Martins, Idade: 78,
Localização geográfica: Terroso – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHA 4

- Verde foi o meu nascimento
E de luto me vesti
Para dar luz ao mundo
Mil tormentos padeci.

Resposta: Azeitona/azeite. _____

- Alto como o sino,
Verde como o linho,
Doce como o mel
E amarga como o fel.

Resposta: nozes. _____

RECOLHA 2005 SCMB Margarida Pires, Idade: 70+.
Localização geográfica: Conlenlas – ORIGEM + 50 anos.



ADIVINHAS 5



- Uma Igreja branca
sem porta nem tranca.

Resposta: Ovo.

- Qual é a coisa qual é ela que passa o rio e não molha o pé.

Resposta: pássaro ou um vitelinho na barriga de sua mãe.

- Uma meia meia feita
outra meia por fazer,
diga lá quantas meias
vão a ser?

Resposta: metade da meia.

RECOLHA 2005 SCMB EDITE DO ESPÍRITO SANTO GOMES, Idade: 70+.

Localização geográfica: VINHAIS – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHAS 6

-Porque é que os cães malhados correm melhor que os outros?

Resposta: Porque com a "malha" (tareia) fogem mais rápido.

-De 10 pombas no jardim dá-se um tiro a 3, quantas pombas ficam no jardim?

Resposta: As 3 que morreram porque as outras fugiram com medo.

RECOLHA 2005 SCMB, LUÍS FERNANDES, Idade: 77.

Localização geográfica: MOFREITA – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHAS 7

- Em cima de ti me ponho,
Em cima de ti me abano,
Senão me meto todo,
Todo me desgrenho.

Resposta: Sapato.

- Muitas meninas numa varanda
Todas choram para a mesma banda.

Resposta: Telhas.

- O que está lá no alto todo arreganhadinho? Pergunta o lobo:
Viste passar por aqui 100 meirinhos, 1 periquito e 2 saltões?

Resposta: no alto as castanhas, os 100 meirinhos são ovelhas, o periquito é pastor e os saltões são os cães de guarda.



- Deus vos dê bom dia Sra. Viscondessa!
 Vistes passar por aqui um senhor da verga tesa?
 Deixa-me meter o meu lombo no teu redondo!
 Deixava, deixava mas é novo e está rapado,
 Quando estiver peludo mandarei recado.

Resposta: O senhor é o cavalo, o redondo é um campo depois da cegada.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA AMÉLIA MORAIS, Idade: 81.
 Localização geográfica: SANTA COMBA DE ROSSAS – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHA 8

Alto foi o meu nascimento
 E de lanças rodeada
 Vivi com as minhas irmãs
 Dentro de casa fechada
 Mas um dia ...
 Com um belo riso
 Minha casa abandonei
 Passa ali um viajante
 Colhe-me de mão segura
 Sem capota nem camisa
 lança-me na sepultura

Resposta: Castanha

RECOLHA 2005 SCMB, EURICO FERNANDES, Idade: 71,
 Localização geográfica: MOFREITA – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHAS 9

- Qual é a coisa qual é ela que quanto mais alto está mais se lhe chega?

Resposta: a água no poço.

- Era uma vez um homem que foi preso e não lhe davam de comer na cadeia.
 A sua filha que tinha tido um bebé há pouco tempo ia-o visitar todos os dias, sendo
 todas as vezes também revistada. Os guardas achavam tudo muito estranho, porque
 apesar de nunca encontrarem comida levada às escondidas pela filha, a verdade,



é que o preso estava sempre a engordar! Nisto os guardas resolvem perguntar à filha como é que aquela situação acontecia, então a filha diz-lhes que lhes daria a resposta em forma de adivinha, mas que se não adivinhassem tinham que deixar o pai livre.

A adivinha dizia então:

"Já fui filha, agora sou mãe, ando criando filhos dos outros, maridos da minha mãe!"

Resposta: a filha "amamentava" o pai.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA DE LUZ SALES, Idade: 79.

Localização geográfica: BEMPOSTA – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHA 10

- Somos sete irmãs, eu a primeira que nasci sou a mais nova como pode ser assim?

Resposta: A primeira semana das sete da Quaresma "quarta-feira de cinzas".

RECOLHA 2005 SCMB, LUCINDA RAMOS, Idade: 88.

Localização geográfica: MOREDO – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHA 11

Era uma vez um rapaz que foi roubar peras ao quintal do vizinho. Da pereira comeu, levou e deixou, agora diga lá quantas peras lá ficaram?

Resposta: uma pêra, pois comeu uma, levou outra e ainda lá deixou outra.

RECOLHA 2005 SCMB, SALOMÉ DOS ANJOS, Idade: 83.

Localização geográfica: ESPINHOSELA – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHAS 12

- Qual é a coisa qual é ela que está na cidade e também nas portas.

Resposta: Chave.

- A mulher é dura, mais dura que ainda fura, meto o duro no grosso, ficam os dois à pendura.

Resposta: Brinco/orelha.

RECOLHA 2005 SCMB, GRACINDA DOS SANTOS, Idade: 93.

Localização geográfica: VINHAIS – ORIGEM + 50 anos.



ADIVINHA 13

- O que são 100 meirinhos, 100 maranhões, 1 periquito e 2 saltões?

Resposta: os meirinhos são ovelhas, os maranhões são cordeiros, o periquito é o pastor e os dois saltões são os cães de guarda.

RECOLHA 2005 SCMB, CARLOS ALA, Idade: 92.
Localização geográfica: OUTEIRO – ORIGEM + 60 anos.

ADIVINHAS 14

- Chamo-me João Pesares o mundo de mim se fia, trago os “dringos” “drangos” presos pela barriga.

Resposta: balança.

- Varilha, Varilheta
nem verde nem seca,
nem “hoja” nem rama,
com um “cuchillo” se corta
sem ser regada.

Resposta: a colmeia.

RECOLHA 2005 SCMB, ENGRÁCIA NASCIMENTO BRANCO, Idade: 79.
Localização geográfica: GUADRAMIL – ORIGEM + 60 anos.

ADIVINHAS 15

Alto picoto
Alto picoteiro
Quando vem o mês de Outubro
Dá-lhe a risa e cai o dinheiro.

Resposta: Castanheiro.

Abençoada a árvore
Que num ano dá quatro frutos
Dá bugalhos e bugalhos
Bolotas e massacucas.

Resposta: Carvalho.

RECOLHA 2005 SCMB, DIAMANTINO FERNANDES, Idade: 72.
Localização geográfica: GONDESENDE – ORIGEM + 50 anos.

ADIVINHAS 16

- Peludo por dentro, rapado por fora, ao metê-lo não sabe a nada, ao tirá-lo sabe bem.

Resposta: Bota do vinho.

- Femea nasci, macho vim a ser e temea vim a morrer.

Resposta: Sal.

- Um nervo tesado e duro mete-se num buraco escuro sai de lá a pingar e agora o sol vai secar.

Resposta: Caneta/tinteiro.

- Lá vem o meu amigo:

- Queres-me aqui ou na cama?

- Quero-te aqui que lhe tenho mais gana.

Resposta: O Sono.

- Dois redondos, um comprido e entre as pernas vai metido.

Resposta: Bicicleta.

- Um pai que tem 12 filhos e 30 netos metade brancos e metade pretos.

Resposta: Um ano, com 12 meses e trinta dias e noites.

- Sento-me no chão, meto-me entre as pernas e com toda a suspeita fico com a bandeira direita e para me comer tem que me morder.

Resposta: asseiro do linho.

- Tenho muito molho quanto mais me puxa mais eu encolho.

Resposta: peixe no rio.

- Uma casa quadrada com quatro cantos, entra em casa e dá volta a todos os cantos.

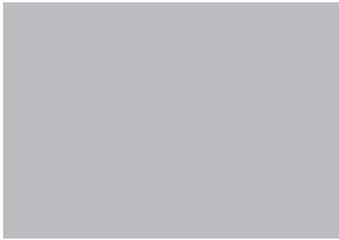
Resposta: uma vassoura.

RECOLHA 2005 SCMB, ANTÓNIO AUGUSTO, Idade: 84.
Localização geográfica: GONDESENDE – ORIGEM + 60 anos.





4. QUADRAS POPULARES



QUADRAS POPULARES 1

Sei um saco de cantigas,
Ainda mais um guardanapo.
Quem quer vir ao desafio,
Venha, que eu desato o sacco

Cantigas ao desafio,
Comigo ninguém as cante.
Tenho quem mas ensine;
O meu amor é estudante

O meu amor e o teu,
Andam ambos na ribeira.
O meu, anda à erva cidra,
O teu, à erva-cidreira.

Não olhes para mim, não olhes,
Que eu não sou o teu amor.
Eu não sou como a figueira,
Que dá fruto sem dar flor.

Aqui estou à tua porta.
Como um feixe de lenha!
A espera da resposta,
Que da tua boca me venha.

Malo haja o grão-de-bico,
E mais o feijão guisado.



Malo hajam esses olhos,
Que tanto são do meu agrado!

Tenho na minha janela
Tulipas até ao chão.
Quando te vejo falar com outra,
São facadas que me dão.

Não me namora teu ouro,
Nem os brincos das orelhas.
Namoram-me esses teus olhos,
Por baixo das sobranceiras.

Lá te mandei um raminho
De cravos e cravelinas,
Por não te poder mandar
Dos meus olhos as meninas

Tenho dentro do meu peito
Um ramo de violetas
O dia que te não vejo,
De roxas, tornam-se pretas.

Andorinha que esvoaças,
Tem cuidado no subir.
Quem ao mais alto sobe,
Ao mais baixo vem cair.

Uma mãe que o filho embala
As vezes, põe-se a chorar,
Só por não saber a sorte
Que Deus tem para lhe dar.



QUADRAS POPULARES 2



Deitei o cravo ao poço
E a rosa ao chafariz.
Já foste amada d'outro
Já para mim não servis

Deitei o cravo ao poço
Fechado, mas saiu-me aberto.
É um regalo na vida
Enganar a quem é esperto.

A água daquela serra
Por canos vem à cidade.
Ninguém deixe por dinheiro
Amor da sua vontade.

Por cima sega-se o pão,
Por baixo fica o restolho.
Menina, não te namores
Do rapaz que pisca o olho.

RECOLHA (1985) de Altino do Nascimento Silva – Vimioso.

QUADRAS POPULARES 3



Foste falar a meu pai
À parede do Lameiro.
Se querias casar comigo,
Falavas-me a mim primeiro

A luz daquela candeia
Tem mil cravos no morrão.
Também eu tenho mil penas
Dentro do meu coração¹⁴



Fui à fonte p'ra te ver,
Ao rio p'ra te falar.
Nem na fonte nem no rio,
Nunca te pude encontrar.

Ó ferreiro, casa a filha,
Não a deixes na janela,
Que anda o maganão na rua,
Pois não tira os olhos dela.

As estrelas no céu correm,
Todos numa carreirinha.
Também os segredos correm
Da tua boca para a minha.

Ó águia que vais tão alta,
Por essas terras além!
Leva-me ao Céu, onde tenho
A alma de minha mãe.

Que lindo botão de rosa
Aquele roseira tem!
Debaixo não se lhe chega,
E acima não vai ninguém.

O coração e os olhos
São dois amigos leais.
Quando o coração tem penas,
Logo os olhos dão sinais.

Oh! Minha mãe, minha mãe!
Oh! Minha mãe, minha amada!
Quem tem uma mãe tem tudo.
Quem não tem mãe, não tem nada.



Quem me dera ver agora,
Quem agora me aqui lembrou.
Amorzinho da minha alma,
Que tão longe de ti estou!

RECOLHA (1985) de Judite Morais Moreno, Sambade – Alfândega da Fé.



DIA DE S. MARTINHO (11 DE NOVEMBRO)

Neste dia é costume algumas pessoas andarem pelas casas, provando os vinhos novos com castanhas assadas. Quando se sentiam animados com as provas cantavam assim:

Era o vinho, pois era o vinho
Era a coisa que eu mais adorava!
Só por morte, mesmo só por morte,
É que o vinho eu deixava.

Aii! Da adega fiz a sepultura
Aii! Do tonel fiz o caixão.
Eu sou o pai da ramboia.,
Quero morrer com o copo na mão.

Como podem as pessoas;
No dia de S. Martinho.
Honrá-lo desta maneira:
Com bailes e jarras de vinho!

RECOLHA (1985) de Judite Moreno, Sambade – Alfândega da Fé.



QUADRA ALUSIVA A S. MARTINHO

Meus Senhores, Boa Noite lhes venho dar
 É festa de S. Martinho, temos muito que festejar
 Também os senhores da mesa eu quero saudar
 Que Deus lhes dê muita saúde para esta casa orientar

Nós idosos estamos na Terceira Idade
 Se não fosse a Santa Casa onde nos iríamos arrumar
 Porque junto ao fim ninguém nos quer aturar
 Mas isto é uma roda! Roda, roda sem parar
 São uns a sair e outros a entrar

Também as nossas empregadas eu não quero deixar
 Que Deus lhes dê muita saúde para nos acompanhar
 Também aos nossos tocadores lhes quero dizer muito obrigado
 Que venham por aqui muitas vezes para cantarmos o fado
 Agora vou terminar que a garganta não me ajuda
 Quero-a mandar limar com uma laranja madura

RECOLHA 2005 SCMB, ABÍLIO AUGUSTO GONÇALVES, Idade: 94.
 Localização geográfica: MÓS – ORIGEM + 50 anos.
 (AUTORIA DO SR. ABÍLIO GONÇALVES)



A MONDA DOS TRIGAIS¹⁵

Quando a gente precisava de mondar os trigos, isto é, tirar-lhe toda a erva, chamavam-se mulheres para arrancá-la.

A dona do trigal já sabia que tinha que ir ver como corria o trabalho.

Cantavam todo o dia, conversavam e criticavam. Dava o tempo para tudo.

Mas elas, de vez em quando, olhavam para o caminho, e mal viam a dona chegar, começavam a cantar assim:



Que gente é aquela,
Que vem ao pendão?
É a menina fulaninha, (diziam o nome)
Com o seu batalhão.

Então faziam um raminho de florinhas que havia no trigal e entregavam à dona. Pois em troca se lhe entregava um pacote de rebuçados. Já há alguns anos que este trabalho foi substituído por curas e assim terminaram as mondas.

Mondai, mondai, mondadeiras!
Cantai as vossas canções,
Que se espalhem pelos ares,
Alegrando os corações.

RECOLHA (1985) de Judite Moreno, Sambade – Alfândega da Fé.





REIS 1¹⁶

É costume nesta aldeia começar a cantar os reis mal principia o ano, incluídos nas Boas festas. Reúnem-se aos grupos, mais velhos ou mais jovens, e procuram as casas, que melhor vêem, que os podem convidar.

Boas festas como estas,
Cantam-se aos Reis e aos fidalgos.
Também nós os cantaremos,
A estes senhores honrados.

Quem diremos nós que viva,
Na toninha da cebola?
Viva lá o Sr. Manuel,
E mais a sua Senhora.

Quem diremos nós que viva,
Na folhinha do lóvão?



Viva lá o Sr. Carlos
Que é um belo cidadão.

Quem diremos nós que viva,
Na folha da salsa crua?
Viva lá menina Aurora
Que alumia toda a rua.

Oh! Que lindo pinheirinho!
Onde ele veio nascer!
Vivam os donos desta casa
Que nos hão-de dar de beber.

Levantem-se lá, senhores,
Desses seus talhos dourados.
Venham-nos a dar os Reis
Que já os temos bem ganhados.

Vêm depois a dar frutas como maçãs, nozes, figos secos, às vezes chouriças, etc. que o grupo guarda para no fim comerem juntos em qualquer das casas deles, mais próprias.

Agora já é costume dar dinheiro e dar de beber quando querem.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.

REIS 2



Quem diremos nós que viva
Na folhinha do loreiro?
Viva lá o Sr. António
Que é um homem cavalheiro.

Viva lá a Sra. Maria,
Raminho de salsa crua.

Quando vai para a igreja,
Alumia toda a rua.

Viva lá o Sr. Alberto
Com o seu raminho no chapéu.
Quando vai para a igreja
Parece um anjo do Céu.

Senhora que está lá dentro,
Sentada no esteirão,
Bote os olhos ao fumeiro
Dê-nos cá um salpicão.

Senhora que está lá dentro,
Sentada na cortiça,
Deite os olhos ao fumeiro,
Dê-nos cá uma chouriça.

Senhora que está lá dentro,
Sentada na janela,
Deite os olhos ao fumeiro
Dê-nos cá uma morcela.

RECOLHA (1985) de António Alberto Cascais, Larinho – Moncorvo.

REIS 3



Aqui vêm três meninos
Preparados p'ra cantar.
Se os senhores nos dão licença,
Nós vamos a começar.

Para cantar bem os Reis
Foi preciso sair onte(m).
Embarquemos na ribeira,
Fomos a sair à ponte.



Quem vos vem cantar os Reis,
De noite pelo escuro,
Certo é que quer provar
Desse seu vinho maduro.

Quem vos vem cantar os Reis,
De noite e pelo toleiro,
Certo é que quer provar
Dos chouriços do seu fumeiro.

RECOLHA (1985) de Altino do Nascimento Silva – Vimioso.

REIS 4



Inda agora aqui cheguei,
Pus o pé nesta escada
Logo meu coração disse,
Aqui mora gente honrada.

Coro

Alegres festas nós vimos dar,
E o Deus menino a acompanhar
Alegres festas nós vimos dar,
E o Deus menino a acompanhar.

Quem nos vem cantar os Reis,
De noite pelo escuro,
Certo é quer saber,
Se o seu vinho está maduro.

Quem nos vem cantar os Reis,
Pelo buraco da porta,
Dê-nos cá um salpicão,
Que a porca já está morta.

Olha o nosso Antoninho
A que porta foi bater?!



À porta do João Carriço,
Que nos vem dar de beber.

Viva a menina da casa,
Por cima da salsa crua.
Quando se chega à janela
Alumia toda a rua.

Viva também o Zezinho,
Com seu relógio ao peito.
Quando passa pelas moças,
Pisca-lhes o olho direito.

Viva a Senhora da casa,
Sentadinha à lareira,
E mais a sua criada,
Qu' é uma bela cozinheira.

Esta vai por despedida,
Por cima duma cortiça,
Deitem a mão ao fumeiro
E assem uma chouriça.

Estes Reis que aqui cantamos,
Não soa pagos por dinheiro,
São pagos com vinho fino,
E chouriços do fumeiro.

Se nos querem dar os Reis,
Não se estejam a demorar.
Nós somos de longes terras,
Temos muito para andar.

Se o grupo é bem recebido cantam a despedida.



Esta vai por despedida,
Por cima duma maçã.
Passem muito bem a noite,
Adeus até amanhã.

Se não dão os Reis os cantadores não ficam contentes e cantam:

Os moradores desta casa
Não têm nada que nos dar.
Só têm uma arquinha velha
Onde os ratos vão mijar.

Já não tem coro e fogem rindo a bandeiras despregadas.

RECOLHA (1985) de Maria da Assunção Pereira Rodrigues – Serra de Nogueira.

REIS 5



Ó nobre casa, nobre gente,
Senhores desta morada
Escutem e ouvirão
Esta nobre embaixada

Diz que no céu apareceu
Uma Senhora coroada
Que a coroaram os anjos
Dia de Páscoa Sagrada

Não vos duvida a ninguém
Já escorreram as notícias
Por esse mundo de além
Porque chorais minha mãe
Porque chorais minha mãezinha
Choro pelos pecadores
Que nesse mundo havia

Naquele castelo mais alto
 Estava lá a Virgem Maria
 Chorando pelos pecadores
 Que nesse mundo havia

RECOLHA 2005 SCMB Maria Teresa Fortunato, Idade: 78.
 Localização geográfica: Babe – ORIGEM + 60 anos.

REIS 6



Estes Reis nós contamos cantados,
 Em tom ligeiro dão vivas a toda a gente:
 À garrafa e ao fumeiro,
 Trigo e nozes e marmelada,
 Lombo de porco, vitela assada,
 Pão com manteiga, chá ou café
 E o Deus menino nascido

RECOLHA 2005 SCMB Margarida Pires, Idade: 70+.
 Localização geográfica: Conlenlas – ORIGEM + 50 anos.

REIS 7



Viva o dono desta casa
 Por cima de uma carqueja.
 Viva também uma rosa
 Que recebeu na igreja.

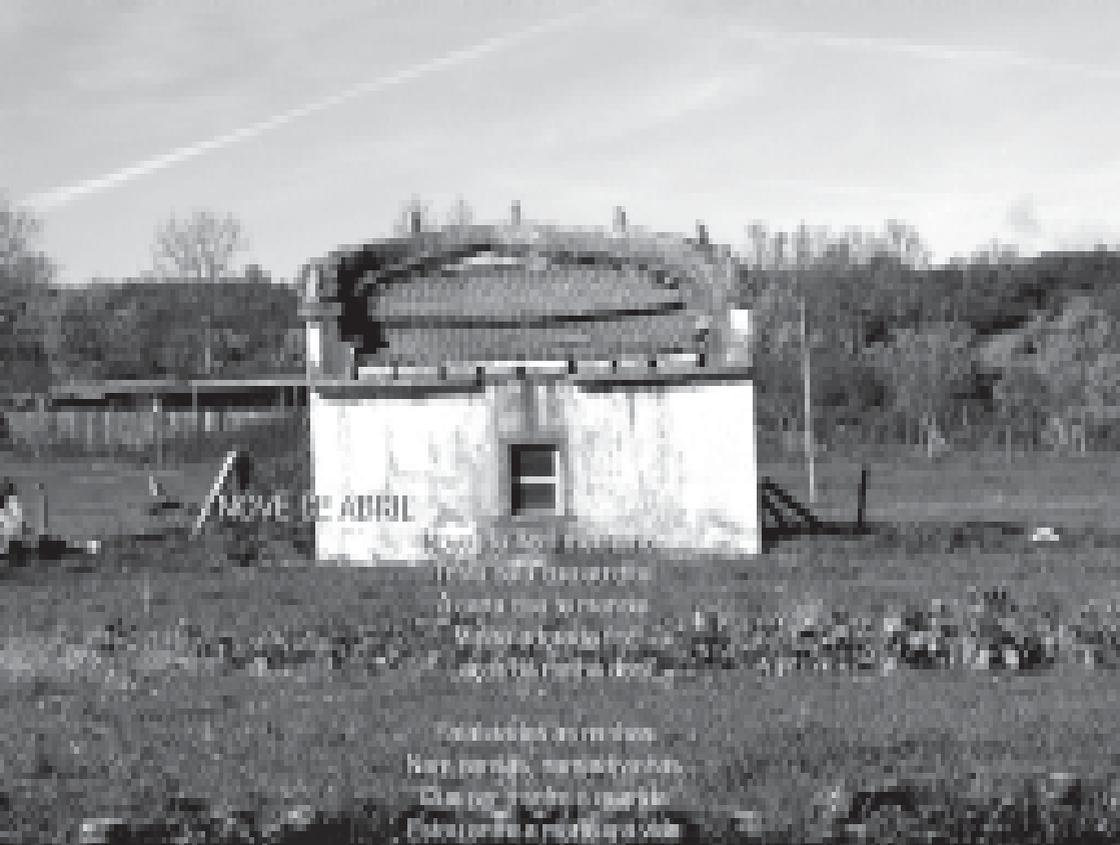
Coro

Anjos, arcanjos em Jerusalém
 O manso cordeiro nasceu em Belém.

Esta vai por despedida
 Por cima do meu chapéu.
 Viva a menina Maria
 Que é um anjo do céu.

(Segue-se o mesmo coro)

Anjos, arcanjos em Jerusalém
 O manso cordeiro nasceu em Belém.



NOVA DE ABIBI

Uma casa de madeira
Quase sem pintura
Com uma janela
E um telhado de palha

Estava lá no meio do
Nada, no meio do nada
Quase no meio do nada
Estava perto a mata que vive
Ao esconder as coisas lindas

Ao esconder as coisas lindas
Chama o meu coração
Por ver que as pedras são raras
E as folhas não o são

Terra e lençol à minha rede
Muitos lençóis e cobertores
Os fios que de mãe feita nascem
Que nascem vivos e mortos vivos

Brigada depois, também raras as pedras lindas
Com incertas coberturas
Só as que não se vão
Difíceis que não são as que morrem
Porque as pedras são raras



5. PROVÉRBIOS E DITADOS



DITADOS 1

- Quem dá aos pobres, empresta a Deus.
- Vale mais quem Deus ajuda, do que quem muito madruga.
- Quem dá o seu a quem o entende, não o dá, que o vende.
- Não dá quem tem, senão quem quer bem.
- Na terra de olhapim, quem tem um olho é rei.
- Quem quer mais do que convém, perde o que quer e o que tem.
- Aquele que nada faz, está sempre pronto a criticar os outros.
- Aquele que julga estar seguro, olhe não caia.
- Quem dá parece-se com Deus.
- Se não tiveres motivos para sorrir, pelos menos não motivos para outros chorarem.
- Menina, faz por ser boa, que a tua fama ao longe soa.
- Quem não é de boa gente, não se sente.

RECOLHA (1985) de Judite Morais Moreno, Sambade – Alfândega da Fé.



DITADOS 2

Em Janeiro sobe ao outeiro.
Se vires verdejar,
Põe-te a chorar.
Se vires terrear,
Põe-te a cantar.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.



DITADOS 3

- O homem põe e Deus dispõe.
- Faz bem e não olhes a quem.
- Quem a boa árvore se chega, boa sombra o cobre.
- Antes areias comer, do que vilezas fazer.
- Filho és, pai serás. Como fizeres, assim acharás.
- Nem por muito madrugar, amanhece mais cedo.
- Se a paz queres conservar, deves ouvir, ver e calar.
- Cada terra com o seu uso, cada roca com o seu fuso.
- Não rias do mal do vizinho, que o teu vem a caminho.
- Se a rico queres chegar, vai devagar.
- A preguiça é a chave da pobreza.
- Quem dá o que tem a pedir vem.
- A cavalo roedor, cabresto curto.
- Tantas vezes vai o cântaro à fonte, que no fim lá fica a asa.
- Vale mais quem Deus ajuda do que quem muito madruga.
- A mulher e a sardinha, da mais pequenina.
- Para colher é preciso semear.
- Semeia e cria, terás alegria.
- Se queres boa colheita, deita boa semente à terra.
- Fevereiro quente traz o demónio no ventre.
- Chuva no S. João, nem dá vinho nem dá pão.
- Pela palha se conhece a espiga.
- Todo o burro come palha, se lha souberem dar.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.

DITADOS 4

- Quando te cheguei a amar,
Melhor era amar um burro,
Porque andavas a cavalo
E ainda não perdia tudo.
- Molhei a meia,





- Não casei na minha terra,
- Fui casar à terra alheia.



RECOLHA 2005 SCMB Ana Maria Domingues, Idade: 86.
Localização geográfica: Maçãs, ORIGEM + 60 anos.

DITADOS 5

Janeiro jadeiro, Fevereiro felpeiro,
Março nem o rabo do burro molhado,
Abril águas mil peneiradas por um mandil,
Maio Pardo
S. João claro
Valem mais do que os seus bois e os seus carros.

Explicação: Era uma vez um rei que tinha uns bois e um carro de ouro e queria-lhe dar valor, mas um pobre respondeu-lhe que esta quadra valia mais do que os seus bois e seu carro.



RECOLHA 2005 SCMB, FERNANDO PIRES, Idade: 62.
Localização geográfica: VILARINHO DAS TOUÇAS – ORIGEM + 50 anos.

DITADOS 6

- Quem me dera uma mãe nem que fosse uma silva, por mais que ela me picasse eu seria sempre sua filha.
- Eu cantar cantava bem e tinha uma linda voz, mas nem sei quem ma tirou quando me apartei de amores.



RECOLHA 2005 SCMB, CÂNDIDA CARVALHO, Idade: 81.
Localização geográfica: BRAGANÇA – ORIGEM + 50 anos.

DITADOS 7

- Amores ao longe
Quem quer os tem,
- Amores ao pé da porta
Não são leais a ninguém.

- Rua a baixo, rua a cima
 - Toda a gente me quer bem
 - Só a mãe do meu amor
 - Não sei que raiva me tem.

- Da minha casa à tua
 É um salto de uma cobra,
 - Quem me dera chamar mãe
 À minha sogra.

- O meu amor deu um “ai”
 Atrás daquele cabeçaço,
 - Eu aquele ai bem o conheço.



RECOLHA 2005 SCMB, MARIA AMÉLIA MORAIS, Idade: 81.
 Localização geográfica: SANTA COMBA DE ROSSAS – ORIGEM + 50 anos.

DITADOS 8

- Não canto por bem cantar,
 nem por boa fala ter,
 canto para dar raivas
 a quem me não pode ver.

- Ó que janela tão alta
 feita de cal e areia,
 mal empregada janela
 numa macaca tão feia.

- Não olhes meu amor
 que eu não sou como a figueira
 que dá frutos sem ter flor.

- Que bem fica o ouro no pescoço de uma donzela, mas melhor lhe fica a honra,
 menina faça por ela.

- Menina em o cabelo
não o traço do cabelo
que o seu pai não tem tanto cabelo.

PRÉCIMA 2008 COME LÂNGUA PAVÃO, N.º 101
Localização geográfica: 50°45'00" - 00°00'00" - 00'00"

DATAÇÃO II

O cabelo não tem todo o cabelo
como o cabelo do pai não tem todo o cabelo.

PRÉCIMA 2008 COME BOTE DO ESPRITO LÂNGUA PAVÃO, N.º 101
Localização geográfica: 50°45'00" - 00°00'00" - 00'00"

PRÉCIMA 2008

PRÉCIMA 2008 COME BOTE DO ESPRITO LÂNGUA PAVÃO, N.º 101
Localização geográfica: 50°45'00" - 00°00'00" - 00'00"

PRÉCIMA 2008 COME BOTE DO ESPRITO LÂNGUA PAVÃO, N.º 101
Localização geográfica: 50°45'00" - 00°00'00" - 00'00"



6. RELIGIÃO POPULAR



“ ENCOMENDAÇÃO” DAS ALMAS 1

Irmãos meus, cuidai da morte
Lá no dia do juízo,
o inferno é muito feio,
Deus nos leve ao paraíso.

Recordai, ó pecadores,
Recordai, não durmais mais,
Lá no outro mundo tendes
Vossas mães e vossos pais.

Fazem tremer o inferno
Cantando Ave-maria!
Ave-maria de Graça
De graça Ave-maria!

Quantas almas estão clamando,
Dando gritos no inferno,
Pelas nulas confissões
Que neste mundo fizeram.

As almas se estão queixando,
 Acho que têm razão.
 Olha lá não seja ele
 Por falta de oração
 As contas do meu rosário
 São bocas de artilharia.

Coro

Senhor Deus, Misericórdia
 Sua mãe Maria Santíssima
 Dai-nos auxílio
 Levai-nos à Glória.

RECOLHA (1985) de Sebastião Agostinho Gonçalves, Gondesende – Bragança.

“ ENCOMENDAÇÃO ” DAS ALMAS 2



Ó almas que estais em penas,
 Ó almas que em penas estais,
 Já vos mando um padre-nosso,
 Para que das penas saiais.

Quem das almas se lembrar,
 Delas tiver devoção,
 Neste mundo terá paz,
 No outro a Salvação

RECOLHA (1985) de Artur dos Santos Madureira, Alfaião – Bragança.

“ ENCOMENDAÇÃO ” DAS ALMAS 3



Resgatai as almas,
 Ó pastor eterno,
 Daquele lugar
 Junto ao inferno



Almas que estais dormindo,
Se delas vos não lembrais,
Lembrai-vos pois agora
Que acordados estais.

RECOLHA (1985) de Hermínia Trigo, Ferradosa – Alfândega da Fé.

“ ENCOMENDAÇÃO ” DAS ALMAS 4



Acordai! Que estais dormindo,¹⁷
Nesse sonho em que estais?
Que vos bate Deus à porta,
Vós dormis e descansais.

Bem é que vos lembreis
Das almas de Mães e Pais,
Com um Padre-nosso
E uma Ave-maria.

Ainda rezaremos mais
Uma Salve-rainha
A Virgem Nossa Senhora,
Para que ela seja nossa advogada
E nossa intercessora

Perdoa, ó pecador,
Por te acordar a esta hora.
Se te achas ofendido,
Perdoa, que eu vou-me embora

RECOLHA (1985) de Narciso João Torrão Vicente – Vimioso.

“ ENCOMENDAÇÃO ” DAS ALMAS 5



Acorda, pecador, acorda!
Acorda, não durmas mais
As almas se estão queixando
Que delas vos não lebrais.

Eu não sou anjo do Céu,
Nem a sereia do mar,
Sou uma pobre pecadora
Que vos venho acordar

Perdoai, ó irmãos meus,
Em vos acordar agora.
Ficai-vos com Jesus Cristo
Que eu com Ele me vou embora.

Padrinhos e mais madrinhas
Que nos fizeram cristãos
Rezemos-lhe um Padre-nosso,
Que temos de obrigação.

Olha, cristão, que és terra!
Olha que hás-de morrer!
Olha que hás-de dar contas
Do teu bom e mau viver.

RECOLHA (1985) de António Alberto Cascais, Larinho – Moncorvo.
(Informaram: Maria Claudina, 79 anos e Leonilda Claudina, 76 anos).



“ ENCOMENDAÇÃO ” DAS ALMAS 618



À porta das almas santas,
Bate Deus a toda a hora.
E elas lhe responderam:
- Meu Jesus que quereis agora?
- Quero que deixeis o mundo,
E que vindes para a glória.

Oh! almas que estais em penas!
Almas que em penas estais!
Lá vos vai um Padre-nosso
Para que de penas saiais.

As almas se estão queixando
Que delas não vos lembrais.
Olhai lá não sejam elas
Vossas mães ou vossos pais!

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.

“ ENCOMENDAÇÃO ” DAS ALMAS 7



À porta das almas santas
Bate Deus a toda a hora.
Almas santas lhe respondem:
- Ó meu Deus, que quereis agora?

Quero que vindes comigo
Para a minha Eterna Glória,
P'ra companhia dos anjos
E da Virgem piedosa.



Acorda, cristão, acorda
Desse sono tão profundo!
Lembra-te com um Padre-nosso
Das almas do outro mundo.

Ó alma que estás dormindo
Nesse sono do pecado!
Olha lá, não amanheças
No inferno sepultado.

Acorda, cristão, que és terra!
Lembra-te que hás-de morrer.
Hás-de ir dar contas a Deus
Do teu bom e mau viver.

Ouçõ gritos no Calvário, Madalena! –
Que será?
- Crucificaram a Jesus,
São ais que a senhora dá
Ouçõ gritos no Calvário, Madalena!
- Que seria?
- Crucificaram a Jesus.
São ais da Virgem Maria!

Ai de nós, que se dilata
A nossa ardente prisão!
Quando veremos a Deus,
No reino da Salvação

Bem podiam nossos filhos,
Nossos irmãos, nossos pais,
Moderar nossos tormentos,
Dar alívio aos nossos ais!



Dai esmolas duma reza
Que faz para o céu levar.
Almas a quem tanto pesa,
Não poder de Deus gozar!

A Jesus e a Maria
Orai todos sem cessar.
Dai esmo/as, ouvi missas,
/de por nós comungar!

Consolai-vos, a/mas santas,
Que em breve ireis descansar.
Nós vamos orar por vós,
Ouvir missas, comungar!

RECOLHA (1985) de Laurentina de Sá, Vilares da Vilarça – Alfândega da Fé.





SEMANA SANTA

Prenderam a Jesus Cristo,
Estando a orar no horto.
Jesus Cristo da minha alma,
Quem fora preso convosco!

Davam gritos no calvário.
Madalena: - Quem será?
Prenderam a Jesus Cristo,
São ais que a Senhora dá!

Jesus Cristo está no horto
À sombra do arcipreste
Os anjos lhe estão cantando:
- Acorda, divino mestre!

Jesus Cristo está no horto,
À sombra do limoeiro
Os anjos lhe estão cantando:
Acorda, manso cordeiro!

RECOLHA (1985) de António Alberto Cascais, Larinho – Moncorvo.
Informaram: Maria Claudina, 79 anos e Leonilda Claudina, 76 anos.



ORAÇÕES 1

Pai-nosso pequenino,
Pelos montes vai rugindo,
Com as chaves do paraíso.
Quem lhas deu que lhas não dera?
Foi Santa Maria Madalena.

Cruzes no monte, cruzes na fonte,
Nunca o demónio comigo se encontre.
Nem de noite nem de dia,
Nem à hora do meio-dia.

Já os galos pretos cantam,
Já os anjos se levantam,
Já meu Deus subiu à cruz, para sempre
Ámen Jesus.

ORAÇÃO 2



Nossa Senhora me disse
Que medo não tomasse
Nem à mono nem à tona
Nem aquela carcamona
Quatro esquinas tem a casa
Quatro cílios estão a arder
Quatro anjos me acompanham



Quatro anjos me acompanham
Na hora em que eu morrer.

RECOLHA 2005 SCMB, SÂNCIA PATRÃO, Idade: 93.
Localização geográfica: MOREDO – ORIGEM + 50 anos.

ORAÇÃO 3

Santa Quitéria pelo mundo andou
Nem cão, nem cadela ladrou
Se algum ladrou com a raiva rebentou
Se és danado tem-te em ti
Que Santa Quitéria tem-te entre mim e ti.

RECOLHA 2005 SCMB, SÂNCIA PATRÃO, Idade: 93.
Localização geográfica: MOREDO – ORIGEM + 50 anos.





QUANDO TROVEJA

Santa Bárbara se vestiu e se calçou.

Ao caminho se deitou,

E com sete anjos se encontrou.

Eles lhe perguntaram:

- Onde vai Bárbara?

Eu não vou, nem quero ir,

Mas ao céu quero subir

A amarrar aqueles trovões

Que lá andam armados.

Pois vai, Bárbara,

Amarra-os lá para bem longe,

Onde não haja nada que lhes dar,

Senão água de trovões

E o leite de maldição.

Um Pai-nosso à Santa Bárbara

Que nos livre do trovão.

No Céu ouvi uma voz

Da divina Majestade.

Valha-me o poder divino

E a Santíssima Trindade!

Santo Deus, Santo forte

Santo imortal miserere nobis.

Santa Maria, ora pró nobis.



SUPERSTIÇÃO

Os sacristães deixavam os missais abertos para as bruxas não saírem da igreja, ou então metiam as agulhas em água benta para o mesmo efeito.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA AMÉLIA MORAIS, Idade: 81.
Localização geográfica: SANTA COMBA DE ROSSAS – ORIGEM + 50 anos.

REZAS 1



Nesta cama me deito p'ra dormir e descansar
Se vier a morte p'ra me levar
Abraço-me ao cravo, abraço-me à cruz
Entrego a minha alma ao menino Jesus.

RECOLHA 2005 SCMB, SÂNCIA PATRÃO, Idade: 93.
Localização geográfica: MOREDO – ORIGEM + 50 anos.

REZAS 2



Cerra teus lábios e diz um verbo de amor
Calem-se todos os sábios e fala Tu Senhor
Fala e encanta os pequeninos ainda sem ódio a ninguém
Branco e lírios campesinos onde a flora cresce bem
Tu és o mestre bendito da nossa infância final
O ABC mais bonito dos filhos de Portugal.

RECOLHA 2005 SCMB, ENGRÁCIA NASCIMENTO BRANCO, Idade: 79.
Localização geográfica: GUADRAMIL – ORIGEM + 60 anos.





7. LENDAS



O REI DE ORELHÃO

Naquele tempo, andando um rei a caçar na serra dos Vales e Franco, conhecida hoje serra de Santa Comba, encontrou dois pastorinhos que guardavam o seu rebanho, de nome Comba e Leonardo, seu irmão.

O rei, querendo zombar da jovem menina, pediu para que deixasse deitar a cabeça no seu colo, a fim de o catar. A menina obedeceu, pedindo o auxílio de Deus.

Levado por uma força sobrenatural, o rei adormeceu. A menina para se livrar do seu inimigo, desprende o laço do avental e foi-se retirando, ficando o rei com a cabeça apoiada somente no avental.

Quando acordou, foi procurar a jovem menina que ia fugitiva com seu irmão. Quando se encontrou alcançada, pediu o auxílio de Deus, que a defendesse das mãos de seu algoz. E virou-se para uma fraga que estava no lugar, e pediu-lhe com todo o seu coração: - Abre, fraga bendita, para entrar Comba catita.

Ora o rei, quando bateu com a lança na fraga, e não atingiu o alvo que mirava, enfureceu-se e, todo raivoso, virou-se para Leonardo, dando-lhe uma lançada. Deitou-lhe as tripas de fora, e retirou-se. A jovem menina, quando se viu livre, levou o seu irmão para junto de uma poça de água que ali havia, e lavou as chagas. Recolhendo as tripas ficou sarado.

Ainda hoje se encontram as irmãs Jesus dos Santos Jovens, no dito lugar. Santa Comba, numa capelinha junto à dita fraga, no pino do cabeço. S. Leonardo, em outra capelinha, na tal dita poça, onde foram lavadas as suas chagas. A estátua do rei de Orelhão, ao lado de S. Leonardo, montado no seu cavalo, armado com a lança. Aí são venerados os dois santos jovens, Santa Comba e S. Leonardo pela freguesia dos Vales, concelho de Valpaços.



LENDA DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA VEIGA

Conta a lenda que um lavrador andava a lavrar no lugar, chamado Vale de Covo, próximo de um grande rochedo. De repente, as vacas espantaram-se e pegaram a fugir, ficando dependuradas, presas pelo arado.

O lavrador vendo aquela desgraça tão grande, contando com as suas vacas perdidas, pôs a vara aos ombros, e olhando para o Céu, invocou o nome de N.^a Senhora... Que lhe acudisse naquela aflição.

De repente, sem saber como, viu as vacas salvas. Considerou aquilo como um milagre, e logo prometeu mandar construir uma capela no lugar da Veiga, que fica em frente, onde isto aconteceu. Dentro da mesma

Capela ainda hoje existe o quadro da cena que a lenda conta.



LENDA DA ESCAPA

Diz-se que nesta terra havia em tempos remotos um destacamento militar que prestava segurança à população que então existia.

Em determinada ocasião ou por querer fugir, ou por se sentir perseguido, um dos soldados sentia-se seguido por colegas e oficiais.

Escondeu-se debaixo da ponte que em dado local se encontrava e escapou à prisão. Daí resultou o nome de «Escapa» dado a uma pequena quinta perto da vila.

RECOLHA (1985) de Victor Manuel Melão Sapage.
– Escola de Freixo de Espada à Cinta.



A LENDA DO CAVALEIRO CRISTÃO

Quando os Mouros dominavam quase toda a Península Ibérica e batiam já em retirada, a norte e nordeste da mesma, havia um cavaleiro cristão, valente e audacioso. Batalhava com todo o vigor, próprio dos montanheses. Nas pelejas mais encarniçadas, saía pela sua argúcia e arte, sempre vitorioso. Isto valia-lhe do comandante das hostes de Santiago, de tempos a tempos, algumas licenças para descansar e recompensar dos excessos das suas bravuras.

Como o cavaleiro não era capaz de estar inactivo, aproveitava aquele período de licença, que era um mínimo de seis meses, para ir clandestino à sua terra natal, tendo que atravessar todo o território ocupado pelos sarracenos, desde a costa do Golfo da Biscaia até ao Bairro de S. Miguel, na povoação de Vila Verde do Vez, que naqueles tempos remotos, pertenceu aos donatários de Póvoa Rica (hoje Vila de Vinhais).

Escondido e embuçado com trajes regionais daquela época, não se esquecendo do arnês, do escudo e da espada para uma possível emergência, ia passar o tempo que sobejava das viagens de ida e regresso, junto de seus avós, pais e irmãos, ajudando-os nos pesados trabalhos agrícolas, pois o seu mister, antes, depois, e nos intervalos das pelejas, era de agricultor.

Ao nascente do referido Bairro de S. Miguel, a cerca de um quilómetro, existia uma



torre fortificada, reduto com barbacãs, ameias, fosso profundo a toda a volta, onde segundo a lenda que verbalmente é transmitida de geração em geração, um rei Mouro, dadas as sucessivas derrotas em todas as frentes de combate, resolveu instalar no seu interior a sua filha predilecta, Fátima-Yusef, que nascera da sua principal odalisca.

Como séquito, seguiu uma escolta de guerreiros experimentados, cujo chefe estava incumbido de velar pela singular dama que, afinal, era uma princesa de fina estirpe. Pelas redondezas constou logo a chegada da Moura. O Cavaleiro Cristão estava cheio de curiosidade. Por isso, pediu a um dos pastores que apascentava o gado nos terrenos à volta da torre, que lhe emprestasse o capote e o bernal e o deixasse conduzir o gado.

Assim fez dias consecutivos, até que conseguiu avistar a dama, que assomou às barbacãs e às ameias da torre. Aquela, conforme o viu, ficou extasiada com a beleza do seu semblante, da cor dos seus cabelos louros, dos seus olhos de íris azul-escuro, dos seus gestos e movimentos másculos e sedutores. Ele, surpreendido, ficou mais extasiado ainda, pois estava na presença de uma dama que lhe prendeu todos os movimentos, dada a sua beleza física incomparável. Ela possuía uma tez moreno-trigueiro, cabelos negros, faces um pouco compridas e acarinadas, olhos de íris negro, em forma de amêndoa, sobrancelhas finas e bem arqueadas. Trajava vestido branco de seda rutilante, coberto de jóias, e na cabeça um diadema cravejado de pedras preciosas, tendo ao alto e ao centro, em prata brilhante, a lua em crescente, símbolo da sua religião.

O Cavaleiro conhecia perfeitamente a língua árabe (dado o contacto que tinha com aqueles que caíam prisioneiros) mas estava tão perturbado, que não conseguiu dizer, assim como ela, uma única palavra. Estavam enamorados, mas em completa mudez. Ele, por ver na lua em crescente, um credo diferente do seu, e ela, por visto, pela abertura do capote, num movimento fortuito, a sua espada com a cruz formada, símbolo da religião Cristã. Embora em credos opostos, continuavam enamorados e mudos. Os anos passavam-se e ele sempre que tinha licenças, não deixava de visitar os seus familiares e a sua amada.

Mas... da última vez que se ausentou, o pastor que tantas vezes lhe tinha emprestado o capote a sacola e o gado, invejoso, traiu-o, descobrindo ao chefe dos guerreiros tudo o que se tinha passado e o que ele próprio tinha presenciado. O chefe, irritado, saiu com os seus homens de armas e chacinou toda a família do Cavaleiro, arrasando

todo o bairro de S. Miguel, incluindo a sua capelinha.

No regresso à torre, o comandante dos guerreiros invectivou a princesa pela sua maneira leviana de proceder, informando-a que ia levá-la ao rei seu pai, e que lhe ia contar tudo o que se tinha passado. A princesa não lhe deu resposta e aguardou a saída com toda a serenidade.

Porém, na retirada, ao passarem por Pena-Cabreira, a arguta donzela, adiantando-se, escondeu-se num carreiro estreito, abrupto e desconhecido para todos os guerreiros, apanhando-os de surpresa, e, desde o chefe até ao último dos seus guardas, foi-os empurrando para o abismo, com mais de 50 metros de altura, caindo no sorvedouro da cachoeira turbulenta, nas escarpas eriçadas da margem do rio Tuela. Diz a lenda que a princesa, após o lançamento do último guerreiro no abismo, desapareceu na gruta de uma fraga e que ali ficou encantada para sempre, pensando no amor perdido do Cavaleiro Cristão.

Mais consta que, quando o Cavaleiros voltou e vendo os seus desaparecidos e tudo arrasado, ouvindo o que tinha acontecido, monta num javali, de dentuças saídas no maxilar superior do focinho (parecidas com as defesas de marfim dos elefantes, mas em miniatura). Desditoso, procura por todo o termo, tendo em mente a possibilidade de encontrar a princesa. Em vão vasculhou Penha-Escrita, Matrocós, as grutas de Castrilhão, Rigueiro de Ladrões, o Castro da Ciradilha e depois as fragas cinzeladas em baixo-relevo com as figuras do lagarto, focinho do gato e pata de boi (marcas deixadas pelas legiões Romanas, nas regiões desconhecidas, para orientação do exército atrasado que servia de apoio). Chegou na manhã de S. João à gruta onde lhe pareceu ouvir gemidos longínquos e o chiar de um tear em movimento, na fraga que, depois o povo, passou a chamar da Moura-Encantada.

É voz do povo e com muita convicção, que a princesa ainda lá está encantada, e que o Cavaleiro Cristão voltou aos combates, fazendo por morrer, com propósito deliberado, cheio de cutiladas e de glória, no mais encarniçado da luta e que o javali, fiel ao seu dono, continuou à procura da Moura, ficando por fim petrificado no alto do Castelar, a olhar para a Fraga da Moura Encantada, que se encontra lá no fundo, entre a Torre e Pena-Cabreira.

Na verdade, lá está (para autenticar em parte a lenda), ao sul da Costa, no lugar de Castelar, uma pedra que, vista à distância e do local onde existiu o Bairro de S. Miguel, com o formato de um javali.

No sítio onde foi o referido bairro, são agora umas cortinhas, onde se encontram



muitas pedras miúdas (por as grandes terem sido baldeadas), existindo ainda o caminho que formava a rua do antigo bairro.

As pirâmides de cantaria da capelinha, resistiram à erosão e estão colocadas na portada do actual cemitério, assim como alguns perpianhos. Por ter fendido, a sineta que existiu até ao ano de 1677, foi refundida naquele ano, encontrando-se até há pouco tempo, no campanário da igreja paroquial de S. Miguel, cujo Orago é o nome cristão da freguesia de Vila Verde, que é composta por Vila Verde e Prada, tendo a sineta aquela data timbrada.

Os rapazes, mantendo a tradição, continuam na noite de S. João, a «roubar» todos os asininos existentes no povoado, montando-os em pêlo, seguindo o itinerário percorrido pelo javali e o Cavaleiro Cristão, tomando as orvalhadas e a ir escutar a Moura a tecer no tear de ouro maciço, depois de prenderem pela arreata, a coluna de burros, à volta dos restos onde existiu a antiga torre, que os vândalos desmoronaram, só deixando umas pequenas paredes, na miragem de um suposto tesouro.

Lastimamos profundamente que assim tivesse acontecido, pois teríamos um valioso tesouro arqueológico para estudar, embora na parte existente, haja um laborioso trabalho a encetar.

Presenciamos, no silêncio de uma manhã de S. João, juntamente com os companheiros de juventude, de ouvidos postos na entrada da estreita gruta, que atravessa a fraga, um chiar e martelar, que mais parecia um eco remoto, igual ao bater dos pedais e movimento dos pentes e lançadeiras dos teares de madeira, ainda hoje existentes na povoação, e, que a voragem dos tempos, não conseguiu subverter. A tradição continua todos os anos, revivida na noite de São João pela juventude sonhadora e irrequieta do povoado.

Vila Verde, Vinhais, 26 de Fevereiro de 1982 ANTÓNIO ALEIXO MORGADO.





LENDA DE CASTRO VICENTE

Conta a lenda que, pelo século VIII da era cristã, quando os Mouros dominavam ainda a Península Ibérica, por estas terras do Nordeste Transmontano, havia um mouro que se encontrava na fortaleza do monte Carrascal, onde é hoje o Santuário de Balsamão da freguesia de Chacim, concelho de Macedo de Cavaleiros.

Este mouro lançara um odioso tributo – o Tributo das Donzelas -que conseguiu impor aos povoados destas imediações. Consistia o nefando Tributo, em obrigar todas as donzelas, no dia do casamento, a irem passar a noite de núpcias, no leito do mouro poderoso e sensual.

Aconteceu que uma formosa donzela de Castro foi pretendida pelo filho do chefe dos «Cavaleiros das Esporas Doiradas» de Alfândega da Fé. A jovem honesta e digna recusava-se ao casamento, para não se sujeitar ao tributo das donzelas que o infame mouro do monte Carrascal exigia. O noivo garantiu-lhe que o mouro não a obrigaria a prestar esse tributo, porque no dia do casamento mobilizaria os «Cavaleiros das Esporas Doiradas», para fazerem frente ao cruel e tirânico mouro.

Numa manhã radiosa, os noivos e muito povo dirigiram-se para a capela do Santo Cristo da Fraga, onde se realizariam os esponsais. Quando o cortejo regressava a casa dos pais da noiva, um possante e feroz mouro, cumprindo as ordens do Emir do monte Carrascal, raptou a Noiva e colocou-a no cavalo, sendo acompanhado por uma grande e terrível escolta de soldados mouros. Ainda não tinham chegado os «Cavaleiros das Esporas Doiradas» de Alfândega. Quando chegaram dirigiram-se para o monte Carrascal, seguindo à frente o noivo desorientado.

No sopé do monte Carrascal, travou-se um terrível combate, entre mouros deste



monte e os cristãos de Castro, de Alfândega e de mais povoações circunvizinhas. No ardor do combate, apareceu no Céu, a imagem branca de Nossa Senhora, qual Divina Enfermeira, com um vaso de bálsamo na mão, a curar os cristãos feridos que, de novo, voltavam para o combate. O noivo conseguiu penetrar na alcova do cruel e tirânico mouro, o Emir, a quem decepou a cabeça. Ao seu encontro vem a sua querida esposa já desfalecida, mas ileso do nefando tributo.

Deste acontecimento resultou o nome de Castro Vicente (em documentos antigos aparece com a designação de VENCENTE), pela vitória alcançada; Alfândega, nome de origem árabe (Alfandagh...) recebeu o nome de Alfândega da Fé.

A chacina dos mouros deu o nome a Chacim. Diz a tradição que a Capela-Mor do actual Santuário de Balsemão fora uma antiga Mesquita de mouros; assim como o Santuário do Santo Cristo da Fraga de Castro Vicente sobranceiro ao rio Sabor, fora também uma Mesquita de mouros que tinha sido conquistada pelos Cristãos, na época histórica da reconquista, e onde se tinha realizado o casamento da donzela de que nos fala a Lenda de Castro Vicente.

RECOLHA (1985) de António Neto Pinto – Castro Vicente.



COMO NASCEU O NOME DE FREIXO DE ESPADA À CINTA

Era uma vez um mouro que apareceu por este lugar, vindo fugido da guerra. Como vinha muito cansado, resolveu descansar ao pé de uma árvore chamada freixo, que actualmente já não existe, junto da torre onde há outras derivadas dessa. Então o mouro deitou-se a descansar à sombra dessa árvore.

Como trazia uma espada, tirou-a da cinta e colocou-a mais ou menos ao meio do freixo.

Daí passou a chamar-se Freixo de Espada à Cinta à terra onde o mouro descansava.

RECOLHA (1985) de Hélder António Casado Madeira-



LENDA RIO BACEIRO – TRUTAS DE OURO

Diz uma lenda antiga e pouco conhecida que na margem esquerda do rio Baceiro, ali pelas imediações da ponte dos Teixeiras, existiu um moleiro, cujo dono possuía duas trutas de ouro autêntico que tinham sido herdadas de seu pai, que fora, em tempos, ourives ambulante. Certa noite surgiu uma tempestade de tais proporções, que as águas do Baceiro subiram ao ponto de varrer tudo quanto se encontrava nas suas margens.

O moleiro teve tempo de fugir, mas não conseguiu salvar as trutas, que eram duas barras de ouro maciço, esculpido e bem trabalhado em forma de peixe. Diz ainda a lenda que o moleiro gastou anos à procura das suas valiosas peças de ouro, mas, que se saiba, nunca mais ninguém as viu.



FREI JOÃO HORTELÃO

Pascoal era o nome de baptismo. Nasceu em Valverde e ali guardava gado. Foi para uma aldeia vizinha, Eucísia. Eram pouco gentis com ele e daí dar ao Felgar. Apresentou-se com o nome de Ildefonso, mas o povo chama-lhe Alifonso. Apascentava também o gado com a condição de o patrão autorizar ir à missa. O patrão discordou e deu ordens ao barqueiro de o não passar para cá, quando andasse do lado de lá, para ir à missa. Então punha o gado à volta do cajado e deitava a capa na água e assim conseguia transpor as águas para a outra margem. O patrão proibiu-o de guardar o gado, mandando-o tratar da horta. Proibiu-o de ir à missa, porque tinha de ficar a guardar os pássaros e as galinhas. Ele batia-lhes as palmas. Vinham os pássaros e as galinhas e metia-os numa adega. O patrão ao ver neste fenómeno algo de anormal, quis entabular conversa com o Ildefonso, mas este nada respondia.

Resolveu ir para Espanha e entrar num convento, em Castela. Ali os monges puseram-lhe o nome de Frei João Hortelão, porque quis dedicar-se à cultura da horta. Plantava as couves com a raiz para cima e ia à cozinha dizer para ir colher folhas, que as couves estavam frondosas!

Enviou para Valverde uma linda casula, uma custódia e um sino. Nas trovoadas iminentes tocam-no, e dispersam-se e nunca deixam prejuízos. Enviou também uma cruz gótica, com trabalho de filigrana, do século XV. Para a Eucísia, reza a lenda, que enviou um sino de cortiça, com o badalo de lâ.



LENDA DA PIA DOS MOUROS

Em tempos idos, os mouros ocuparam esta região, onde ainda existem reminiscências. Presume-se que ALA, será de origem MOURISCA (Alla). Existe no local de Perafita uma fraga enorme que, numa cavidade, em dia de chuva, armazena muita água. Diz-se que esse local foi habitado por mouros noutros tempos. Diz-se também que foram os fundadores da povoação de ALA. Perto da ribeira, existe a chamada PIA DOS MOUROS, feita ou cavada na referida fraga. Servia para dar de beber aos cavalos, e aos demais animais dos mouros.

As mouras lindíssimas eram vistas por cristãos, e uma delas, filha do principal Emir Mourisco, amava um jovem cristão às escondidas de seus pais. Nunca acedeu a contrair amores com outro jovem mouro, a quem seus pais a destinavam. Ao tempo já se fazia guerra para a expulsão dos Mouros do território nacional. Sentiram os mouros que teriam de abandonar esses locais, e começaram a retirada.

Numa noite, encontrou-se a linda jovem moura com o seu amado e jovem cristão. A moura disse para o amado: - Tenho de fugir com os meus pais, pois sabes que a isso sou forçada, e se assim for, jamais nos encontraremos. O que pensas disto?

Respondeu-lhe o jovem cristão: - Eu não te deixo por nada deste mundo.

A mourinha, encantada com a resposta, disse-lhe:



- Eu não posso cá ficar, e tu não podes ir comigo, e eu também não quero deixar-te por nada deste mundo.

- Queres ajudar-me agora a encher a Pia dos Mouros? É de noite e ninguém vê.

O jovem cristão respondeu que sim. Começaram a encher a pia de água.

Depois de bem cheia, disse a jovem moura, para o seu amado cristão:

- Nem eu vou com os meus pais, nem tu vais. Vamos selar o nosso amor aqui mesmo.

Depois, afogamo-nos na mesma pia dos mouros, que será a nossa cama de núpcias.

E assim sucedeu. Quando ao amanhecer, os mouros foram dar de beber aos seus cavalos, encontraram na pia dos mouros a moura e o cristão afogados, de mãos dadas, e com os lábios colados, dizendo ao mundo, em nome do seu amor, que em amor não há distinção de raças ou religiões...

Hoje os mais velhos habitantes desta povoação de Ala, ainda cantam a quadra, simples, que algum poeta antigo escreveu:

Existe na Perafita,
Uma enorme pia
Que os mouros lá fizeram
Para beber sua cria.

RECOLHA (1985) de Judite do Sacramento Rodrigues, Sambade — Alfândega da Fé.





A LENDA DO REI QUE FOI À CAÇA

Um dia que o rei foi à caça, perdeu-se no caminho onde começou a anoitecer. Viu ao longe uma luzinha e dirigiu-se para lá. Bateu à porta e, entrando, contou o que lhe aconteceu e ali pernitoiu. Fizeram-lhe a ceia que foram batatas cozidas. No fim de as comer disse:

- Estas batatas sabem-me melhor do que faisões.

Ao amanhecer, o rei partiu para sua casa, o palácio, agradecendo a boa vontade em o recolherem. Então o dono da casa disse para a mulher que ia levar ao rei uns sacos de batatas visto o rei gostar tanto delas. Partiu, e chegando ao palácio, o rei o reconheceu e perguntou-lhe:

- O que vens fazer? O homem respondeu:

- Venho trazer estas batatas, visto lhe saberem melhor do que faisões.

O rei mandou recolhê-las, agradeceu e encheu-lhe os sacos de presentes e dinheiro. Mal chegou a casa contou tudo à mulher. Os vizinhos também se aperceberam. Um deles fez logo o mesmo, dizendo para a mulher:

- Se gostou tanto das batatas dele, mais gostará das nossas que são melhores. Chegando ao palácio disse ao rei que as batatas dele eram melhores do que as do vizinho, que lhas oferecia. Então o rei compreendeu a intenção dele e disse-lhe:

- Se as batatas do teu vizinho me souberam melhor do que faisões, é porque tinha fome. Agora sai daqui, porque eu podia castigar-te pela tua má intenção.

O homem saiu envergonhado com o insulto do rei.

Ó inveja, ó inveja,
Que reinas no mundo assim?!
Há muito tempo que existes,
Assim a mostrou Caim.



LENDA DAS COMADRES BÊBADAS

Havia duas comadres, que eram muito bêbadas. Um dia, foram para o forno para cozer o pão. O marido de uma delas recomendou-lhes para não beberem mais do que uma canada de vinho, para não estragarem o pão. Mas depressa esqueceram a recomendação feita pelo homem e beberam até mais não. O resultado foi que em vez de meterem o pão no forno, o atiraram pela janela, para o curral dos porcos. Qual o espanto do marido, ao chegar, e viu aquele espectáculo! Pegou na mulher, pôs-lhe a boca na torneira da pipa e com um funil, encheu-a de vinho. A seguir deixou-a inanimada. Passado algum tempo, quando já meio aliviada, gritou pelo marido: - Ó homem, dá-me mais uma funilada!!!



LENDA DO VERÃO DE SÃO MARTINHO

S. Martinho, antes de ser Santo, foi soldado do Imperador. Uma vez ia montado no seu cavalo, num dia tempestuoso de chuva e vento, muito embrulhado na sua capa de soldado.

Surgiu-lhe num caminho, um pobrezinho de mão estendida muito magra, seminu, a tremer de frio e também de fome. O Moço cavaleiro ficou abalado, e depois de dar umas moedas ao pobre, desceu do cavalo e com a própria espada cortou a capa que trazia ao meio, dando uma parte ao pobre, para ele se cobrir e ficando com a outra metade para si. Passados momentos, o temporal amainou, as nuvens foram desaparecendo, transformando-se a tempestade num dia de sol brilhante, raro na estação do Outono. Eis a Lenda do Verão de S. Martinho, Santo que é comemorado no dia 11 de Novembro, geralmente com um serão de família e amigos.

Diz o ditado: No dia de S. Martinho, prova o teu vinho.

Usança

— Junta-se a família, convidam-se os amigos e todos se reúnem à lareira, ao redor de uma boa fogueira. É o tempo da apanha das castanhas e nesse dia, assa-se uma grande porção num assador próprio, feito já para tal, em latão com buracos no fundo. Põe-se dependurado em cima da fogueira e enquanto assam, uns conversam, outros vão buscar o vinho. As castanhas depois de assadas, deitam-se num cesto que se coloca ao centro, para todos lhe chegarem.



Come-se com fartura, bebe-se bem, juntando-se mais uns petiscos que haja na ocasião. Há risos, histórias e anedotas de várias espécies.

Uma para exemplo:

Havia uma mulher que gostava muito de vinho e todos os dias ia à pipa, mas às escondidas do marido. Este, um dia morreu e então a mulher fez-lhe um grande pranto e nos dias a seguir, a vida dela era acorada na lareira coberta com um xaile e com uma bota¹⁹ de vinho, sempre metida no regaço.

As vizinhas vinham vê-la e ela sempre a lamuriar-se. Estas diziam--lhe:

- Sai daí mulher! Agora queres passar a vida a prantecer!?. Ela respondia:

- Sem secar estes courinhos não apago as minhas penas, não saio daqui. Ia bebendo sempre, até a bota ficar vazia e só assim as penas se apagavam.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.



A LENDA DO PADRE DO MINHO

Veio para esta aldeia, há muitos e muitos anos, um padre minhoto. Este vivia com uma irmã, que segundo diziam dava conversa ao barbeiro do padre. Este, um dia, não gostando da cortesia do barbeiro, matou a irmã e enterrou-a no adro da igreja. Várias pessoas lhe perguntavam pela irmã, às quais respondia que tinha ido para a sua terra natal. Mas, passados alguns anos, foi preciso alargar a igreja. Ao fazer o desaterro, encontraram o cadáver intacto. Foi depois enterrada no altar-mor e considerada santa. O povo indignado fez os seguintes versos:

Passei por trás da igreja

Cheirou-me a pêra madura.

D. Maria Luísa

Metida na sepultura

Passei por trás da igreja
 Cheirou-me a pêra marmela
 D. Maria Luísa
 Metida debaixo da terra

RECOLHA (1985) de Olinda Pereira, Sambade — Alfândega da Fé.



LENDA DO MOURO

Diz-se que uns mouros prenderam, na terra deles, um cristão obrigando-o a trabalhar durante o dia, prendendo-o numa arca durante a noite. Um dia viajaram com o cristão transportando-o na arca. Durante a viagem o cristão prometeu a Nossa Senhora da Ascensão que se o libertasse construía um poço, visto faltar água ao pé da sua capela. Um dia no caminho ouviu tocar as campanas e perguntou ao mouro se o que ouvia eram mesmo as campanas, este perguntou-lhe:

- “Na tua terra há campanas?”
- “Na minha terra campanas há”.
- “Então alegra-te que na tua terra estamos”.

A Nossa Senhora tinha convertido o mouro, este libertou o cristão e os dois construíram o poço prometido.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA AMÉLIA MORAIS, Idade: 81.
 Localização geográfica: SANTA COMBA DE ROSSAS – ORIGEM + 50 anos.



LENDA DO TEAR

Havia num certo lugar uns mouros que tocavam num tear de ouro e muitos iam a esse sítio buscar fortunas. Iam, então, para esse lugar com um padre e água benta, fazendo um círculo e dizendo umas rezas. Diz-se que aos últimos que lá foram no círculo apareceram-lhes umas almas dos mouros a dar-lhes de fumar, eles ao deixarem de olhar para o padre, foram parar a outros sítios esmagados. No entanto, ainda hoje se diz que ainda se pode ouvir o tear a tocar.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA AMÉLIA MORAIS, Idade: 81.
Localização geográfica: SANTA COMBA DE ROSSAS – ORIGEM + 50 anos.





8. CONTOS



O AMO, O CRIADO E O QUEIJO

Havia certo senhor, muito abastado, que tinha numa das suas quintas um caseiro, por quem tinha uma certa consideração, por este ser muito sério nas suas contas. Acontecia que, quando o caseiro não podia ir a casa do amo prestar contas, por afazeres ou qualquer outro motivo, mandava o filho mais velho, por este também já ser competente do que lhe incumbiam. Um dia, o pai diz ao filho:

- Zé, amanhã vais levar esta importância ao amo, e como vais levar--lhe dinheiro, é capaz de te pôr de comer. Aceitas, mas se às vezes te puser queijo, e que esteja inteiro, é melhor não o «incertares» porque parece mal. Lá aguentas mais um bocado, e vens comer a casa. Ora isto era o que o amo queria, pois parece que era mais apertado do que uma «abifora». Tantas vezes o Zé foi levar as contas ao amo, como

este lhe punha de comer, mas sempre um queijo inteiro. E o pobre do rapaz, vinha sempre em branco, e como se costuma dizer com os cantares do Verão. E quando o bom do Zé chegava a casa, o pai lhe perguntava:

- Então, rapaz, comestes?

«Num» senhor. O amo põe-me sempre o queijo inteiro, e eu, já se sabe, não lhe toco, e boa fome que trago.

Diz-lhe o pai:

- Deixa que para a próxima vou lá eu.

E assim foi. As próximas contas a prestar, foi lá o bom do caseiro. E lá estava o dito queijo inteiro, que o amo lhe pôs na frente ao seu fiel criado.

- Coma, diz o amo.

O caseiro, que já estava bem avisado com o que se tinha passado já tantas vezes com o filho, o que fez?

Pegou no queijo e partiu-o em quatro partes iguais. O amo viu aquilo, e ficou espantado, dizendo:

- Olha que isso é queijo. Resposta imediata do caseiro. Bem o beijo. E comeu a primeira parte. Pegou na segunda, e o amo mais admirado ficou, e disse:

- Este é caro.

O criado respondeu:

- Mas vale bem o dinheiro.

- O amo já nem acreditava no que via, pois o caseiro pegou na terceira parte, e o amo diz-lhe:

- Olha que só tenho este. P'rá agora chega, diz o criado.

- Em face do que o amo estava a ver, foi ao curral onde se encontrava o cavalo preso, e soltou-o de propósito. Veio junto do criado, que já se preparava para comer a quarta parte e disse-lhe:

- O cavalo soltou-se e vai-se embora, e já não o agarras. Diz o criado, metendo a última parte ao bolso. Então vou andando e comendo.

- Este chegou para o amo. Daí em diante, o patrão já punha de comer aos seus criados, mas nunca um queijo inteiro.

Será certo? Talvez! Contada ao serão por minha avó materna, em 1932.



CONTO DO ZÉ PEQUENO E ZÉ GRANDE

Era uma vez dois irmãos: O Zé Pequeno e Zé Grande. O Zé Grande, um dia, saiu de casa e foi servir. Encontrou um patrão e justou-se.

O patrão disse-lhe:

- O primeiro que se negar até cantar o cuco, tira-se-lhe uma correia das costas. Justou-se com ele.

O patrão diz-lhe:

- Vais buscar um carro de lenha da mais torta que houver.

Ele foi e não a encontrou. No outro dia mandou-o a buscar lenha da mais direita que houvesse; não a encontrou.

O patrão diz-lhe: - Estás arrependido?

- O criado disse que sim.

Então o patrão tirou-lhe uma correia das costas e mandou-o embora. Chegou a casa chorando. Contou o que se tinha passado.

O Zé Pequeno disse:

- Agora vou eu e hei-de trazer duas correias, a tua e a dele.

Assim foi. Bateu à porta do patrão e disse:

- Não querem para aqui criados?

- Nós tivemos cá um. Não se aguentou até cantar o cuco, e foi-se embora.

O Zé Pequeno disse:

- Mas eu sou capaz de me aguentar até cantar o cuco.

O patrão justou-o e disse-lhe:

- O primeiro que se negar até cantar o cuco tira-se-lhe uma correia das costas.

O Zé Pequeno disse: - Está bem.

Mandou-o jungir os bois, pô-los ao carro, e ir buscar lenha da mais torta que houvesse.

Foi à vinha, cortou cepas e levou-as para casa.

Diz- -lhe: - Já está arrependido?

O patrão já estava, mas disse que não. Mandou-o buscar lenha da mais direita que houvesse. Foi ao pinhal, cortou pinhos dos mais direitos e levou-os para casa.

Perguntou-lhe:

- Já está arrependido?

O patrão dizia que não. Como ele era capaz de fazer tudo, um dia, mandou-o para o lameiro com as vacas. Mandou a mulher a pôr-se na ponta dum carvalho a cantar como o cuco, a ver se ele se arrependia. Ele ouviu. Foi a casa do patrão, que era caçador, pediu-lhe a espingarda para matar a cuca que cantava no carvalho. Ele foi e matou a mulher. Veio para casa e disse:

- Já está arrependido, patrão?

Ele disse: - Ah ladrão que me mataste a mulher. O patrão arrependeu-se.

Então o Zé Pequeno disse:

- Vou tirar-te duas correias das costas. Uma para mim e outro do meu irmão e assim acabou a história do Zé Pequeno e do Zé Grande.



MARIA DE PEDRO

Naquele tempo, andando um casal a pedir esmola de povoado em povoado, por serem muito pobres, deram à luz um bebé do sexo feminino, a quem foi posto o nome de Maria de Pedro, servindo de padrinho S. Pedro, que andava pelo mundo.

Quando os pais morreram, ficou a jovem menina ao cuidado de S. Pedro. Seu padrinho se encarregou da sua educação. Este, temendo que ela fosse perseguida, resolveu trajá-la de rapaz. E aconselhou-a que não se desse a conhecer a ninguém, usando somente o nome de Pedro. Foi-lhe dado um emprego no palácio, onde ficou ao serviço do rei. Sendo um jovem muito digno, a rainha apaixonou-se por ele. Como não devia nem podia, retirou-se quanto pode. Esta tomou-lhe ódio e foi acusá-lo ao rei de ele ter dito que era capaz de ir buscar uma filha que eles tinham encantada na terra dos mouros. O rei aproveitou-se do oferecimento e disse: - Pois tem de ir, com pena de morte.

Ele foi tomar o parecer com S. Pedro, seu padrinho que lhe disse:

- Vais, pede-lhe os dois melhores cavalos da cavaliça, um para ti outro para ela, e dois presuntos que é para deitares a dois leões que te embargam a passagem na entrada do cerco. Deitas um à entrada, outra na saída, para se entreterem enquanto passas.

Os mouros, quando se virem sem o seu encanto, não-de vir para te matar, mas levas três agulheiros que eu te dou. Este é de cinza que se forma em nevoeiro para atirar, quando te vires alcançado. Mas eles conseguem romper. Deitas este de agulhas que se forma silveiral, mas eles ainda conseguem. Deitas este de água que formará um rio, e então ficas salvo.

Chegou à entrada. Lá estavam os dois leões. Deitou-lhe um presunto e passou.

Quando chegou ao destino, ela já esperava e montou no cavalo que ia destinado. À saída lá estavam os leões. Deitou-lhe o outro presunto e passaram. Quando se viu alcançado pelos mouros, deitou-lhe o agulheiro de cinza que se formou em nevoeiro, e adiantaram jornada. Mas quando se viram outra vez alcançados, deitou outro de agulhas que formou silveiral. Mas, como conseguiram alcançá-los outra vez, deitou o de água que formou um rio. Então ficaram livres.

Quando caminhavam, a princesa exclamou:

- Ai! douros! Ai! douros!

Mais adiante, outra vez: - Ai! delas! Ai! delas!

Já perto do palácio outra vez: - Ai! dragão! Ai! dragão!

E não falou mais.

A rainha, com o ódio que tinha ao Pedro, foi de novo acusá-lo ao rei, que era capaz de fazer falar a filha. Então o rei disse que tinha de o fazer, com pena de morte.

Voltou à presença do S. Pedro seu padrinho, e contou-lhe o que se passava. S. Pedro afirmou:

- Pede para mandar construir um palácio em frente ao outro, com três patins. Quando estiver tudo pronto, pegas-lhe na mão e levas a princesa ao primeiro patim, e perguntas o que significavam aquelas frases: Ai! douros! Ai! douros! Sobes o segundo patim, e perguntas o que queria dizer: Ai! delas! Ai! delas! De novo no terceiro patim o que queria dizer: Ai! dragão! Ai! dragão! Nessa altura há-de falar. Aproximou-se a altura. O rei deitou um decreto para toda a gente ouvir falar a filha, e chegou o dia.

Então seguiu as instruções do padrinho. Pegou-lhe pela mão, e levou-a ao primeiro patim, e perguntou:

- Quando vínhamos a caminho dos mouros, gritaste: Ai! douros! Ai! douros! o que queriam dizer aquelas palavras?

Ela respondeu: - Porque já me via livre dos mouros. No segundo patim, mais à frente, outra vez: Ai! delas! Ai! delas! Que querias dizer com isso?

- Porque em cima do cavalo de meu pai vinham duas meninas donzelas.

No terceiro patim e já perto do palácio, outra vez: Ai! dragão! Ai! dragão! Que querias dizer com isso?

- É, que, se tu fosses homem, já meu pai era cabrão.

Então o rei expulsou a rainha e casou com a Maria de Pedra, que viveram felizes muitos anos.



NO TEMPO DA MONARQUIA

Havia um rapaz que disse para a mãe:

- Minha mãe, vou moirar.

E a mãe diz-lhe assim:

- Vai, meu filho.

- Queres a minha bênção, ou metade de um pão?

E o rapaz diz para a mãe:

- Eu quero a sua santa bênção.

E o rapaz foi ter a casa de um rico. Quando bateu à porta, diz ele assim:

- Querem-me aqui para criado?

Estava lá um velhote e disse-lhe:

- Podes ficar, rapaz, que eu vou-me embora. Mas olha: Nesta bacia de água nunca mexas.

O teu trabalho é pouco. É só tratar de três cavalos. Estão ali àquele canto três aguilhadas. Nunca lhes toques, que eu estou aqui há bastante tempo, e ainda lhes não toquei. Se pensares em te enforcar, puxa por aquela corda, que está naquele telhado.

E o velho foi-se embora.

O rapaz esteve lá muito tempo, sem mexer na água. Um dia, o rapaz disse:

- Para que quero aqui esta água? Vou-me lavar nela. Ao mesmo tempo que deitou com as mãos a água pela cabeça, ficou-lhe o cabelo todo dourado. Em seguida deu um pontapé nas agulhadas, dizendo:

- Quero ver o que daqui vai sair. Ao mesmo tempo que o fez, saem--lhe três gigantes.

- Agora, pelo pouco, vou-me enforcar. E puxou pela corda que estava presa à trave. Encheu-se o chão de dinheiro.

Depois disseram--lhe os três gigantes:

- Rapaz, tens que te ir embora, porque nos desencantaste.

Um dos gigantes disse ao rapaz:

- Se um dia te vires aflito, basta-te dizer:

- Valha-me aqui o meu cavalinho de cobre.

O segundo diz-lhe também:

- Se precisares de mim, diz:

- Valha-me o meu cavalinho de prata.

Depois, o terceiro:

- Pede-me o que tu quiseres, que te atenderei, dizendo:

- Valha-me o meu cavalinho de ouro.

Depois, o rapaz foi-se embora. Seguía por um vale. Viu um carneiro morto. Abriu-o e tirou-lhe a bexiga, e pô-la na cabeça para que lhe não vissem o cabelo dourado.

Depois foi andando até que foi ter ao palácio do rei. Deu umas voltas em redor do palácio do rei, até que viu o jardineiro. Ofereceu-se para criado. O jardineiro aceitou o rapaz para ajudante.

O rapaz, quando lhe apetecia, tirava a bexiga da cabeça.

Até que um dia, a princesa mais nova o viu. Apaixonaram-se um pelo outro.

O rapaz mandava-lhe todos os dias um raminho de flores.

Um belo dia, o rei pensou em casar as suas filhas e fez umas cavalhadas.

O jardineiro, como era amigo do rapaz, disse-lhe assim:

- Amanhã são as cavalhadas da filha mais velha do rei. Não queres vir?

O rapaz respondeu-lhe:

- Antes quero ficar ao sol no jardim.

Assim que o velho saiu, o rapaz pediu ao seu encanto:

- Valha-me aqui o meu cavalinho de cobre.

E pediu um bom cavalo e roupa ao consoante, para conquistar a filha mais velha do rei. O rapaz, quando entrou nas cavalhadas, tudo ficou admirado e a princesa gostou



dele.

Quando o velho chegou ao jardim, já o rapaz lá estava deitado ao sol, como tinha ficado. E o velho, entusiasmado, Pôs-se a contar ao rapaz tudo o que viu na festa e disse-lhe:

- Apareceu lá um príncipe com o cabelo de ouro.

E o rapaz respondeu desinteressado:

- A mim o que me importa?

Ao outro dia o rapaz disse para o velho:

- Eu era capaz de pôr no cimo do jardim um tanque com quatro bicas de água a correr.

O velho foi levar a novidade ao rei. Que era capaz de pôr no cimo do jardim quatro bicas de água a correr. O rei respondeu-lhe:

- Pois com pena de morte tens que as pôr.

O velho foi ter com o rapaz. Aflito, contou-lhe o que tinha dito ao rei, e o rapaz respondeu-lhe:

- Não lhe foras dizer nada. A mim não me importa.

Disse o rapaz:

- Valha-me o meu cavalinho de prata. Quero aqui um tanque com quatro bicas a deitar água, amanhã de manhã.

O rei, quando se levantou e viu aquilo, elogiou o jardineiro.

Depois, o velho disse para o rapaz:

- Queres ir às cavalhadas da filha do meio? São amanhã!

O rapaz respondeu-lhe:

- Antes quero ficar aqui a dormir.

O rapaz quando se viu só, pediu ao seu cavalinho de prata. Quero aqui um cavalo e boa roupa, que quero conquistar a filha do rei.

Assim que o rapaz lá chegou, ainda ficou maior espanto nas pessoas que da primeira vez.

E a filha do rei gostou dele.

Um dia, o rapaz e o jardineiro estavam conversando no jardim.

Diz o rapaz:

- Eu era capaz de pôr aqui, de hoje até amanhã de manhã, em cada canto do tanque uma laranjeira carregada de laranjas maduras.

O velho, ao ouvir aquilo, foi levar a novidade ao rei:

- Saiba Vossa Real Alteza que eu sou capaz de pôr em cada canto do tanque uma laranjeira carregada de laranjas maduras, de hoje para amanhã de manhã.

E o rei respondeu-lhe:

- Com pena de morte tens de as pôr.

O velho foi para ao pé do rapaz e disse-lhe:

- Eu disse ao rei que era capaz de pôr as quatro laranjeiras no tanque, carregadas de laranjas maduras. E ele disse-me, com pena de morte, que tinha de as pôr.

O rapaz disse-lhe:

- Então, se não és capaz, por que lhe foste tu dizer? Vou-te deixar morrer.

O velho foi-se deitar e o rapaz pediu ao seu encanto:

- Valha-me o meu cavalinho de ouro. Quero aqui em cada canto do tanque uma laranjeira carregada de laranjas maduras, mas que ninguém seja capaz de as cortar, a não ser eu e a princesa mais nova.

O rei convidou muitos reis e príncipes para ver aquilo. Mas as laranjas, só a princesa mais nova e o rapaz é que as colhiam.

Depois, o velhote disse para o rapaz:

- Queres ir às cavalhadas da filha mais nova do rei, que são amanhã?

Eu não quero falhar, – diz o velho.

E o rapaz respondeu-lhe: - A essa talvez vá, se encontrar quem me empreste um burro.

Desde que o velho saiu o rapaz arranjou um burro já velho e pôs-se a caminho.

Quando chegou a um atoleiro, o burro enterrou-se, e o rapaz começou-lhe a puxar pelo rabo.

Quando passava um, dizia:

- Quando este lá chegar já os outros estão de volta. E outros riam--se, dizendo:

- Este tarde há-de chegar às cavalhadas.

Diz o rapaz:

- Valha-me o meu cavalinho de ouro. Quero aqui um cavalo e roupa ao consoante, para conquistar a filha do rei mais nova.

Quando lá chegou ainda foi mais admirado que das outras vezes, e a princesa também gostou dele.

Quando o rapaz saiu, vieram-lhe ao encontro dois príncipes.

- Tu conquistaste as três princesas mas não podes casar com elas três. Escolhe a que gostas mais e cede-nos as outras duas. O rapaz respondeu-lhes:



- Para mim quero a mais nova. Mas, antes que vos ceda as outras duas, tendes que me deixar selar as vossas nalgas com as patas do meu cavalo.

Quando o rapaz chegou ao palácio, vestiu-se com roupa simples e a bexiga na cabeça.

Deitou-se no jardim ao sol, e o velho foi ter com ele, e contou-lhe:

- Hoje ainda foi mais lindo do que das outras vezes.

O rei mandou chamar os dois príncipes e o rapaz apresentou-se com os três cavalos que tinha conquistado as princesas, mas em vez de ir vestido de príncipe, não foi. Ia de roupa simples e a bexiga na cabeça.

O rapaz disse para o rei:

- Saiba Vossa Real Alteza que fui eu quem conquistou as suas três filhas. Estes dois príncipes vieram cá porque fui eu que lhas cedi. Para prova da verdade hão-de ter as nalgas com as ferraduras escritas dos meus cavalos.

O rei respondeu-lhe:

- Eu não te dou a minha filha por bem empregue. Vai-te embora tu e ela. E assim se foram e casaram-se. O rapaz pediu ao seu encanto:

- Valha-me o meu cavalinho de ouro. Quero aqui um palácio muito superior ao do meu sogro, com quatro bicas de fogo no cimo do palácio.

O rei naquela manhã levantou-se tarde, porque a janela do seu quarto naquele dia não tinha a luz habitual. O rei veio à janela e viu aquele palácio superior ao seu.

Mandou perguntar quem lá estava.

De lá responde-ram-lhe:

- Se sua Real Alteza quer saber, venha cá pelo seu pé.

O rei mandou outra vez perguntar quem lá estava, se não que lhe declarava guerra.

- Se sua alteza quer saber, que venha cá pessoalmente.

O rei já cheio de medo pôs-se a caminho. Qual não foi o seu espanto, quando viu sua filha e o seu genro. Ficou muito satisfeito e mandaram fazer logo uma festa e assim acabaram todos felizes.



HISTÓRIA DA LUTA DOS DOIS CARNEIROS

Dois pastores conduziam o gado para a pastagem e encontram-se ao passar no campo da bola. Cada um deles tinha um grande carneiro que, ao encontrar-se, não resistiram a uma luta e começaram a marrar um contra o outro a ponto do resto do gado se afastar consideravelmente. Enquanto lutavam aproximou-se um lobo faminto e estafado da caminhada, que lhes falou:

- Bom dia compadres carneiros!

E eles responderam:

- Bom dia compadre lobo!

- Venho tão cansado e cheio de fome que vou ter de vos comer.

- Tem graça, até estamos de acordo que nos comas, mas tens de nos deixar definir isto aqui. É que temos esta leira para dividir pelos dois e temos de fazer este trabalho para saber o que toca a cada um.

-Ah! Tendes razão. Então vá, acabem lá o serviço porque estou com muita fome.

E diz um dos carneiros:

- Então tu vais sentar-te aqui, o meu companheiro vai afastar-se até lá para trás e eu vou afastar-me também, depois vimos os dois a correr e o primeiro a chegar aqui é porque a leira dele é a mais pequena.

O lobo concordou, e então, os carneiros afastaram-se no sentido oposto e empreenderam uma feroz corrida, um em frente ao outro. O lobo viu-os vir mas não teve tempo de os evitar, sendo apanhado no meio da estucada dos grandes cornos



dos carneiros, só se ouvindo um grande estouro do lobo a arrebentar.

Depois do sucedido, os carneiros olharam-se e concluíram:

- Este já se foi!

Seguidamente, largaram a correr para alcançar os respectivos donos e gados.

O lobo meio vivo meio morto, lá se foi levantando e cambaleando, chegou a um lameiro onde pastava uma égua e falou-lhe:

- Ó comadre égua, triste é a minha vida, venho tão doente, cansado e cheio de fome, vou ter que te comer!

A égua abalada até concordou e disse:

- Acho até bem que me comas, também tens direito a viver, mas olha, tenho um grande espigão numa pata e tens de mo tirar antes de me comer, senão o espigão espeta-se-te no céu-da-boca e morres.

O lobo entendeu, então, que seria prudente tirar mesmo o espigão da pata da égua antes de a comer e disse:

- Então alça lá a pata que tem o espigão.

A égua manhosa levantou a pata e quando o lobo se preparava para arrancar o hipotético espigão com os dentes, a égua defere um grande coice que deitou com o pobre lobo aos tombos pelo vale a baixo. E, assim, a égua escapou aos dentes do lobo.

Passado um pouco, o pobre animal lá se foi endireitando aos poucos e tomou caminho ao longo de um riacho que chegava ao rio, naquele rio havia um moinho estava parado mas não estava desactivado.

Assim, o dono do moinho tinha ao lado deste uma casotinha onde guardava uma porca com algumas crias. O lobo foi-se aproximando da mãe porca enquanto as filhinas pastavam por perto:

- Olá comadre porca.

E responde a porca:

- Viva compadre lobo, o que o trás por estes lados?

- Ó comadre porca! Triste é a minha vida, venho cansado e cheio de fome, vou ter que a comer. O que prefere, que a coma a si ou aos seus leitõezinhos?

E a porca responde:

- Antes quero que comas os meus filhos, porque eu sou nova e ainda posso arranjar outros, mas antes tens de mos deixar baptizar.

O lobo curioso pergunta:

- Então e como se baptizam?

A porca esperta chama o lobo para a saída da água do moinho onde se encontrava o rodízio e, então, explicou-lhe como se faria o baptismo e como ele deveria proceder:

- Vais ficar aqui sentado na roda com a boca bem aberta para aquele buraco (a saída da água), eu vou por cima e mando um leitão de cada vez por aquele buraco, quando chegar aqui já vem baptizado e tu aboca-lo. O lobo concordou e sentou-se na roda, entretanto a mãe porca foi guardar os filhotes na loja e, depois, foi por cima a abrir o canal para deixar correr a água, fechando-se em seguida com os filhos. Quando a água começou a cair na roda esta começou a rodar e a fazer um barulho característico do próprio movimento. O lobo ao entrar em rotação agarrou-se ao pau do meio (ao veio), mas não pode parar o movimento e desatou a gritar:

- Pára rezingão que havemos de baptizar um leitão!

Mas como a água não deixava de correr a roda não parava de rodar e o lobo ia ficando tonto de tanta volta, acabando a força da água por arrastá-lo ao longo do rio. Da janela da sua loja a comadre porca acena:

- Adeus compadre lobo, boa viagem passe muito bem!

Tontinho de tanto rodar e de tanto tombo dar, foi parar junto de um escanzelado burro que pastava num lameiro, num lugar chamado Tabuaça. Estava coberto com uma manta e aproximou-se depois de fazer um grande esforço para se levantar:

- Viva compadre burro.

E disse o burro:

- Olá compadre lobo!

- Ah compadre burro venho tão cansado, cheio de fome, que vou ter que o comer!

- Ah compadre lobo, não será grande ideia, não vês que sou só ossos, parece-me que será melhor, uma vez que está cansado, deitar-se ai ao sol e dormir uma grande sesta, enquanto eu pasto um pouco e assim já te podes fartar. O lobo obedeceu, deitou-se e deixou-se dormir. Ao ver o lobo a dormir o burro foi deitar-se por detrás dele, começando a mexer-lhe por detrás com o seu "instrumento" e o lobo acordou:

- Ó compadre burro, então isto o que é?

O burro respondeu:

- É o canhão com que te vou matar!

- Então e isto aqui?

- Isto são as cartucheiras que estão cheias de balas para te matar.

O lobo levanta-se dum salto e não se lamentou mais do seu cansaço e da sua fome, larga a correr pelo vale fora, acelerando quando olhava para trás e via o burro a zurrar com o canhão armado. Cheio de medo e cego na corrida foi enfiar-se numa



mata de estevas que, naquele tempo, tinham já a cabeça de flor a cair, caindo-lhe no lombo ao passar:

- Fogo lá para o burro, que grande canhão que ainda chegam aqui os chumbos frios!

Continuou, assim, o triste lobo pelo monte fora, onde encontrou um leão que lhe perguntou:

- Onde vens compadre lobo, tão cansado e esbaforido, parece que viste o diabo?!

Respondeu o lobo:

- Ah! Se te acontecesse o que me aconteceu a mim agora ali com um burrito!

- Então o que foi que te assustou assim tanto?

O lobo contou o que lhe tinha acontecido com o burro, e o leão ficou curioso, não querendo acreditar que fosse assim:

- Olha vamos lá os dois dar cabo dele.

- Não vou que estou muito cansado!

Diz, então, o leão:

- Nesse caso, agarra-te aqui ao meu rabo e vamos ver que tipo de burro é esse que tanto te amedronta.

O lobo acabou por agarrar-se ao rabo do leão com os dentes e deixou-se arrastar por ele, pois já nem tinha forças para andar batendo com a cabeça, durante o caminho, em troncos e pedras. Ao avistarmos o burro, este voltou-se para trás e pôe-se a exhibir o seu grande canhão. O leão parou e considerou que seria melhor não avançar mais, porque de facto aquele canhão metia respeito! Entretanto o lobo de tantos saltos e tombos ter dado já estava meio morto, mesmo assim, o leão voltou para o monte com o lobo preso à cauda. Ao parar e já cansado de puxar, comenta ao ver o lobo de dentes arreganhados, pois já estava morto:

- Ai tu ainda te ris? Pois eu não acho piada nenhuma, aquele era um canhão de meter medo a um batalhão, larga-me lá o rabo que eu quero ir à minha vida, mas o lobo já não abria os dentes estava mesmo morto.

Entretanto o leão passou entre duas árvores muito juntas, tendo o lobo que ficar mesmo para trás, mas ficou-lhe também com metade da cauda. Seguindo saroto, mas livre o leão atravessou pelo campo da bala, no entanto ditou a sua pouca sorte que pisasse uma casinha de um grilo, que saiu de lá todo chateado e lhe perguntou:

- Ouça lá senhor leão saroto, quero saber quem lhe deu autorização para pisar a minha casa?

- Queira desculpar-me, meu rei grilo, mas creio que não foi de propósito.

Mas o grilo ainda irritado não aceitou explicações:

- Não aceito desculpas, proponho já uma guerra temos que medir forças.

- Pois se insiste, façamos uma guerra!

Combinaram o dia dos confrontos e cada um reuniu as suas tropas. O leão convidou elefantes, raposas, rinocerontes, mais leões, enfim animais grandes e ferozes. O pequeno grilo convidou simplesmente abelhas. Chegando o dia D as tropas puseram-se frente a frente, os animais da floresta ao ver montinhos de abelhas agrupados no chão, zombaram logo daquela situação e consideraram-se vencedores à partida. Só que saiu tudo ao contrário, à ordem de ataque as pequenas mas ágeis abelhas, num zumbido aéreo atacaram os adversários pelo focinho, picando-os nos olhos, nas patas, na barriga, na cauda, nas orelhas e por tudo quanto era sitio, até que os fortes animais debandaram à deriva.

O lobo, numa corrida desenfreada sem direcção, deparou-se com uma raposa:

- Eh, amigo lobo, que corrida cega é essa? Donde vens tão furioso?

Quase sem parar de se coçar o lobo responde:

- Venho ali da guerra do Leão e do rei Grilo, só que ele tinha lá uma tropa de farda amarela que malharam em nós todos. Eram pequenas, mas agarram-se a nós num zumbido sem fim picando-nos todos e tivemos de nos render. A raposa pensando que era mais valente adiantou:

- Ah! Se me apanho lá eu com as minhas unhazinhas desfaço-as todas!

- Pois vai que ainda chegas a quinhão.

Volveu o leão continuando a sua fuga e precipitando-se para o fundo do poço de onde não conseguia sair. A raposa chegou ao campo de batalha e falou:

- Oh, rei Grilo manda cá as tuas tropas que quero medir forças com elas!

O grilo enviou uma mãozinha de abelhas que envolveram a raposa, de tal modo, que ela não teve mais que fazer do que enfiar-se num charco de água para que as abelhas a largassem.

A raposa não se atreveu a voltar a trás, ficou-se por ali à beira do caminho. Por aquela hora costumava passar por ali o senhor Nazário que ia de Paço para Mós vender sardinhas com um caixote às costas. A esperta raposa ao avistá-lo tomba-se ao longo do caminho, como se estivesse morta, o senhor Nazário dá-lhe, então, um pontapé para se certificar que estava morta, pensando levá-la para lhe tirara pele e vendê-la. Assim, agarrou a raposa pelo lombo e atirou com ela para cima das sardinhas que levava às costas, prosseguindo caminho sem desconfiar da malandrice da raposa. E que astuta foi a raposa e como pregou uma partida ao sardineiro!



Ao longo do caminho foi deitando fora, uma a uma, todas as sardinhas compassando-as ao longo do caminho. Depois, deixou-se ir mais um bocado para ficar com espaço para quando saltasse do caixote poder correr sem ser apanhada, tendo a possibilidade de comer as sardinhas todas no regresso. De um salto só a raposa fugiu e exasperou o sardineiro:

- Ah! Maldita raposa, filha da mãe, fez-se morta só para apanhar boleia até aqui, pois olha, escapaste-te a tempo!

Não havia nada a fazer, seguiu o caminho e chegou à aldeia começando, logo de seguida, apregoar as sardinhas, desceu o caixote e pô-lo numa parede, mas para espanto seu não havia nenhuma sardinha no caixote! Pobre do senhor Nazário gelou-se-lhe o sangue, começou a praguejar contra a raposa, enquanto pedia desculpas aos clientes da aldeia e, assim, perdeu o dia. Por sua vez, a raposa, no regresso, foi recolhendo todas as sardinhas retirando-se para o monte, onde os lobos se criam e dormem, chamado Pena Cova. Ai cruzou-se com um lobo que ficou espantado ao vê-la com tanto peixe:

- Ó comadre raposa, donde vens com tantos peixinhos?

E respondeu a malandra da raposa:

- Olha quem quer peixe molha "el culo". Dormi toda a noite no poço do tio Purezo, quando foi de manhã, custou-me a sair com tanto peixe agarrado a mim.

- Ó comadre raposa, tens de me ensinar onde é esse poço que eu também quero lá ir dormir.

- Ensino sim senhor, compadre lobo!

Foi então ensinar ao lobo o lugar que seria de suplício para ele, explicou-lhe como devia fazer para se meter no poço na parte que era mais profunda ficando só com a cabeça de fora.

Quando chegou a noite o lobo foi meter-se no poço e como era Inverno a água começou a gelar, e como o gelo, no correr da noite, ia apertando cada vez mais, o lobo chega a pensar que a raposa tinha razão, pensando que o gelo a apertar eram os peixes. No entanto, o lobo acabou por não ser capaz de sair do poço acabando por morrer ali com o gelo. A raposa ao saber da burrice do lobo ficou-se a rir da sua astúcia que saiu vencedora contra a esperteza do lobo.



HISTÓRIA DO MAMA NA BURRA, DO ARRASA MONTANHAS E DO ARRANCA PINHEIROS

Havia numa localidade um casal que em tempo próprio teve um filho e devido ao estado de debilidade em que ficou a mãe quando do parto, não pode resistir e morreu pouco depois. Eles tinham uma burrita para os trabalhos no campo, acabando esta por criar o menino com o seu leite. Assim, foi crescendo o menino a mamar leite da burra e por isso as pessoas costumavam chamar-lhe o “mama na burra”.

Passados alguns anos, o rapaz exibia uma força fora do comum e anormal para a sua idade. Dando-se conta disso e já cansado de ser chamado o “mama na burra”, disse, então, para o pai que pensava ir-se embora da aldeia, porque senão ainda acabava por destruí-la com toda a força que tinha. Pediu, assim, ao pai para lhe arranjar um bastão de 100 arrobas para ir pelo mundo testar a sua força. Deste modo, lá foi ele com aquele pesado brinquedo na mão, ao passar ao lado de um rio avistou um estranho movimento de um indivíduo, que com uma alavanca retirava enormes fragas para fazer uma represa no rio. Parou e ficou parado a apreciar o exercício, comentando para consigo mesmo:

- Caramba eu considero-me o homem mais forte do mundo, mas este ainda me ganha! Vou já ter com ele e convidá-lo para se juntar a mim e irmos pelo mundo fora para mostrar a nossa força. Como pensou assim o fez, juntos agora seguíam mundo



fora, parando mudos ao ver outro fenómeno como eles. Sentindo curiosidade foram com ele, para ver a sua habilidade, a uma mata de enormes pinheiros ficando a olhar. Começou, então, por estender as suas enormes cordas e derrubar, de uma só vez, um pinheiro, fazendo, assim, a sua carga, enquanto os outros se questionavam:

- Como é que ele vai agora meter-se por baixo daquilo tudo e levar tudo às costas?! O valentão não está com meias medidas, mete o monte de lenha por uma das pontas, mete-se por baixo e arranca com tudo às costas com grande facilidade. Então comentou o "mama na burra":

- Pois este ainda nos ganha a nós! Vamos juntar-nos a ele e faremos um trio invencível.

Convidaram-no e passaram a andar todos juntos, indo desembocar a um lugar cujo dono não conseguia nem vender nem alugar. Assim, ao ver aparecer aquele grupo de valentões logo lhes alugou a casa, ali se instalaram e dela se serviram.

Um dia saíram para caçar ficando em casa o "arrasa montanhas". Passou-se o dia, e como os companheiros estavam-se a demorar, ele resolveu preparar o jantar. Tinha já posto a panela ao lume enquanto descascava as batatas, quando de repente ouviu no telhado um barulho forte. Ao olhar para cima procurando perceber o que se estava a passar, abriu-se de repente um buraco no tecto, donde pende uma pequena perna e se ouve um gemido:

- Ai que eu caio, ai que eu caio!

Ao que sem mais, ele responde:

- Pois cai, podes cair!

Ele caiu mesmo, era uma só perna e ficou de pé ao seu lado. Novamente se deu um barulho forte e um novo gemido:

- Ai que eu caio, ai que eu caio!

A resposta do "arrasa montanhas" foi a mesma, vindo de lá outra perna que cai ao lado da primeira e fica também de pé. O forte barulho é o gemido torna-se a repetir num vai e vem, até que acabou por cair um o resto de um corpo de um garoto que se foi encaixar nas pernas, que tinham caído anteriormente. O miúdo começou a queixar-se do frio e como o lume estava à sua frente, o "arrasa montanhas" respondeu com desdém:

- Não tens aí lume? Aquece-te!

O miúdo chegou-se ao lume destapou a panela e, sorrateiramente, meteu para

dentro um punhado de cinza. Ao ver a cena o “arrasa montanhas” amarra-se para apanhar um pau e dar-lhe com ele, mas o pequeno “fenómeno” ao vê-lo de costas transformou-se num gato bravo, saltou-lhe em cima e arranhou-o todo desaparecendo num salto.

Quando os companheiros chegaram a casa ao se depararem com ele naquela figura, inquiriram-no sobre o que se tinha passado.

O “arrasa montanhas” explicou e logo o “arranca pinheiros” concluiu:

- Ah não! Então amanhã fico cá eu.

Ao outro dia assim foi, o “arranca pinheiros” ficou a arrumar a casa, enquanto os companheiros foram à caça. Tristemente, a cena repetiu-se da mesma forma e, apesar de já ter acontecido, este não se preveniu e ficou ainda mais arranhado do que o seu companheiro.

Quando os outros chegaram à noite, pensando que nada de mal teria acontecido, ficaram horrorizados com o sucedido:

- Mas que diabo se passa aqui? Que vem a ser isto?! Pode ser obra do Diabo?

Combinaram, então, que desta vez ficava em casa o “mama na burra”. Contudo, este agiu com um pouco mais de prudência e preveniu-se, colocando perto de si o seu bastão de 100 arrobas. Quando a situação se repetiu, ele pôs-se atento, esperando o desenrolar dos acontecimentos, para lhe cair em cima ao chegar a hora certa. No momento em que o miúdo foi à panela para meter a cinza, o “mama na burra”, com um gesto rápido, atira com o seu bastão para lhe acertar, mas no mesmo instante o miúdo faz um pequeno movimento e só é apanhado numa orelha, esta cai ao chão, conseguindo, assim, o garoto fugir deixando um rasto de sangue à sua passagem.

Entretanto chegaram os companheiros, aos quais o “mama na burra” pediu que fossem ao patrão solicitar um candeeiro para poderem seguir o rasto de sangue. Entraram num quarto, seguiram para outro e saíram para o exterior, verificando que o rasto terminava debaixo de um grande sequeiro de lenha. O “mama na burra” pediu ao “arrasa montanhas” que levantasse aquela lenha para ver o que se escondia debaixo, aparecendo, então, um buraco que se prolongava pelo chão. Foram, depois, pedir emprestado uma corda, um caixote e uma campainha, pretendendo com isto, entrar no esconderijo explorando-o. O primeiro a entrar foi o “arranca pinheiros” e, tal como tinham combinado, quando este tocou a campainha em sinal de perigo, os companheiros içaram o caixote pela corda. A seguir foi o



“arrasa montanhas”, dando-se o mesmo procedimento, visto que, ao se deparar com os diabinhos suspensos na parede, tocou a campainha para que o içassem e nada conseguiu ver. Entretanto, o “mama na burra” exclamou:

- Agora quero descer eu! Quanto mais eu tocar a campainha mais me deixais cair. Assim, procederam os companheiros, fazendo descer o “mama na burra” até ao fundo, não deixando, durante o percurso, de se deparar com uns diabinhos irrequietos e mafarricos que estavam dependurados nas paredes. Ao se encontrar naquele espaço dirigiu-se a uma porta e ao abri-la saiu de lá um monstro de sete cabeças, com o qual lutou, saindo-se vencedor graças à sua força e ao seu bastão. Ao dirigir-se a outra porta teve surpresa idêntica, saiu de lá um leão muito forte, mas foi igualmente vencido pelo “mama na burra”. Havia uma terceira porta e aí sim estava a surpresa que ele procurava, o “Diabo” encostadinho a um canto com medo por ter sido descoberto:

- Ai estás aí?! Então sai cá para fora, anda, anda!

O “Diabo” estava mesmo com medo, mas não queria que o outro percebesse e mandou-o sair primeiro. Contudo, o “mama na burra” não caiu na armadilha e fez sair o “diabo” na sua frente, não fosse ele saltar-lhe em cima como fez com os companheiros. Ele saiu obedecendo ao “mama na burra”, que o fez entrar no caixote sendo içado pelos outros amigos depois de tocar a campainha. Mas, quando os companheiros se depararam com o “diabo” largaram tudo e desataram a correr sem destino para se esconderem. O “mama na burra” que se encontrava ainda no fundo do esconderijo pediu ao “diabo” para o içar, quando chegou a cima e deu pela falta dos amigos, logo intimou o “diabo” para apresentá-los antes que o matasse. O “diabo” obediente em dois saltos apresentou os companheiros, no entanto, este resolveu também reclamar os seus direitos pedindo ao “mama na burra” para lhe devolver a sua orelha, pedido esse que lhe foi negado, ao que o “diabo” respondeu:

- Se não ma queres dar, fica com ela e quando precisares algo de mim, mordes na orelha e eu apareço logo para satisfazer os teus desejos.

Depois disto o “diabo” foi-se embora, continuando os três companheiros a viver na mesma casa sem serem mais apoquentados por aquela criatura.

Passados alguns anos o “arranca pinheiros” faleceu, pouco tempo depois morreu também o “arrasa montanhas”, deixando o “mama na burra” a viver sozinho naquele casarão.

Num belo dia o “mama na burra” passeava por um caminho cruzando-se com ele



dois velhinhos que lhe pediram esmola, como levava consigo dois pães e dois duros, deu às pedintes um pão e um duro. Cada um seguiu o seu caminho e na volta cruzou-se, novamente, com os dois velhinhos aos quais deu o que lhe restava de pão e tostões. Reconhecidos com a sua generosidade, um deles quis recompensá-lo dizendo-lhe que pedisse o que mais quisesse que ele lhe recompensava. O outro companheiro de estrada São Pedro (incógnito) segredou ao “mama na burra”:

- Pede-lhe a salvação, pede-lhe a salvação!

No entanto, o “mama na burra” não se preocupou com este tipo de pedido, repelindo São Pedro, exclamou depois de uma pausa:

- Cala-te careca do caraças! Quero que tudo o que veja e que me apeteça entre no meu serrão, e quero que, para onde eu deitar o meu chapéu, ninguém o consiga levantar a não ser eu.

E Deus, então, disse:

- Pronto esses poderes te dou.

O “mama na burra” viveu ainda uns anos sozinho, mandando entrar para o seu serrão tudo o que via e que lhe apetecesse, como fez com um bando de pombos. Os residentes daquele lugar, quando souberam que o “mama na burra” tinha acabado de vez com aquela assombração sepultando o diabo no inferno, fizeram uma grande festa. Pois, parecia que ninguém nas redondezas tinha conseguido comprar o casarão, onde morava o “mama na burra” por ser habitação do diabo.

Quando o “mama na burra” morreu, como já sabia o caminho, foi bater às portas do Inferno, perguntando o diabo de lá de dentro:

- Quem é?

Ao que o “mama na burra” respondeu:

- É o “mama na burra” abre-me a porta!

- Ah! Fechai as portas e os postigos é o “mama na burra” que nos tem a todos “cozidos”! Olha, vai para o Céu que há lá mais lugar.

Pobre “mama na burra” velhinho e morto ainda teve mais uma viagem a fazer, subindo tantos degraus para chegar ao céu.

São Pedro veio até à porta perguntar quem era:

- Sou o “mama na burra” e quero entrar.

- Olha, vai para o Inferno, aqui não podes entrar.

O “mama na burra” implorou mais um pouco:

- Já lá fui e não me quiseram. Ó São Pedro, deixa-me ao menos consolar os olhos,



abre só um bocadinho da porta para ver como o céu é bonito.

São Pedro comovido com o pedido abriu a porta e o "mama na burra", como tinha o poder (concedido por Deus) de só ele ser capaz de levantar o seu chapéu, fez chantagem com isso, assim quando São Pedro o mandou embora ele pediu que o deixasse ir buscar o seu chapéu. Contudo, São Pedro não era capaz de lhe dar o chapéu, e enquanto discutiam, Deus passou por aquele sítio perguntando o que se passava ali, ao que São Pedro respondeu:

- É este senhor "mama na burra" que morreu e devia ir para o inferno, mas veio para cá, só que não se quer ir embora sem o seu chapéu e eu não sou capaz de lho dar.

Então Deus na sua bondade mandou que o deixasse entrar e se sentar na cadeira ao lado da sua. E assim foi que o "mama na burra" venceu o diabo e ganhou um lugar no céu.

RECOLHA 2005 SCMB, CASIMIRO PARENTE, Idade: 66.
Localização geográfica: PAÇO DAS MÓS – ORIGEM + 60 anos.





A HISTÓRIA DO CEGO SANTO E SÁBIO

Era uma vez um príncipe e uma princesa que estavam numa varanda que dava para a rua, nisto vêem uma junta de vacas pela rua a cima, nisto diz o rei:

- Oh! Que linda junta de bois ali vai!

Dizendo, logo de seguida, a rainha:

- Oh! Que linda junta de bois não. Oh! Que linda junta de vacas.

- Palavra de rei não volta a trás, e tu se me mandas repetir mando-te matar. No entanto, a rainha repetiu:

- Oh! Que linda junta de bois não. Oh! Que linda junta de vacas.

O rei mandou logo chamar os criados para levar a rainha para o meio do mato, ordenando que lhe levassem a língua da rainha. Mas os criados tinham uma cadela que era muito amiga deles e quando viu os criados com a rainha a cadela acompanhou-os. Eles levaram, então, a rainha, que estava grávida de sete meses, para uma ilha rodeada de mar onde viviam muitos macacos. Os criados em vez de matarem a rainha, mataram a cadela e levaram a língua da cadela, o rei quando viu a língua pensou que era a da rainha. A rainha ficou sozinha na ilha e um macaco entregou-se a ela, entretanto teve que se habituar a comer só pássaros, caça e tudo



o que encontrasse. Passados uns tempos o filho nasceu, ela desfazendo os farrapinhos que trazia vestidos, para cobrir o filho, este começou a crescer e a vida dele era caçar. Um dia o rapaz chegou-se à beira da ilha, onde estava um braço de mar mais estreito e pôs-se a nadar para o outro lado deixando a ilha. No outro lado encontrou um cinturão cheio, um cão e uma espingarda, assim que pegou neste objecto reparou que era para atirar, nisto vê passar um bando de pombas e disparou sobre elas matando duas. O cão foi buscá-las trazendo-lhas à mão ficando o rapaz muito contente com essa e outra caça que conseguiu esse dia, indo depois ter com a mãe que lhe explicou o que era tudo aquilo. Ao outro dia voltou ao mesmo sítio com a espingarda e o cão, andou um bocado e viu um grande palácio, ele entrou para o quintal do palácio onde estava um gigante que lhe disse:

- Oh! Que rico franguinho aqui me apareceu.

E nisto vai-se direito a ele para o matar e para o comer, mas o rapaz dá-lhe dois tiros e o gigante cai por terra. O rapaz entrou no palácio para dar a volta àquilo tudo, encontrando um quarto cheio de ossos de pessoas que o gigante tinha comido. O rapaz foi buscar o gigante atirando com ele para cima dos ossos, arrecadando, também, as chaves todas do palácio para as levar à mãe, tendo chamá-la para o palácio. No dia seguinte quando foi para a caça disse para a mãe:

- Minha mãe tem aqui as chaves dos quartos todos, peço-lhe que não abra aquele ali.

A mãe respondeu:

- Então se tu me pedes tanto não vou abrir.

No entanto, mal o filho virou costas a mãe foi logo abrir aquele quarto, onde se encontrava o gigante, ao que a rainha proferiu:

- Então o que é que o senhor está aqui a fazer, está doentinho?

- Olha, foi o teu filho que me deu dois tiros e atirou-me para aqui, mas este palácio é todo meu.

- Mas eu posso tratar de si!

Entretanto a rainha começou a tratar dele, à noite chegou o filho e perguntou à mãe?

- Mãe abriu a porta?

A mãe respondeu que não e o filho ficou todo contente.

No dia seguinte voltou a sair para caçar, a mãe voltou a ir tratar do gigante até este ficar bem curado, combinando com este matar o rapaz para ficarem os dois com o palácio.

A rainha disse, então, para o gigante:

- Então como vamos fazer para o matar?

- Fazemos muito bem! Quando ele chegar dizes-lhe que estás muito doente e que precisas de comer peras do pereiro, em tal lugar assim, assim.

Os pereiros estavam encantados, pois se o rapaz tocasse numa das peras ficava lá também. Ali perto dos pereiros, havia um cego, santo e sábio, em cuja casa o rapaz parou quando ia a cavalo para os pereiros. O "cego, santo e sábio" tinha três filhas, dizendo para estas:

- Chamai aquele rapaz que eu quero falar com ele!

O rapaz entrou e disse-lhe o "cego, santo e sábio":

- Oh! Rapaz que andas a fazer?

O rapaz contou-lhe que tinha a mãe muito doente e que não melhorava sem comer as peras dos tais pereiros, ao que o "cego, santo e sábio" respondeu:

- Sim, a tua mãe está muito doente, mas escuta bem aquilo que te vou dizer, vais lá aos pereiros e passas por baixo de todas as peras dos pereiros e no meio do terreno há uma pereira, da qual tiras quatro peras e voltas para aqui. Assim fez o rapaz, mas mal este virou costas o "cego, santo e sábio" disse para as filhas:

- O rapaz desta salvou-se. Ele está a chegar agora, pegais nas quatro peras que ele trás e dais-lhe quatro peras das nossas.

Assim aconteceu, levando essas quatro peras trocadas à mãe. Quando cegou a meio do caminho o gigante deu conta que ele estava de retorno:

- O teu filho não ficou lá, ele vem aí.

O rapaz chegou ao palácio e deu as peras à mãe que lhe agradeceu de imediato, agarrando-se a ele falsamente. Ao outro dia o rapaz voltou para a caça, dizendo o gigante para a rainha:

- Diz ao teu filho que tu não melhoras sem beber a água das sete bicas da fonte.

O rapaz ao retornar da caça, ouviu as queixas da mãe:

- Oh! Meu filho, eu não melhora sem beber água das sete bicas da fonte.

Ao que o rapaz retorquiu:

- Pois minha mãe eu vou buscar essa água.

O cavalo do rapaz dirigiu-se, mais uma vez, para a casa do "cego, santo e sábio", este mandou as filhas chamá-lo perguntando-lhe depois:

- Então, como está a tua mãe?

Ao que o rapaz respondeu:



- Está muito doente, não melhora se não beber a água das sete bicas da fonte.

- Olha, levás esta cântara, vais por este caminho fora até encontrar uns portais muito altos e fortes. Mas toma sentido no que te vou dizer, quando estiveres perto deles, os portais vão-se abrir e tu vais de cântara na mão, só uma das bicas é que vai estar a pingar água, enchendo a cântara só dessa bica.

O rapaz quando foi "colher" a água, ainda se enganou, mas depois pôs a cântara na bica certa, contudo ao sair os portões fecharam-se, no momento em que ele ainda estava a passar, ficando lá entalado o que o levou a ter de rasgar o casaco. O "cego, santo e sábio" disse para as filhas:

- Minhas filhas! O rapaz salvou-se! Agora tirais-lhe aquela água e dais-lhe da nossa, enquanto eu falo com ele.

Assim, o "cego, santo e sábio" revelou ao rapaz:

- O gigante e a tua mãe estão para te matar. A tua mãe cuidou dele e está muito mais forte do que estava, ele não está morto. Agora tu vais para o palácio, não tenhas medo pede à tua mãe que te matem e que te partam às postas e te metam dentro de um saco, mandando-o num cavalo pelo mundo fora.

O rapaz quando chegou ao palácio lá estava a mãe e o gigante para o matarem, dizendo o rapaz para a mãe:

- Então minha mãe, tanto que eu lhe queria e fiz por si, e agora quer-me matar?

Respondeu a mãe:

- Não interessa, eu quero-te matar!

- Se quiser me matar, mate! Mas partam-me todo em postas, metam-me dentro de um saco e prendam-me ao rabo de um cavalo para ir por esse mundo fora.

Mas o gigante queria matá-lo e enterrá-lo no quintal, o rapaz voltou a fazer o pedido à mãe, ao que esta respondeu ao gigante:

- Isso não interessa, vamos mas é matá-lo.

Então, mataram o rapaz e fizeram conforme ele tinha-lhes pedido, e o cavalo foi direito à casa do "cego, santo e sábio".

O "cego, santo e sábio" manda as filhas tirar o saco com o corpo do rapaz, pedindo que o levassem para casa, dizendo depois para as filhas:

- Agora, minhas filhas ponde o lençol no chão, colocai posta por posta do corpo do rapaz até ficar perfeito.

Assim aconteceu, faltando só a "bicha", a filha mais velha não a quis pôr, a do meio também não, mas a mais nova disse:

- É uma parte como as outras!

Agarrou nela e colocou-a no devido lugar, de seguida esfregaram-lhe o corpo com a água que ele tinha ido buscar e o corpo começou-se a unir.

O "cego, santo e sábio" tinha uma moca que pesava 100 arrobas, dizendo às filhas para partirem a pêra, que o rapaz tinha ido buscar, em quatro partes. O rapaz quando comeu metade da pêra exclamou:

- Vou matar o gigante!

O "cego, santo e sábio" dirigiu-se a ele e disse-lhe:

- Anda cá, levanta esta moca!

O rapaz bem tentou, mas não tinha força para tal.

E o "cego, santo e sábio" referiu:

- Não vais matar o gigante, ainda não tens força para ele.

Quando o rapaz comeu a segunda parte da pêra voltou a jurar morte ao gigante, mas o "cego, santo e sábio" voltou a pedir-lhe que levantasse a moca e como na vez anterior ele não teve força suficiente, ao que lhe diz o "cego, santo e sábio":

- Ainda não tens força para ele.

O rapaz quando comeu a terceira parte da pêra atirou com a moca para longe e disse o "cego, santo e sábio":

- Agora já podes ir que já tens força para ele, mas olha que a tua mãe vai-te pedir para não a matares, no entanto também te matou a ti.

O rapaz já ia perto quando o gigante o vê e vai contar à rainha que o filho tinha chegado para os matar. A mãe implorou que não a matasse, mas o rapaz não quis saber matando os dois, assim, montou a cavalo e foi para casa do "cego, santo e sábio", dizendo à chegada:

- Já matei a minha mãe e o gigante.

E responde-lhe o "cego, santo e sábio":

- Fizeste muito bem! Agora estão aqui as minhas filhas escolhe uma para casar.

A mais velha disse:

- Caso eu com ele, pois tenho todo o direito de casar.

A do meio disse o mesmo, e a mais nova reclamou:

- Não! Quem lhe pôs a "bicha" fui eu, por isso, sou eu que caso com ele.

O rapaz assim o fez, casou com a mais nova e viveram felizes para sempre.



A HISTÓRIA DA FERA

Era uma vez um homem que ia por um caminho fora e encontrou um homem morto, naquele sítio, estava um galgo, um leão, um corvo e uma formiga para dividirem entre eles, em partes iguais, o homem morto. Ao verem chegar aquele homem diz o leão para o galgo:

- Olha, vem ali um homem, vamos chamá-lo para que nos parta este homem e ficarmos todos contentes.

O homem partiu o morto dividindo-o pela bicharada, dando a cabeça à formiga e dizendo:

- Pega, tens ai muito que comer e casa para viver!

Ao corvo deu-lhe as tripas, ao galgo deu-lhe os quartos e ao leão deu-lhe o lombo.

No final, ficaram todos contentes com a sua parte, ao que o homem resolve perguntar:

- Então ficaram todos contentes?

Respondendo o leão:

- Ficamos! Podemos ir embora?

O homem respondeu que sim e foi-se embora, quando já ia um bocado longe, diz o leão para o galgo:

- Então, o homem esteve aqui com tanto trabalho a dividir a carne por entre nós e não lhe pagamos nada?! Tu galgo vais dar uma corrida para o homem voltar cá.

O galgo foi chamar o homem que voltou para trás, dizendo-lhe o leão:

- Então, estiveste aqui com tanto trabalho e não te pagamos nada?

O homem responde:

- Vós não tendes nada que me pagar!

- Temos sim, tens aí uma caixinha?

O homem respondeu que sim, o leão puxou de um cabelo e deu-o ao homem dizendo-lhe que quando se sentisse aflito para puxar por ele dizendo: "valha-me aqui o rei dos leões", transformando-se, assim, em leão.

O galgo fez o mesmo e disse ao homem:

- Pega lá este pêlo, quando vires alguma coisa que te agrada e que te fuja, puxas pelo pêlo e dizes: "valha-me o rei dos galgos", transformando-te em galgo e apanhando tudo.

O corvo arrancou uma pena sua dando-a ao homem:

- Pega lá esta pena, quando quiseres agarrar alguma ave puxas pela pena e dizes: "valha-me o rei dos corvos e transformas-te no rei dos corvos, apanhando o que tu quiseres.

A formiga coitadinha teve de arrancar um corninho e dá-lo ao homem:

- Toma lá este corninho quando quiseres fugir de alguém, puxas por este corninho e dizes: "valha-me a rainha das formigas" e transformas-te em formiga, podendo esconderes-te num burquinho.

O homem transformou-se em tudo o que lhe disseram e lá continuou todo contente, chegou a um alto onde andavam dois irmãos a baterem-se, ao ver aquilo disse:

- Andais aqui a bater-vos porquê?

- É por causa destas botas.

- Então por causa destas botas é preciso baterem-se?!

- Oh! Senhor, estas botas têm muito valor, são mágicas, levam-nos onde nós quisermos.

Então, o homem explica-lhes:

- Eu tenho aqui esta bola, quando a atiro pela ladeira abaixo, o primeiro que a apanhar fica com as botas.

Os irmãos concordaram com a proposta, enquanto foram os dois atrás da bola o homem calçou as botas e disse:

- Botas, quero ir para aquele sítio.



As botas obedeceram e lá o levaram, o homem ficou, assim, muito feliz pelos novos poderes. O homem foi à pesca e apareceu-lhe o rei dos peixes que o agarrou levando-o ao fundo do mar. Na casa do rei dos peixes o homem abriu a porta de um quarto e saiu de lá uma mulher, com a qual esteve a conversar muito, e nisto ela diz-lhe:

- Nós nunca vamos sair daqui, porque para sairmos temos que matar uma fera que há numa serra perto da cidade de Berlim, mas não há ninguém que a consiga matar, porque ela é muito grande e come tudo. Depois de a matar sai de dentro da fera uma lebre a fugir e é preciso correr muito para a apanhar, de dentro da lebre sai, também, uma pomba a voar precisando-se apanhar a pomba e tirar-lhe um ovo que lá tem, depois é preciso trazer o ovo para a matar o rei dos peixes e só depois é que podemos sair daqui. Diz o homem para a mulher:

- Pois custe o que custar tenho que arranjar esse ovo.

O homem pediu um mês de licença ao rei dos peixes para o deixar ir à cidade. O rei dos peixes deixou-o sair, mas disse-lhe que tinha só esses dias, tendo que estar lá nessa data para voltar para o fundo do mar.

O rapaz foi logo para a cidade de Berlim, ao chegar lá encontrou uma casa para servir que era de um príncipe, falou com este e ajustou-se para andar lá com o gado. No entanto, o patrão disse-lhe para não ir para a serra com o gado, pois havia lá uma fera que o comia a ele e ao gado. Mas o rapaz não quis saber e foi logo direitinho a ter com o gado, entrou para a cerca enquanto o gado comia ele foi para a entrada do buraco a chamar pela fera:

- Ó fera anda cá para fora que eu quero lutar contigo. Valha-me aqui o rei dos leões. Lutaram, lutaram, até que cada um caiu para o seu lado até que se cansaram e cada um caiu para o seu lado de cansaço.

A fera ia a entrar para o seu buraco dizendo para o leão:

- Se eu tivesse aqui um bocado de pão matava-te a ti e ao rei leão.

Respondendo o rei leão:

- Se eu tivesse aqui um beijo de uma donzela, um copo de aguardente e uma bola quente matava-te a ti serpente.

A filha do príncipe para o outro dia foi atrás dele a espreitá-lo para ver onde ele ia, quando viu entrar o gado ela foi logo para os portões e viu o rapaz a transformar-se num leão, estando a ver lutar os dois até ao fim, ouvindo depois dizer à fera:

- Se eu tivesse aqui um bocado de pão matava-te a ti e ao rei leão.

Respondendo de seguida o leão:

- Se eu tivesse aqui um beijo de uma donzela, um copo de aguardente e uma bola quente matava-te a ti serpente.

A rapariga ouviu isso tudo quando nisto viu o rapaz a transformar-se outra vez na pessoa, seguindo para casa.

Pela noite fora a rapariga levantou-se e foi cozer a bola, de manhã o rapaz tinha uma bola quente, um beijo de aguardente e o beijo dava-lho ela.

O rapaz voltou a levar o gado direitinho à cerca, a rapariga foi atrás dele com a aguardente, a bola e o beijo para lhe dar. Quando o leão estava a lutar com a fera a rapariga aproximou-se do rapaz quando os viu tombar cada um para seu lado dando o que trazia consigo ao leão, ao recuperar as forças o leão dirigiu-se logo à fera para a matar.

Depois ele e a rapariga abriram a fera saindo de lá uma lebre, ao ver isto o rapaz puxou do pêlo que o galgo lhe tinha dado e disse:

- Valha-me o rei dos galgos.

Ele transformou-se num galgo apanhando de seguida a lebre, de dentro desta saiu uma pomba a voar e ele puxou da pena do corvo e disse:

- Valha-me aqui o rei dos corvos.

E logo apanhou a pomba, mas de dentro dela ainda retirou um ovo, dirigindo-se depois os dois para casa contando o que se tinha passado ao príncipe, mas este não queria acreditar na história. O príncipe queria que o rapaz casasse com a sua filha, mas este negou visto ter de voltar para casa do rei dos peixes.

O rapaz, quando voltou para o fundo do mar, contou à rapariga tudo o que lhe tinha acontecido até então e os poderes que tinha arrecadado, foi aí que a rapariga teve uma ideia:

- Então amanhã quando o rei dos peixes vier falar comigo ele fica de pé à minha frente, enquanto tu te transformas em formiga e sobes por mim até ao peito dando-me o ovo para a mão que eu dou-lho com ele na testa para o matar.

No outro dia o rei dos peixes foi a falar com a rapariga e esta deu-lhe com o ovo na testa como combinado, fazendo com que o rei dos peixes morresse.

O rapaz e a rapariga foram libertados, querendo esta agora casar com ele, mas o rapaz tinha outros planos, casando-se sim, mas com a filha do príncipe.



A HISTÓRIA DO SAPATEIRO POBRE

Era uma vez um sapateiro pobre, que nada tinha seu a não ser o pão do dia, que ia conseguindo com os pequenos arranjos em calçado que fazia e com outros serviços, como reparar sacos de folhas de negrilhos para dar aos animais dos outros. Um dia estava ele em cima de um negrilho a reparar folhas, quando se deu conta que três homens dirigiam-se na sua direcção, encaminhando-se para umas enormes fragas. Os três homens ao chegar às fragas pararam, falando um deles:

- Abre-te sésamo.

Espanto do sapateiro, quando viu as fragas a abrirem-se para os lados e os três homens entraram, passados poucos minutos, os indivíduos saíram voltando-se novamente para as fragas:

- Fecha-te sésamo.

As fragas voltaram a unir-se, de modo que ninguém desconfiou que ali havia algo de anormal. O sapateiro em cima do negrilho puxou por um papel escrevendo as fórmulas que acabara de ouvir. Quando os indivíduos se afastaram ele, movido pela curiosidade, foi tentar fazer o mesmo:

- Abre-te sésamo.

As fragas abriram-se e ele, ficou espantado com a riqueza que viu, meteu, então, no saco das folhas uma rasa de libras, pedindo depois às portas para se fecharem. Regressou a sua casa continuando com os seus afazeres do dia a dia, no entanto um vizinho rico não deixava de comentar o modo de vida daquele homem:

- Ó vizinho, estranho como leva a sua vida tão pobre e sempre a cantar! Levanta-se tarde, vai-se embora cedo ...

Interrompeu o sapateiro:

- Sabe vizinho vale mais quem Deus ajuda do que quem muito madruga!

O seu vizinho rico desfazia-se a trabalhar, levantando-se cedo e fazendo grandes noitadas, nunca lhes apeteceu cantar. Ao lado da casa do pobre, o vizinho rico tinha grandes quintas com casas ao fundo. Um dia o sapateiro falou ao vizinho naquele prédio e ele pediu-lhe muito para o arrendar, mas o sapateiro queria-lo comprar, o homem ante esta proposta, olha o sapateiro de alto a baixo, e lança uma gargalhada. O sapateiro, pensando que não se tinha feito entender, repetiu:

- Eu preciso desta quinta diga-me quanto quer por ela? Eu compro-a.

O rico lançou para o ar um preço, que não sendo o valor real da fazenda, lhe pareceu que ia assustar o sapateiro, só que enganou-se porque o sapateiro saca de um grande valor de dinheiro e dá-lo ao vizinho:

- Pronto, negócio fechado, a quinta é minha. Vamos tratar de a pôr em meu nome.

O rico nem teve tempo de resposta, ficou vencido no conceito que tinha do seu vizinho sapateiro, este por sua vez sentiu-se mais rico e feliz que o vizinho rico. O sapateiro tratou em pouco tempo de construir uns celeiros grandes para recolher os cereais, estaleiros para os animais, uma pocilga para os porcos que iria vender e aves de capoeira. O resto da população andava admirado com o sapateiro pobre que comprou carros, tractores, toda a espécie de máquinas e quintas por aquelas redondezas. Mas de tanto investir, o dinheiro foi-se escasseando e o sapateiro pensou em voltar às fragas para ir buscar mais dinheiro. Então, o sapateiro munuiu-se com a sua caçadeira e dirigiu-se para as fragas, esperou que os três indivíduos chegassem, deixou que eles entrassem e colocou-se mesmo em cima das fragas, armando a coisa de tal modo que parecia que trazia consigo um batalhão de soldados. Desviou com cuidado duas telhas e enfiou por lá os canos da espingarda, começando a dar ordens aos hipotéticos soldados para estarem atentos aos movimentos dos homens no interior do esconderijo. Ao ouvirem as ordens os indivíduos desorientaram-se, matando os três muito facilmente dentro do buraco. Desceu a casa a buscar a carrinha e na volta ordenou às fragas:

- Abre-te sésamo!

Ali carregou o carro com tudo o que lá havia, agora rico não havia ninguém que pegasse nele. Em casa a mulher e as filhas ficaram admiradas com tudo aquilo, transformando-se a vida daquela família.



A HISTÓRIA DAS TRÊS PRIMEIRAS RAINHAS DO SOL

Era uma vez um vendedor de azeite que percorria as aldeias com uma mula, mas um belo dia o homem teve um acidente com a mercadoria, rebentou-lhe uma das bilhas em que transportava o azeite. Como não podia fazer nada com o azeite derramado exclamou:

- Agora que o apanhe quem quiser que eu não o quero.

Vivia naquele lugar uma bruxa, ao saber o que tinha acontecido, pegou num ovo fez um furo retirando-lhe o interior, indo todos os dias encher o ovo de azeite acartando-o na cabeça. De regresso a casa passava sempre por um grupo de estudantes, ao verem que a cena se repetia, um estudante decidiu quebrar o ritual e disse:

- O raio da velha passa por aqui todas as manhãs com um ovo à cabeça, amanhã vou-lhe atirar uma pedra e deito-lhe o ovo ao chão. Assim fez, mas a bruxa voltou-se e praguejou:

- Oxalá Deus queira que não tenhas nem descanso nem sossego sem saber das três primeiras rainhas do sol.

O rapaz não mais teve descanso, passado um tempo pediu ao pai que lhe arranjasse um cavalo bravo para ir em busca das três primeiras rainhas do sol. O pai acedeu ao pedido e o rapaz andou a galope durante dias e noites seguidas, parando num alto monte onde nada se avistava, no entanto viu ao longe uma luz. O rapaz correu em direcção à luz e ao alcançá-la bateu à porta de uma casa, dela saiu uma senhora de idade (mãe da lua) que lhe perguntou:

- Então que faz por aqui um menino a esta hora?

- Ando à procura das três primeiras rainhas do sol.

- Oh! Isso não encontras sem falar primeiro com a minha filha.



- E quem é a tua filha?

- É a lua! Só que não podes estar aqui quando ela chegar, porque se ela cheira carne humana é capaz de te devorar. Mas deixa estar que vou ver se encontro um quarto escuro para lá ficares.

Quando a Lua chegou junta da mãe logo observou:

- Mamã, cheira-me muito a carne humana ...!

- Ah filha! Foi um rapazinho que passou por aqui à procura das três primeiras rainhas do sol.

- Para isso ele tem de levar três papas minhas.

A Lua explicou, depois, tudo à mãe e quando esta compreendeu para que eram as papas apressou-se a dar-lhe de comer para obter dela o que o rapaz precisava.

Enquanto a filha comia a mãe perguntou:

- O que estás a comer minha filha?

Sem responder atirou-lhe uma papa para a cara, que mais tarde ela guardou. A mãe fez-lhe a mesma pergunta à noite e de manhã obtendo a mesma resposta das duas vezes, conseguindo, assim, a velhinha as três papas para o rapaz, explicando a este:

- Para atravessares o rio atiras uma papa, o rio seca e tu passas. Depois aparece-te um leão atiras-lhe outra papa e ele adormece, tu pegas nas chaves e abres o ouvido direito do leão tirando de lá as três caixinhas que lá estão. Para regressar secas novamente o rio com a última papa.

Andou no caminho de regresso e parou junto de uma fonte com curiosidade de abrir uma das caixas, ao abrir a caixa saiu de lá uma menina que lhe pediu:

- Dá-me pente e água ou eu morro.

O rapaz assim fez, mas enquanto a rapariga se penteava a fonte secou e ela morreu. Ele seguiu caminho sentando-se num tanque de água, abrindo a segunda caixa de onde saiu outra menina fazendo o mesmo pedido. Ele deu-lhe o pente e a água, mas aconteceu com esta menina o mesmo que com a segunda e morreu. Mais adiante o rapaz parou à beira de um rio, ao abrir a última caixa saiu uma menina com o mesmo pedido:

- Dá-me um pente e água senão morro.

O rapaz assim fez e desta vez a rapariga preparou-se seguindo caminho com o rapaz. Passado muito tempo chegaram a casa do rapaz já com um filho no colo, mas ao outro dia o rapaz teve de sair deixando a mãe e o filho ao sol, ao passar a bruxa



pediu para que a menina recostasse a cabeça no seu regaço e dormisse. Apesar da menina não querer obedecer, a bruxa insistiu e ela acedeu ao pedido, a bruxa picou-a com uma agulha e transformou-a numa pomba que logo levantou voo. A bruxa tomou, então, o lugar da menina e esperou que o rapaz regressasse. Ao chegar o rapaz ela apresentou-se como a sua mulher, mas o rapaz não queria acreditar que ela fosse a sua esposa, no entanto ela alegou que fora o sol que a tinha transformado, ele lá a aceitou e ficou com ela uns dias. Os criados andavam a lavar uma propriedade e na hora da merenda vem uma pombinha que pousou no jugo dos animais e meteu conversa com eles:

- Boas tardes lavradores.
- Boas tardes pombinha.
- Então o papá e a mamã como andam?
- Bem!
- E então o menino canta ou chora?
- Umaz vezes canta, outras chora!

A pomba bateu asas e exclamou:

- Pobre mãe por estes montes agora.

Os lavradores ao chegar a casa contaram ao patrão o que estava a acontecer há dois dias. Então, o patrão ordenou que levassem pez para espalhar no jugo, para apanharem a pomba viva. A velha quando a viu fez-se de doente dizendo que queria um bocadinho da pomba. Assim, o rapaz ordenou que matassem a pomba, mas ao irem-na matar acharam o alfinete que a bruxa lhe tinha espetado e deram o alarme. O marido retirou-lhe o alfinete o que a fez voltar a ser humana, perguntando-lhe o que se tinha passado com ela, ao que esta lhe explicou tudo o que a bruxa tinha feito:

- O que havemos de fazer agora com esta bruxa?

A menina respondeu:

- A carne rija-la em azeite e dos ossos faremos umas escadinhas para subirmos para a nossa cama.

Assim aconteceu e cada vez que ela subia para a cama os ossos chiavam, ao que a menina respondia:

- Padece que eu já padeci!!!



A HISTÓRIA DOS TRÊS PRIMOS

Era uma vez um casal muito rico que tinha dois filhos e um sobrinho que era pobre. Os pais mais ricos puseram os filhos a estudar em Bragança, o sobrinho como era mais pobre pagaram-lhe também os estudos. O mais pobre dando valor aos estudos aplicava-se, mas os mais ricos eram mais "baldas", até que um dia foram os três para a tropa. Na tropa o mais pobre como tinha estudos foi para tenente, enquanto que os mais ricos foram para soldados rasos. O pobre ficou encarregue da distribuição dos salários entre os soldados, entretanto os primos tanto lhe fizeram que o iludiram para desviar o dinheiro para irem para a batota, levando a que o pobre homem perdesse o dinheiro todo. Após o sucedido, combinaram fugir os três, foram mundo até que encontraram um palácio, onde ouviram uma voz a chamá-los para entrarem para uma sala, para a qual entraram e encontraram uma mesa grande e bem composta com muita comida. Ao chegar à noite ouviram outra voz:

- O soldado numero tanto vai dormir ao quarto número tal.

A voz mandava cada um dormir a seu quarto, mas os dois irmãos não quiseram e dormiram num só quarto. Pela noite dentro apareceu ao pobre uma rapariga para lutar com ele e disse:

- Tu de manhã vais ver o tanque, onde estão três pombas, duas a brincar na água e uma murcha (era a que estava a lutar com ele).

Os dois de manhã questionaram-no:

- O que andaste tu a fazer? Lutaste tanto!



Ele negou tudo, porque a rapariga tinha-lhe dito para o fazer. Na noite seguinte, voltaram os dois irmãos a dormir juntos e o primo no quarto indicado pela voz, voltando a lutar com a rapariga, dizendo-lhe esta:

- Olha amanhã vais a cavalo e vais-me a buscar à feira dos encantos, mas quando lá chegares lá aquilo torna-se num mar, mas tu avanças não tenhas medo que não é água. Estarão muitos a dizer que os leves a eles, segue, no entanto, em frente que hás-de me encontrar a mim muito murchinha.

O rapaz montou a cavalo e vieram embora os dois, depois chegaram a um sítio no qual ela puxou de um anel com o nome dela gravado, dando-o ao rapaz dizendo:

- Eu quero casar contigo, mas tu tens que ir ter comigo à cidade de Tavas.

No caminho o cavalo ficou doente e morreu, tendo que fazer o resto do caminho a pé, encontrando uma velhinha que lhe perguntou para onde ele ia, ele contou-lhe toda a verdade. A velhinha pegou, então, numa varinha dando-a ao rapaz:

- Tu quando precisares de alguma coisa bates com esta varinha três vezes que eu apareço e faço o que for preciso.

O rapaz chegou a uma ladeia perto da cidade da rapariga, mas ele com o cabelo grande, todo esfarrapado e a barba por fazer pediu pousada numa casa de um alfaiate que lá havia. Esse alfaiate estava a fazer o vestido de noiva para a rapariga, pois tinha prometido casar com outro rapaz e a rapariga nunca mais aparecia, por isso demorou um ano a preparar o casamento.

O alfaiate é que tinha o pano para fazer o vestido mas não sabia fazer o feitiço que a rapariga queria, andando, por isso, aborrecido. Ao contar o seu problema ao "pobre" este mandou o alfaiate trazer trigo, nozes e aguardente que ele fazia-lhe o vestido. Já era quase dia e o rapaz só comia e bebia e o vestido por fazer, ao começar a ver as horas apertar, resolveu bater com a varinha três vezes no chão aparecendo-lhe Nossa Senhora que lhe perguntou o que era preciso e lhe fez o vestido tal como a rapariga o queria. O rapaz meteu o anel que ela lhe deu num bolso do vestido e coseu-o, chamando depois o alfaiate que, ao ver o vestido tão perfeito, começou a dizer que tinha Deus em casa.

A rapariga ao vestir o vestido descobriu o anel que tinha dado ao rapaz que a desencantou, mandou, então, chamar o alfaiate perguntando-lhe:

- Quem tem em casa?

- Não tenho ninguém.

Mas após muita insistência da rapariga o alfaiate lá lhe disse que tinha lá um velhinho, ao que a rapariga lhe disse para não o deixar sair que ela ia lá vê-lo. Ela falou,

então, aos pais para adiarem o casamento quinze dias, mandando também chamar o pobre para casa dela. Contudo, ele disse que só iria se fosse o pai dela lá buscá-lo com as tropas, o que aconteceu e o pobre pediu, então que o deixasse ir à frente do batalhão a comandar as tropas, ficando o pai da rapariga muito admirado com a capacidade do rapaz. Ao chegarem a casa a rapariga mandou arranjar o rapaz para o prepararem, apresentou-o aos pais e disse-lhes que queria casar com ele, eles aceitaram e o casal foi feliz para sempre.

RECOLHA 2005 SCMB, CASIMIRO PARENTE, Idade: 66.
Localização geográfica: PAÇO DAS MÓS – ORIGEM + 60 anos.



A HISTÓRIA DO SENHOR BARÃO DO MOINHO

No seu tempo, havia um casal com um filho que viviam no seu moinho, tinham também um jumento que lhes servia para irem buscar o cereal para moer, levando depois a farinha de volta aos donos. Como tinham já uma certa idade, os pais do rapaz morreram ficando ele e o seu gato. Um dia o rapaz entendeu que o moinho não tinha futuro para ele e resolveu ir-se embora. Tinha assim decidido, quando ao juntar os seus trapinhos o bichano veio chamar-lhe a atenção para não o abandonar:



- Agora és o barão do moinho, deixa-me ir contigo...

O gato insistiu tanto que lá acabou por convencer o seu dono de que iria fazer-lhe muita falta:

- Ainda te hei-de fazer muito feliz.

Seguiram caminho lado a lado, quando ao entrarem numa povoação dirigiram-se ao sapateiro do lugar para fazer uns sapatos ao gato. Os sapatos ficaram muito bem ao gato e este mandou também fazer uma saca de lona. O gato desatou, então, a correr por um arrozal com a saca apanhando logo três perdizes que entregou a um gigante que vivia ali perto num grande casarão:

- Ó senhor gigante!! O senhor barão do moinho manda-lhe este presente.

- E quem é esse barão do moinho?

O gato acalmou-o logo:

- É um senhor muito rico e muito seu amigo.

Ao outro dia o gato repetiu a façanha e apareceu em casa do gigante com três novas perdizes e com o mesmo recado:

- O senhor barão do moinho manda-lhe este presente.

- Sinto-me lisonjeado e não posso acomodar-me sem agradecer tanta bondade ao senhor barão do moinho. Tens de me levar até ele para lhe agradecer pessoalmente. Logo ali os dois com a cevada do gigante, combinaram ir ver o senhor barão. O gigante mandou, então, aparelhar a sua carroça, mas só ele e a criada foram a cavalo porque o senhor gato pôs-se a andar a seu pé à frente. Pelo caminho fora encontraram várias ceifeiras, ao passar por elas o gato foi recomendando aos grupos de ceifeiras:

- Se vos perguntarem para quem trabalham, digam que andam para o senhor barão do moinho.

As ceifeiras querendo ser simpáticas responderam que sim ao senhor gato.

Por sua vez, o gigante aproxima-se das ceifeiras e pergunta-lhes para quem trabalham, ao responderem todos que trabalham para o barão, o gigante exclama assombrado:

- Deve ser um homem muito importante e rico o senhor barão do moinho!

Como o senhor gato ganhou vantagem no caminho, chegou primeiro junto do barão do moinho com o qual combina o que devem fazer a seguir para impressionar o gigante. Assim, chamou-o para junto do poço (uma espécie de lagoa) e pediu-lhe que se despisse e se atirasse à água. O rapaz obedeceu ao gato esperto, antes que o gigante se apercebesse das manobras, o gato agarrou na roupa suja do rapaz e

foi escondê-la, irrompendo, depois, em gritos de socorro quando viu o gigante próximo:

- Ai que se afoga o senhor barão!

Ao ouvir estes gritos o gigante apertou o passo e saltou da carroça para ir em socorro do náufrago. Tirou o rapaz da água facilmente, enquanto o gato andava tonto às voltas à procura das roupas do seu dono. O gigante, para que o barão não apanhasse um resfriado, acalmou o frenesim do gato:

- Deixa lá, roupa é o que mais há em minha casa. Não percas tempo com o que não encontras. Vamos para minha casa e resolvemos o problema.

Era o que o gato queria ouvir, volveram de volta à casa do gigante com o rapaz bem vestido para serem recebidos como ilustres convidados para uma refeição farta. No final da refeição o gato voltou a desafiar o gigante, pedindo-lhe para lhe mostrar o seu casarão, este acedeu ao pedido, parando, depois, numa grande sala onde o gato lança uma insinuação ao gigante:

- Ouvi dizer, entre outras coisas, que o senhor apesar de ser gigante é capaz de se transformar num leão?!

- Ah! Isso sou, faço-me num leão.

O gigante transformou-se logo em leão, apanhando o gato um susto tamanho que de um só salto cravou as unhas ao tecto, ficando lá pendurado. Depois de refeito do susto, o gato ousou desafiar de novo o gigante:

- Ouvi mais, senhor gigante! Mas nesta custa-me a acreditar, como é que o senhor com os ossos tão grandes consegue-se transformar num rato?

- Parece-te impossível ó bichano gato! Mas olha que sou mesmo capaz de me transformar num pequeno rato!

Logo num estalar de dedos se fez num rato. O esperto do gato não quis ver mais nada, num salto cravou as unhas no rato e logo o ingeriu em duas dentadas, e, assim, se foi o gigante. O gato desceu satisfeito para junto do barão do moinho e da criada do gigante com as seguintes ordens:

- De hoje em diante esta mansão pertence ao senhor barão do moinho. O gigante já não me mete medo engoli-o, por isso tudo isto agora pertence ao senhor barão do moinho.

Deu instruções para que casasse com a criada e tomasse conta do casarão, assim aconteceu vivendo muito felizes com o seu gato.



A HISTÓRIA DA BRANCA FLOR

Eram sete irmãs, embora fossem todas filhas do diabo, uma delas era Santa chamada Branca Flor. O diabo tinha um criado chamado Manuel que o ajudava em casa, fruto da convivência diária com as filhas, ele tinha um fraquinho pela Branca Flor, começando a namorar com ela. O diabo astuto começou a desconfiar do namorisco passando, então, a utilizar uma estratégia malévola para desanimar o rapaz, procurando que ele se fosse embora. Um dia o diabo desafiou o Manuel, perto da sua casa passava um rio com um caudal tão forte que metia medo ao mais valentão, o diabo mandou o Manuel a buscar o seu chapéu ao rio. Contudo, o rapaz ao perceber-se que não iria conseguir superar o desafio, começou a planear a fuga da casa do patrão. No entanto, Branca de Neve saiu-lhe ao caminho e perguntou-lhe: - Onde vais Manuel?

Ele respondeu contando-lhe o que o seu pai lhe tinha pedido e como não se sentia capaz, ia-se embora desgostoso por a deixar a ela. Mas Branca Flor não o deixou ir embora, dando-lhe remédio para o desafio com o diabo:

- Vais ter com o meu pai e dizes-lhe que estás disposto a responder ao desafio, nada de mal te vai acontecer, porque eu trato de tudo para que vás ao rio e regresse. O rapaz voltou para trás e foi ter com o patrão, este ao vê-lo disposto a ir ao rio esfregou as mãos pensando que se ia livrar dele. O diabo atirou o chapéu ao rio e o rapaz foi ao seu enlace, o diabo ao vê-lo entrar naquele caudal de água tão furioso, considerou o rapaz perdido. Mas saiu-lhe o plano furado, quando o viu sair das águas com o seu chapéu, aproximando-se logo dele inquirindo-o: - Estiveste com Branca Flor?

- Se eu vi Branca Flor ou se Branca Flor me viu a mim Deus me valha agora aqui.

O Diabo ao ouvir o nome de Deus deu um grande estouro e vociferou:

- Aqui não se fala em Deus, quem manda aqui é o Diabo.

O Diabo não parou de maquinar maldades para fazer com que o rapaz se fosse embora. Chamou o criado e mandou-o buscar um carro de lenha da mais direitinha que encontrasse, quando o Manuel ia a sair com a carroça apareceu Branca Flor que lhe perguntou onde ia, ao que ele respondeu:

- O teu pai mandou-me ir cortar lenha da mais direitinha, mas não sei onde a hei-de encontrar.

Logo Branca Flor o descansou mandando-o a determinado monte cortar lenha no pinheiral do diabo, ao apresentar a lenha ao seu patrão ele voltou a perguntar-lhe admirado: - Estiveste com Branca Flor?

- Se eu vi Branca Flor ou se Branca Flor me viu a mim Deus me valha agora aqui.

O diabo de novo vociferou ao ouvir o nome de Deus, mesmo assim não se dava por vencido na sua malvadez, desafiando de novo o rapaz a ir buscar mais um carro de lenha, mas desta vez da mais torta que encontrasse. O Manuel estava a pensar na ordem do patrão quando encontrou Branca Flor, que ao ouvir a nova ordem do pai mandou o Manuel arrancar lenha da vinha que era da mais torta que havia. O rapaz assim fez, ficando o diabo de novo furioso ao ver o serviço feito, perguntando-lhe também se tinha estado com a filha ao que o rapaz lhe deu a mesma resposta de sempre, deixando o diabo ainda mais furioso. O diabo furioso lançou-lhe mais um quebra-cabeças: - Vais arrasar aquele cabeçaço, plantas lá vinha e à noite trazes-me uma garrafa de vinho dessas uvas.

O rapaz não tinha como responder a esta exigência absurda, mas mesmo assim obedeceu porque confiava em Branca Flor que o ajudaria a resolver o problema. Depois dos dois se encontrarem e do Manuel contar o pedido do pai dela, foram os dois para o cabeçaço, onde Manuel deitou a sua cabeça no colo de Branca Flor. O Manuel ao acordar encontrou o serviço feito, obra de Branca Flor, regressando os dois a casa com a missão cumprida. O diabo admirou-se com tamanha façanha de Manuel e voltou-lhe a mesma pergunta: - Estiveste com Branca Flor?

O rapaz respondeu do mesmo modo e mais uma vez o Diabo não gostou. O diabo não parando de maquinar esquemas para expulsar o rapaz, mandou-o desta vez construir um muro de tábuas de mais de dois metros de altura, pedindo que deixasse a meio uma frincha por onde pudessem caber os dedos das mãos. Depois chamou as filhas e mandou que metessem os dedos naquela frincha, para que o Manuel do outro lado identificasse os dedos de Branca Flor. Só que antes de irem para lá, ele



e Branca Flor encontraram-se combinando um sinal de identificação:

- Vês neste dedo este sinal, já sabes depois que estes são os meus dedos.

Ao começar o teste o rapaz logo se deu conta onde estava Branca Flor, mas não se deu por achado vendo com cuidado todos os dedos, identificando no final Branca Flor. Considerando-se merecedores da astúcia do diabo, resolveram fugir para este não submeter o Manuel a mais trabalhos árduos. Branca mandou Manuel aparelhar o cavalo mais magrinho que encontrasse, mas ao chegar junto dos cavalos considerou que o mais magrinho não teria resistência para os levar e aparelhou outro. Entretanto Branca Flor deixou preparado no seu quarto uma tigela de saliva, esta ia respondendo pela vez da filha às chamadas do pai. Entretanto Branca Flor e Manuel fugiram cavalgando a toda a velocidade durante toda a noite. Logo de manhã o diabo procurou pela filha e ao não encontrá-la, ao descer à loja dos cavalos e ao verificar o cavalo que fugira, montou de imediato noutra cavalo para ir na pegada dos dois fugitivos. Ao avistá-los ao longe Branca Flor concluiu:

- Já aí vem o meu pai à nossa procura, tu em vez de aparelhares este cavalo que só foge como o vento devias ter aparelhado o cavalo que foge como o pensamento, e assim não nos teria alcançado. Mas vamos resolver esta situação, toma lá este punhado de areia, atira-o para trás de ti. Ele obedeceu e logo se formou uma mata muito densa que o rapaz não foi capaz de romper, tendo que voltar para trás. Ao chegar a casa disse à mulher que não tinha conseguido alcança-los porque se formou uma mata muito densa, a mulher incitou-o para voltarem os dois à procura da filha. Ao avistar o pai e a mãe, Branca Flor combinou com o Manuel uma maneira de se disfarçarem:

- Paramos já aqui, o cavalo vai-se transformar numa ponte, eu faço-me numa capela e tu ficas aqui a tocar no sino. Eles vão chegar perto de ti e perguntar se não viste passar dois num cavalo, tu continuas a tocar no sino e a dizer que está na hora da missa.

Ao chegar ao local o diabo cansou-se de ouvir a resposta e virou-se para a mulher:

- Anda vamos embora que ele é maluco e não diz nada de jeito.

Logo que o diabo e a mulher viraram costas, a Branca Flor voltou a ser o que era, o cavalo também e tomaram o caminho a galope, até chegarem à cidade de Berlim, vivendo aí felizes para sempre.



A HISTÓRIA DA TORRE DE BILORNA (QUEM LÁ VAI NÃO TORNA)

Uma vez um homem foi à pesca com a rede para o mar, lançou a rede e logo à primeira pescou o rei dos peixes, ao puxar o rei para cima este falou-lhe:

- Lança-me de novo ao mar com a rede e verás quando a puxares novamente que a rede trará tantos peixes quantos buracos ela tem. E assim foi, regressando a casa com uma grande quantidade de peixe. A mulher abismada com tanto peixe perguntou como aquilo tinha acontecido, o marido contou-lhe, então, que tinha apanhado um peixe com certas características que lhe fez uma proposta que o pescador aceitou. A mulher estava grávida e teve o desejo de comer aquele peixe, mandando o marido ao mar para o pescar. O marido assim o fez, ao lançar a rede pescou logo o rei dos peixes, que lhe fez as mesmas recomendações. Só que desta vez o homem não obedeceu ao peixe, dando-lhe a desculpa de que a mulher o queria comer. Então, o peixe cedeu mas recomendou:

- Tu não me comerás, levas-me e dás três partes à tua mulher, três à tua cadela e outras três enterras no quintal.

Ele foi para casa e fez o que o peixe recomendou, passado algum tempo a esposa deu à luz três gigantes, a cadela pariu três leões e no quintal nasceram três espadas. Os meninos cresceram e tomaram cada um a sua espada e o seu leão. Um belo dia combinaram sair e conhecer mundo, saíram cada um munido com a sua espada e o seu leão, seguiram por uma estrada que em determinado ponto abria em três, parando ali. Decidiram cada um tomar a sua estrada, mas deixaram uma garrafa que turvava se algum deles tinha um pecado ou uma fatalidade, partindo depois à



aventura. Um deles avistou uma cidade e entrou por ela a fora, passou por uma casa em cuja varanda havia uma donzela com a qual meteu conversa. Conversaram durante um tempo, até que ela o convidou a entrar, combinando encontrar-se, novamente, ao outro dia, sendo a atracção tal que marcaram casamento. Um dia os dois na varanda avistaram uma determinada torre e ele perguntou:

- Que torre tão imponente é aquela?

- É a torre de Bilorna, quem lá vai já não torna.

O rapaz curioso e valentão retorquiu:

- Hei-de lá ir e hei-de voltar.

Tomou a sua espada e o companheiro leão, atrevendo-se a procurar a torre. Ao chegar à entrada da torre veio uma velhinha que o cumprimentou e o convidou a entrar, sugerindo que prende-se o seu amigo numa das argolas de ferro da parede da torre. Ela, num gesto rápido, arranca um cabelo da sua cabeça e dá ao rapaz, para que com ele prenda o leão. Os dois dentro da torre foram admirando o interior, até que a velhinha convidou o rapaz para uma luta, visto que, este trazia uma espada consigo. Ele aceitou e os dois começaram a lutar, ficando depois o rapaz em desvantagem, procurando, então, chamar pelo leão:

- Avança leão!

- Avançará ou não que do meu cabelo cordas de ferro se farão!

O leão não foi ao seu socorro e o rapaz foi vencido, sendo preso nas masmorras da torre.

Um dos irmãos, ao regressar ao cruzamento, viu a água da garrafa daquele lado turva, pensando que o irmão se estava a sentir mal tomou o mesmo caminho para ir a seu socorro. Ao entrar à cidade encontrou a donzela (sua cunhada) com quem simpatizou de imediato, ela cumprimentou-o pensando que era o marido. No entanto, o rapaz não revelou a verdade, pensando que assim descobria o que se tinha passado com o seu irmão, indo, depois, descansar com a donzela como esposo dela. Na cama o rapaz põe a espada entre ele e ela o que a faz desconfiar:

- Então somos casados e fazes isto?

- Deixa lá não te aflijas é porque venho muito maçado ... amanhã tudo estará normal.

Ao outro dia estando os dois na varanda, o rapaz avistou a torre de Bilorna, perguntando:

- Não vez que é a torre de Bilorna, quem lá vai não torna, mas tu foste e voltaste.

O rapaz ficou calado vincando a ideia de que o irmão estava naquele sítio:

- Pois eu hei-de lá ir e voltar!

- És herói porque já lá foste e voltaste

O rapaz tomou o leão e a espada, dirigindo-se a torre. Ao chegar recebeu a mesma velhinha a qual o recebeu com a mesma simpatia que ao irmão, convidando-o para entrar. No entanto, ao ver o leão preso à torre, o rapaz só pensava em salvar o irmão. A velha arrancou um cabelo e deu-o ao rapaz que prendeu o leão como o irmão tinha feito. Dentro da torre a velhinha convida também este para um duelo, mas na luta o rapaz perde e chama o leão para o salvar, ouvindo da velha a mesma resposta:

- Avançará ou não que do meu cabelo cordas de ferro se farão!

E de facto os acontecimentos repetiram-se e o segundo irmão teve o mesmo destino que o primeiro. O terceiro irmão ao ver a água turva no cruzamento foi de socorro aos irmãos, ao chegar à cidade foi, também ele, calorosamente recebido pela cunhada que o via como o esposo. Este teve fez os mesmos procedimentos na cama que o segundo irmão, levando a donzela a fazer a mesma observação. Na varanda avistou a torre, perguntando o mesmo que os dois outros irmão, levando a rapariga a reparar na sua valentia, pois o marido já lá tinha estado duas vezes retornando sempre e ainda queria lá ir uma terceira:

- Eu hei-de lá ir e voltar.

Ao chegar à torre, encontra a mesma velhinha simpática, que lhe dá um cabelo para prender o leão, mas o rapaz ao ver os outros leões presos atirou o cabelo para perto deles fazendo com que fossem libertados. Entretanto, aceitou o convite da velhinha para lutar e quando estava em apuros chamou o leão, ela respondeu do mesmo modo, mas desta vez estavam os leões todos soltos e avançaram sobre ela. A velha ao ver que o seu plano tinha falhado implorou ao rapaz que ordenasse aos leões que não a matassem. Ele acalmou os leões, fazendo um acordo com a velha:

- Não deixo que os leões te matem, mas liberta já os meus irmãos.

Depois deste ultimato, ela não teve alternativa e libertou os dois irmãos, abraçaram-se os três, seguindo caminho para a casa do primeiro irmão. Depois de contarem tudo o que se tinha passado ao primeiro irmão, de como iludiram a sua esposa para o salvar, fizeram uma grande festa. Seguiram mais tarde cada um o seu caminho, sendo muito feliz o primeiro irmão com a sua esposa.



A HISTÓRIA DO TOURO AZUL

Era uma vez um casal que tinha uma filha, mas a mãe morreu passado pouco tempo ficando só com o pai, que se voltou a casar. Mas a madrasta não engraçava com a filha do marido, maquinando uma maneira de se livrar dela para ficar sozinha com o marido. Passou, então, a pôr em prática uma maldade com a menina, mandava-a todos os dias guardar os animais, enquanto estes pastavam, mas só lhe dava para merenda as côdeas queimadas do pão. A ideia era matar a menina à fome, o que a levava a chorar muito enquanto guardava os animais. Até que um dia um dos seus animais, ao qual chamavam Touro Azul, meteu conversa com ela:

- O que tens para chorar tanto?

- Tenho muita fome.

Então o touro tentou acalmar aquele pranto, pedindo à menina para meter a mão na sua orelha direita e tirar um guardanapo. A menina assim o fez, estendendo-o no chão como o touro lhe pedira, o guardanapo encheu-se de mimosos que a rapariga começou a comer até não poder mais. O touro recomendou-lhe no final que encartasse o guardanapo e o guardasse na orelha de novo. Esta cena repetia-se todos os dias e a menina em vez de sofrer as maldades da madrasta ia, pelo contrário, ficando cada vez mais bonita. A madrasta ficava por isso cada vez mais irada, o que a levou a ir espreitar o que se passava lá pelos campos, surpreendendo-se ao ver a cena do touro a proporcionar um rico almoço à menina. Quando o marido chegou a casa convenceu-o a matar o touro azul, mas a menina ouviu tudo e querendo retribuir o bem que o touro lhe tinha feito resolveu contar tudo a este.

Esperou então que os pais fossem dormir, descendo depois à loja dos animais para ir ter com o touro, que ao ouvir o que a menina lhe tinha para contar, respondeu:

- Ai sim? Então vamos já arranjar maneira de lhe tramar o plano. Saíram os dois da loja e o touro pediu à menina:

- Encostas-te aí a esse muro e sobe para cima de mim!

Dito e feito, os dois tomaram caminho para fugir, até chegarem a um pomar que tinha outro caminho pelo meio. Antes de entrarem o touro parou para fazer as seguintes recomendações à menina:

- Vamos atravessar este pomar, mas livra-te de tocar um raminho que seja destas árvores. Aninha-te bem aí em cima e não toques em ramo algum!

Feitas as advertências atravessaram o pomar, à saída apareceu um forte leão que desafiou o touro para uma luta, obrigando o touro a matar a menina caso perdesse. O touro ordenou à menina que descesse e começou a luta. O leão saiu vencido, então, o touro tomou novamente o caminho com sua menina no seu dorso, mas percorrido aquele ramal de caminho apareceu outro pomar. Antes de entrar nele, o touro fez as mesmas recomendações à menina para não tocar em ramo algum do pomar. Chegando ao termo deste apareceu um monstro com sete cabeças, que desafiou o touro para um duelo acabando por sair, também ele, vencido. De novo, o leão ordenou à menina que subisse para o seu lombo para seguirem caminho, até chegarem a uma cidade. Antes de entrarem na cidade, o touro pediu à menina que fosse a uma daquelas primeiras casas pedir uma pá e uma picareta. A menina assim o fez, voltando com as ferramentas, explicando, então, o touro: - Vais dar-me com este machado na cabeça para me matar.

A menina ao ouviu isto entrou em choro incessante e disse que isso não faria:

- És meu amigo, eu gosto de ti, mas não me podes pedir isso.

- Vês além aquela casa? É a casa do príncipe. Vai ser para lá que vais servir querem-te lá muito. Deixo-te esta minha varinha que te vai servir muito, quando tiveres alguma necessidade bates com a varinha três vezes em cima da minha campa, fazendo com que eu apareça para concretizar tudo o que tu pedires. Ela começou, assim, a entender um pouco do que ele queria com o seu pedido, ao voltar a repeti-lo, a menina acedeu à sua vontade e matou o touro com o machado. Enterrou, depois, o touro e partiu em busca da sua nova vida, oferecendo-se, de seguida, no palácio para servir. Aceitaram-na e o príncipe arranjou-lhe para vestir uma saia de pau. Sempre que os senhores saíam a "Maria saia de pau" (alrunha que lhe deram) ficava encostada à lareira até que eles regressassem. Um dia os



senhores saíram para a missa e a “Maria saia de pau” lá ficou encostada à lareira, mas cansada de ser tratada como a gata borralheira do palácio decidiu ir ter com o touro azul. Ao bater, como o touro lhe recomendara, a varinha três vezes no chão, este saiu da campa e disse-lhe:

- O que precisas de mim?

- Quero que me calces e vistas de ouro e me dês um cavalo de ouro.

O touro fez-lhe a vontade, saindo assim dourada para a missa, onde todos se admiraram com tanto brilho. No final da missa, ela tomou novamente o cavalo para regressar, mas deixou cair de propósito um dos sapatos, partindo, de seguida, a galope. O príncipe tomou o sapato esquecido decretando que casaria com a donzela a quem servisse aquele sapato. Quando os senhores chegaram ao palácio de nada suspeitaram, porque a “Maria da saia de pau” estava no seu lugar junto à lareira. Reuniram-se, naqueles dias, muitas donzelas das redondezas para calçar o sapato, todas elas convencidas que iriam casar com o príncipe. Até que um dia a menina da saia de pau, já cansada daquele corrupção, encheu-se de coragem e pediu ao príncipe para a deixar experimentar o sapatinho, no entanto este zombou dela rindo à gargalhada:

- Oh! Oh! Oh! Até tu gata borralheira, que não tens jeito de gente, queres calçar um sapato de ouro?

Ela, no entanto, insistiu e o príncipe deixou calçar o sapatinho, assentando-lhe este que nem uma luva no pé. O príncipe ficou admirado, mas não totalmente convencido. A menina fez, então, um pedido ao príncipe:

- Posso ir ao meu quarto?

- Vai

Ela foi e regressou toda vestida de ouro, tal como tinha aparecido na igreja, dizendo logo o príncipe:

- Foste então tu que apareceste assim na igreja?

E já convencido que a menina falava a verdade declarou:

- Serás então a minha mulher.

Para acalmar tantas outras interrogações do príncipe, a menina contou-lhe como foi a sua vida desde que a sua mãe morrera e o seu pai voltara a casar, até que um dia o touro azul a ajudou deixando-lhe aquela varinha, através da qual conseguiu todo o ouro. E assim casaram e viveram muito felizes para sempre.



A HISTÓRIA DO CRIADO E NÃO NASCIDO

Era uma vez um reino longínquo, onde existia uma princesa que dizia conseguir ler o pensamento dos rapazes. O rei propôs um desafio a todos os rapazes: se houvesse algum a quem ela não conseguisse ler o pensamento casaria com ela e a quem ela conseguisse ler o pensamento iria para a forca. No entanto, o desafio impunha uma condição, os rapazes teriam de passar em casa da princesa três dias e três noites. A princesa como não conseguia ler o pensamento, fazia as criadas dormir com os rapazes, para que estes contassem a história das suas vidas a estas.

Muitos foram os que morreram devido à crueldade da menina, até que um dia pareceu um rapaz que era “criado e não nascido” (nascido por cesariana), que tinha um cavalo também “criado e não nascido”. Este resolveu aceitar o desafio porque pensou que não haveria ninguém que adivinhasse a sua condição de “criado e não nascido”. Perante a decisão do rapaz, o seu pai que não queria vê-lo enforcado, preparou-lhe uma merenda composta por três bolos envenenados. O rapaz ao partir a galope foi seguido pela sua cadelinha “celindra”, mas ao ver-se



seguido por ela, pensou que teria fome e deu-lhe os três bolos, o que fez com que a cadelinha morresse. Ao ver que a cadelinha tinha morrido em seu lugar, enterrou-a como era o seu dever, mas ao chegar ao local viu sete aves que sucumbiram pelo veneno, pondo-as num saco e seguindo logo depois viagem. Durante o caminho ia feliz, ao pensar que a princesa nunca iria adivinhar que ele e o seu cavalo eram “criados e não nascidos”, que três mataram um e um matou sete.

Durante a viagem o rapaz foi interceptado por catorze leões que queriam comer o cavalo para saciar a fome, o rapaz, contudo, querendo poupar o cavalo ofereceu, em sua vez, as aves que foram aceites pelos ladrões, que morreram ao comê-las. O rapaz pensou, então, que depois de todas aquelas peripécias, a princesa nunca descobriria que ele e o seu cavalo eram “criados e não nascidos”, que três mataram um, um matou sete e que sete mataram catorze.

Ao chegar ao castelo o rapaz instalou-se. Ao chegar a primeira noite foi uma criada a ter com ele a qual foi recusada, acontecendo o mesmo, assim sucessivamente, pelas duas noites seguintes, até que o rapaz mandou chamar quem as tinha enviado. Vendo-se em tal desespero, a rapariga na terceira noite, aceitava ir dormir com ele, e ao amanhecer depois da princesa ter dormido, o rapaz cortou um pedaço de cada um dos seus vestidos.

Chegado o dia do desafio, a princesa adivinhou toda a vida do rapaz. Ao ser condenado à força, o rei perguntou se havia alguma coisa que queria dizer à princesa antes de morrer. Este revelou que a princesa adivinhava a vida dos rapazes graças à ajuda das suas criadas que pernoitavam com eles, tendo como prova um pedaço dos vestidos da princesa.

O rei, perante esta situação, ao confirmar a veracidade das provas e da situação concedeu a mão da filha em casamento ao rapaz. O “nascido e não criado” recusou casar-se com a princesa, visto esta ter dormido com ele, o que o levava a pensar que esta já podia ter dormido com muitos outros. O rei aceitou a recusa do rapaz, mandando para a força a filha que acusou de ser uma falsa e uma assassina. O rapaz voltou para casa fazendo uma grande festa.



A HISTÓRIA DA FÂNDA MARIA E DE FELMILANDA

Havia uma linda senhora que vivia com a sua filhinha no seu pequeno palácio, tendo em seus aposentos um grande espelho de touca, ao qual diariamente perguntava:

- Espelho meu diz-me tu haverá outra mais bonita do que eu?

O espelho respondia sempre que não, até que a sua filha cresceu, e se tornou uma formosa rapariga, resolvendo um dia perguntar ao espelho se havia outra mais bela que ela, ao que o espelho respondeu:

- Até hoje a cara mais bonita que havia nas redondezas era a tua mãe, mas a partir de hoje a cara mais bela é a tua.

Passado algum tempo, a sua mãe, sem disto saber, vai novamente estar com o espelho, fazendo-lhe a pergunta mágica:

- Minha linda senhora, até hoje o seu rosto era o mais bonito, mas apareceu agora outro ainda mais bonito, o da sua filhinha.

Desconcertada, a senhora maquinou uma forma de tirar da sua frente, quem lhe roubou a primazia na beleza, acabando por encerrar a sua filha numa torre muito alta. A menina desesperava e chorava dia e noite, até que um dia passou por ali um rapaz, que ao ouvi-la gritar, lhe perguntou:

- Fanda Maria, Fanda Maria, que tanto choras? És a cara mais linda do mundo, mas se visses a cara da Felmilanda que está encantada numa ilha distante, então paravas de chorar!

Fanda Maria não sabia como, mas pensou seriamente em sair dali o quanto antes para desfazer o encanto. Começou, então, a escavar uma espécie de túnel, com as



suas próprias mãos, para sair daquele sítio. Ao conseguir sair da torre, pôs-se a caminho na direcção indicada pelo mensageiro, andando alguns dias sem parar. Chegou, então, a um lugar onde se deparou com um grande palácio com várias salas cheias de encantos. Entrou para uma delas, sendo logo rodeada por encantos em forma de bichos horríveis, que lhe pediam:

- Leva-me a mim, leva-me a mim, estou fartinho de estar aqui.

Mas Fanda Maria ao vê-los respondeu:

- Não, eu procuro Felmilanda.

- Oh! Felmilanda a cara mais linda do mundo, para chegar até ela é preciso andar muito.

Passou aquela sala e depois de andar muito chegou a outro palácio e entrou noutra sala também ela cheia de encantos, que ao ouvirem falar de Felmilanda deram a mesma resposta. A menina caminhou para o terceiro palácio, entrando numa enorme sala onde, também, havia muitos encantos, que se dirigiam a ela para que os desencantasse, respondendo-lhes que não podia fazer visto estar só à procura de Felmilanda, ao que informaram:

- Encontrarás um palácio cheio de outros encantos, mas para que Felmilanda venha, em barco próprio ao teu encontro, terás que primeiro encher nove bilhas de lágrimas. Com os olhos na sua meta, a menina caminhou até encontrar o dito palácio dos grandes encantos e onde viu escrito o nome de Felmilanda e uma mulata. Fanda Maria pôs-se a encher as bilhas com lágrimas, e quando só lhe faltava uma a mulatinha ofereceu-se para a ajudar. Enquanto a Fanda Maria enchia a última bilha, viu aproximar-se uma barca com a Felmilanda que ao chegar perguntou:

- Qual das duas me desencantou?

A mulata antecipou-se e disse que tinha sido ela. Mas para tirar as dúvidas e saber quem falava a verdade, Felmilanda lançou-lhe o desafio do espelho que estava ali, que tinha duas facas de lado que cortavam a cabeça a quem falasse mentiras. Felmilanda perguntou à mulata se queria ir ao espelho, mas esta recusou o desafio, aceite, depois, por Fanda Maria. Assim, depois de reposta a verdade, as duas rumaram até à cidade de Felmilanda do outro lado do mar.



A HISTÓRIA DA TI SOQUINHAS

Era uma vez um homem que deixou a mulher e um filho. Tinha ido para França, onde esteve 37 anos.

A mulher sempre pedia a Nossa Senhor que o marido viesse morrer nas palhinhas dela.

Passados 37 anos bateu à porta à mulher.

Na rua perto de casa estava o filho e um senhor.

Dirigiu-se-lhe e perguntou-lhe:

- Quem é o senhor Manuel António Dalges.

O próprio filho respondeu-lhe:

- Sou eu.

O homem disse-lhe:

- Então o senhor é meu pai?

- Pois sou!

O filho levou o pai a casa.

A mãe como tinha falta de ouvido não queria acreditar que aquele era o seu homem. Então ele que levava uns alforges feitas por ela e as guardara, mostrou-lhas.

- Marquinhas, não te lembras dos alforges que me destes quando me fui para França?

Vê-as. Aqui estão elas!

A mulher olhou para o homem e para os alforges, e vendo que era o seu homem, beijou-o e abraçou-o.



MESTRE DOS MESTRES

Quando S. Pedro andava pelo mundo, feito velhinho e trazendo consigo um burrito, passou num lugar, onde um ferrador estava a ferrar. Aproximou-se, saudando-o: - Bom dia, mestre. Este, um pouco enfatuado respondeu: - Mestre dos mestres! Então o velhinho pediu-lhe se o deixava ali pregar uma ferradura ao burro, pois lhe tinha caído pelo caminho, ao que o ferrador disse que sim.

O velhinho foi ao burro, cortou-lhe a pata, pô-la em cima da bigorna, pregou-lhe a ferradura e foi colocar a pata na perna do animal, que ficou como estava. Agradeceu ao ferrador e foi-se embora.

O ferrador, que viu o que o velhinho fez, e estava também a ferrar um burro, cortou-lhe a pata. Pregou a ferradura. Mas, quando foi colocar a pata na perna, esta não segurava.

Muito aflito, foi procurar o velhinho. Pediu-lhe por caridade e misericórdia que lhe valesse, porque o burro morria! Então o velho, que era Santo, disse-lhe:

- Vais para casa, que tudo se há-de remediar, mas, nunca mais voltas a dizer, que és mestre dos mestres, porque acima de nós, há outros de maior poder.



A MOÇA TEIMOSA

Era uma vez um homem que tinha uma filha com quem vivia.

Quando a filha chegou à idade de casar, não faltavam pretendentes, porque o pai possuía umas boas terras.

Porém quando vinham pedir a filha, o pai dizia sempre:

- Por mim está bem, mas tenho que lhe dizer, que ela é muito teimosa.

Por fim apareceu um, pois os outros desanimavam, que respondeu ao pai:

- Está bem. Olhe, eu também sou muito teimoso e então vamos fazer farinha.

Arranjaram tudo e casaram.

À noite, quando se iam deitar, o noivo levou uma arma que colocou ao lado da cama.

A noiva admirada perguntou-lhe para que era a arma, ao que ele disse, que era sempre bom ter uma defesa ao lado.

Deitaram-se (era no tempo das candeias) e o moço disse para a noiva, que apagasse a candeia. Ela respondeu que a apagasse ele. Por sua vez teimou que fosse ela e daí uma teimosia entre os dois.

O homem pega na arma e com um tiro, apagou a candeia. A moça tão assustada, não deu mais pio. O homem foi-lhe dizendo:

- É assim que eu curo os teimosos... Não houve mais barulho e foram felizes.



OS DOIS MENTIROSOS

Havia dois irmãos que viviam muito pobres e sem meios de ganhar dinheiro, até que o mais velho, disse para o outro:

- Ó irmão, lembra-me uma coisa. Vamos por esse mundo ele Cristo pregar mentiras por dinheiro. Um vai adiante e depois vai o outro atrás a confirmar. Lá partiram, e ao chegar a uma terra, um segue adiante anunciando:

- Sei uma grande novidade, mas só a digo por dinheiro.

Juntou-se muito povo e começaram a dar-lhe dinheiro, e ele disse: - Em tal terra acaba agora de nascer um menino, com sete braços

O Povinho admirado não teve pena do dinheiro e ele foi seguindo caminho.

Apareceu por trás dele o irmão a confirmar. A gente perguntava se era verdadeira a notícia, ao que este dizia: - Eu não vi o menino, mas vi uma camisa estendida a enxugar que tinha sete mangas.

Então ficaram crenças que era verdade e ainda lhe deram mais dinheiro. A este tempo, já o irmão espalhava noutra terra:

- Grande novidade, minha gente.

Todos acudiam e lhe davam dinheiro, para saber a novidade

Diz ele: - Vi um moinho a andar, em cima de um pinheiro. Todos admirados, quando apareceu o irmão, perguntavam:

- É verdade que está o moinho em cima do pinheiro?

Ele confirmava: - Eu não vi o moinho, o que sei dizer, é que vi um macho carregado com sacos de farinha a subir pelo pinheiro acima.

Então é verdade, dizia a gente, e lá iam dando o dinheiro aos homens. Assim foram correndo o mundo a dizer mentiras para irem vivendo (:::).



HISTÓRIA DE UM MARIDO RABUGENTO

Uma mulher vivia muito triste com o feitio do seu marido. Quando vinha para almoçar, chegando à mesa dizia:

- Este frango podia ter sido assado.

No dia seguinte ao começar a almoçar dizia:

- Se fosse guisado era mais saboroso.

A mulher, já muito nervosa, resolveu no dia seguinte pôr na mesa o frango preparado de todas estas maneiras.

Ao chegar, ela diz-lhe:

- Agora aqui tens o frango preparado e variado. Come do que mais gostares.

Mas antes dele chegar, uma galinha tinha subido para cima da mesa e fez lá cocó.

A mulher vira a ponta da toalha e cobre-o.

A mulher diz: - Podes escolher o que queres.

Resposta dele:

- Quero mierda. A mulher respondeu:

- Então aí a tens, descobrindo a toalha.

A HISTÓRIA DA BOLA CENTEIA

Uma mulher muito má tinha uma vizinha a quem tinha inveja.

Um dia estava a fazer bolas no forno e lembrou-se de meter dentro duma veneno para que ela morresse. Quando as tirou do forno já cozidas, deixou-a dum lado e saiu para fora. Neste momento entrou um filho.

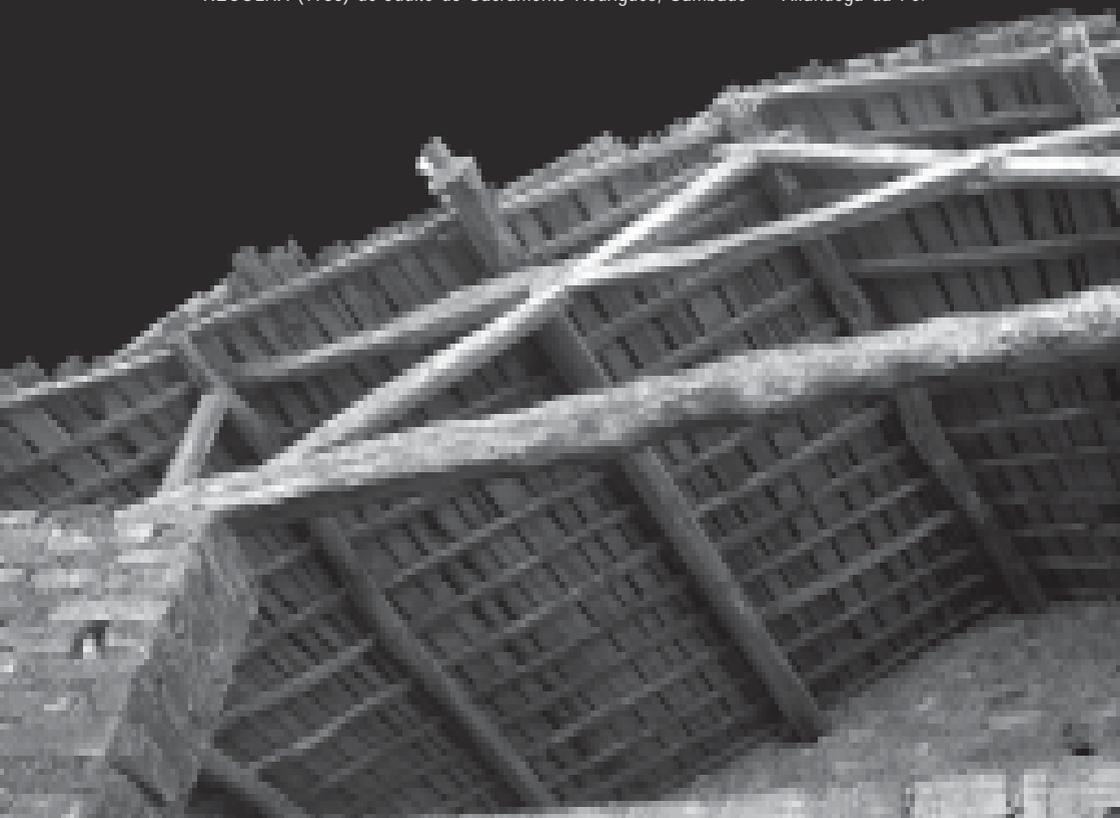
Viu as bolas quentes e pegou nessa do veneno, que ele não sabia, e começou a comer.

Logo caiu morto.

Quando a mãe chegou, viu o filho assim e a bola encetada e disse:

- Foi o castigo que caiu em mim, pois quem faz o mal para si o faz, como se costuma dizer.

RECOLHA (1985) de Judite do Sacramento Rodrigues, Sambade — Alfândega da Fé.





9. HISTÓRIAS INFANTIS



O RAPAZ E O BURRO

O mundo ralha de tudo tenha ou não tenha razão, quero contar uma história à prova dessa aceção.

Era uma vez um campónio, do seu monte ao povoado, levava o neto que tinha no seu burrinho montado.

Depois encontrou um que disse: “olha aquele burro que está “alé”, o rapaz que é forte vai no burro montado e o velho vai a pé.

Pegam e montam os dois, mas encontraram depois uns que diziam: “aqueles querem com tanto peso matar o burrinho”.

Meteram, então, o burrinho na frente e eles foram a pé.

Encontraram outros que disseram: “olha aqueles calcando lama, para que serve o burrinho... talvez durma com eles na cama”.

“Rapaz vamos indo, depois destas lições mais tolo é quem dá ao mundo satisfações!”.



ERA UMA VEZ UMA VELHINHA

Era uma vez uma velhinha, quase cega coitadinha, já mal podendo andar encostada ao seu bordão sempre olhando para o chão ia na estrada a passar. Encontrou um cão que ladrou, a pobrezinha parou olhando de roda assustada, quis fugir não conseguiu, tentou correr mas caiu a pobrezinha coitada. Nisto surge uma menina bem formosa e ladina, que ao vê-la cair no chão correu logo carinhosa e à velhinha deu a mão:

- "Venha eu levo-a à minha casinha! Onde lhe dói? Diga que eu vou buscar qualquer remédio, vou pedir à minha mãe."

- " Não foi nada meu amor, tu és uma flor. Ajuda-me só a andar, Deus paga pela bondade com muita felicidade."



CONTO INFANTIL 1

A perinha estava nos ramos da mãe pereira, mais feliz que uma rainha e mais oculta que uma freira.

Cá de baixo foi avistada, cá de baixo pela Rosita que diz para a criada: "Ai que pêra tão bonita!".

A pêra muito oculta, verde e ainda muito dura, se a Rosita não a descobre chegava a mole e madura.

Mas a pêra ao cair de cauda jurou vingança cruel: " Ainda te vou a sair mais azeda do que há-de ser o fel". Foi deitar-se a pequenota sentindo já muitas dores, como ela grita debaixo dos cobertores.

Rosna a perinha judia: "Se verde não me comesses nenhum mal te sucedia, agora tens ainda pão para peras".



CONTO INFANTIL 2

Contam como certa raposa, andando muito esfamada, viu roxos e maduros cachos pendentes de alta latada. De bom grado os trincaria, mas sem lhes poder chegar disse: "Estão verdes não prestam, ninguém lhes pode tragar". Caiu-lhe, então, uma parra conforme seguia o seu caminho, lembrando que era algum bago volta depressa o focinho.

RECOLHA 2005 SCMB, ABÍLIO AUGUSTO GONÇALVES, Idade: 94.
Localização geográfica: MÓS – ORIGEM + 50 anos.



MULHER AO RIO

-Havia uma vez um homem cuja mulher se deitou ao rio.
Mais tarde, andava ele à sua procura, tendo encontrado alguém que lhe perguntou o que andava a fazer rio acima, ao que ele respondeu:
" Afogou-se-me a mulher e ando à procura dela"
" Mas então procura rio a baixo ... agora rio acima!!!"
"Ela também fazia tudo ao contrário dos outros"

RECOLHA 2005 SCMB, LUÍS FERNANDES, Idade: 77.
Localização geográfica: MOFREITA – ORIGEM + 50 anos.



HISTÓRIA 1

Um menino ia à doutrina e diz-lhe o padre:

- "Então, meu menino tu és cristão?"

- "Não, sou ali um "galinhito" de S. Ciprião!"

Outro menino foi à doutrina com a mãe e diz-lhe o padre:

- "Então, meu menino tu és cristão?"

- "Não!"

- "Tu sabes quem é Deus? Não? Olha que Deus morreu por nós na cruz!"

Diz a mãe toda atrapalhada:

- "Ralhe com ele Sr. Padre que ainda ontem à noite lhe disse quem eram as benditas almas!"

- "Oh rapaz! Não vês que Cristo morreu por nós?"

- "Ai! Não sabia Sr. Abade! Olhe que não sabia, como a gente não assina o jornal, nem tínhamos sabido que tinha estado doente."

RECOLHA 2005 SCMB, EURICO FERNANDES, Idade: 71.
Localização geográfica: MOFREITA – ORIGEM + 50 anos.



HISTÓRIA 2

Quando éramos mandados pelos espanhóis, na Mofreita resolveram mandar alguém para aprender a língua castelhana. Dai que todos os mais ricos e letrados queriam ser os eleitos, mas os que mandavam queriam que fosse alguém que já tivesse alguns conhecimentos da língua.

Entretanto no ajuntamento, enquanto isto se discutia, responde um da assistência:

"Eu já sei dizer qualquer coisa!"

"Então que sabes dizer?"

"Nós los outros"

Nisto responde outro lá do fundo do ajuntamento:

"Eu também sei dizer alguma coisa!"

"Então que sabes dizer?"

"Claro é".

"Grandes estudantes! Estes já vão. Mais alguém sabe dizer umas histórias daquelas mais antigas espanholas?"

"Eu ainda sei dizer qualquer cousa."

"E o que sabes dizer?"

"Tem usted muita razon!"

Assim, foram os três estudar para Espanha, indo parar a Catalunha. Ao chegar tiveram logo a infelicidade de encontrar um homem morto, tiveram dó e ficaram a ver o que lhe passava. Mas, nisto veio a guarda civil espanhola que lhes perguntou:

"Quem matou el hombre?"

"Nós los outros"

"Vosotros?"

"Claro é"

"Si, si mui claro, mas a palisa que vai levar não sabe usted no que se mete!"

"Tem usted muita razon!"

Levaram os pobres portugueses perante as autoridades, dando início à investigação:

"Quem matou el hombre?"

"Nós los outros"

"Então está visto! Não temem a palisa (porrada) que vão levar?"

"Tem usted muita razon!"

Desta forma e com a culpa formada dos portugueses os espanhóis desataram à porrada neles como era de lei naquela altura. Devolveram-nos depois à terra deles a Vinhais todos esmurrados.

Quando os da Mofreita viram os seus conterrâneos todos negros, perguntaram o que se tinha passado, tendo os guardas respondido que se encontravam naquele estado por terem confessado um crime.

Os da aldeia pediram para ver os chicotes dos guardas, aproveitando a posse destes para desatar a bater nos espanhóis. Os guardas perguntavam se o povo não tinha vergonha de bater em autoridades, tendo o povo respondido a esta provocação com uma acção: despiram as fardas dos guardas, retirando-lhes a posição de autoridades, até que estes fugiram.



10. JOGOS DE RODA E RONDAS



JOGOS DE RODA 1



Fui-me confessar àquela capelinha
O que eu disse ao padre ninguém o adivinha
Não o adivinha não
O que eu disse ao padre na confissão
Sr. Padre me confesso larau, larau, larito
Eu matei o meu "gadito"
É dar ali um beijito

JOGOS DE RODA 2



A penitência que eu te dou
Olha a viuvinha alegre
Não tem com quem se casar
Não tem o que vestir, não tem o que trajar
O seu noivo não quer com ela casar
A viuvinha deita-se a chorar

JOGOS DE RODA 3

Ó Serra deita cá água por um cano de marfim
 Quero regar esta rosa que está diante de mim
 Que está diante de mim, que está no meu poder
 Quero beijar uma rosa que está no meu jardim

JOGOS DE RODA 4

Pus o meu pé na batateira
 Fiz tremer o batatal
 O passarinho que repenica o cântico
 Vem cantar ao meu quintal
 O passarinho que repenica o cântico
 Vem cantar ao pé de mim.

JOGOS DE RODA 5

Linda borboleta deita-te a voar
 A menina Aninhas quer-se já casar
 Quer-se já casar, não quer ir para a botica dela
 Quer ir morrer vestidinha à Conceição
 Antoninho vai pegar ao caixão que é o mais arranjadinho
 A menina Maria vai ser a madrinha que leva o raminho
 O menino Joãozinho vai ser o padrinho
 Vai ser o padrinho por levar a bandeira
 E a menina Maria vai ser a cozinheira
 A criada vai ser a Teresa
 A criada foi por a mesa
 Mas manchou os guardanapos
 Ponha-se lá fora minha malcriada
 Que não sabes fazer nada
 Ó minha Senhora tenha dó de mim
 Não tenho nem mãe, nem pai, nem quem olhe por mim
 Entre lá para dentro vá fazer a obrigação
 Vá pegar aos tachos e a abanar ao fogão



JOGO DO SERRA BICO

Serra bico bico
Quem te deu tamanho bico
Foi a vaca chocalheira que andava na ribeira
Sola Sapata, Rei, rainha
Vai ao mar buscar a grainha
Vai lá tu que é a tua vez

O jogo consiste em cantar esta cantiga enquanto se dão beliscos nas mãos de todos os participantes, batendo depois na cabeça de todos quando se canta os dois últimos versos. Ficando de fora a pessoa na qual se bate por último ao acabar a cantiga, de forma que esta fica a adivinhar o objecto por o grupo escolhido.



JOGO DAS PEDRINHAS

Este jogo consiste na disposição de 5 pedras pequenas, das quais uma deve estar numa das mãos enquanto se apanham as outras que podem estar numa superfície, como por exemplo, numa mesa. Assim, enquanto se deita a pedra que se tem na mão ao ar temos que apanhar, nesse curto espaço de tempo, as outras quatro pedras. A pessoa que errar o “exercício” primeiro perde.

RECOLHA 2005 SCMB, VIOLANTE AUGUSTA PARREIRA, Idade: 86.
Localização geográfica: AVELEDA – ORIGEM + 50 anos.

JOGO DA CANTARINHA - 1



Ó cantarinha de barro,
Não me leves a sorrir.
Quando vejo o meu amor,
Dá-me vontade de rir...

Minha mãe mandou-me à água,
À fonte do rosmaninho.
Eu deixei cair a cântara,
E parti-lhe um bocadinho



Ó cantarinha de barro,
Com água fresca no verão.
Mata a sede ao meu amor,
Que lhe arde o coração.

Ó cantarinha de barro,
Quem te leva à fonte? Quem?
Não vais apenas de carro,
Vais nos braços do meu bem.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.



JOGO DA CANTARINHA²⁰-2

Formavam-se pelas ruas, ou num largo, uma fila grande de raparigas, umas atrás das outras, tendo a da frente uma cantarinha nos braços que ia atirando à de trás, e esta por sua vez, às outras que se iam mudando. Quando a cantarinha se partia, a causadora tinha de comprar outra, para a vez seguinte, e havia sempre palmas e uma algazarra amiga. Cantavam:

Ó cantarinha de barro,
Quem te leva à fonte? Quem?
Não vais apenas de carro,
Vais nos braços do meu bem.

Coro

Ó cantarinha de barro,
Não me leves a sorrir!
Quando vejo o meu amor,
Dá-me vontade de rir...

Ó cantarinha de barro,
Com água fresca do verão!
Mata a sede ao meu amor,
Que lhe arde o coração.

Minha mãe, mandou-me à água,
À fonte do rosmaninho.
Eu deixei cair a cântara,
E parti-lhe um bocadinho.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.

EU VENHO DALI DE BAIXO



Eu venho dali de baixo,
Ai de regar o laranjal.
Até trago uma folhinha,
No laço do avental.

No laço do avental,
No laço do meu vestido.
Uma noite não é nada,
Deixa-me ir dormir contigo!

Deixa-me ir dormir contigo,
Uma noite não é nada!
Eu entro pelo escuro,
E saio de madrugada!

Nem entro pelo escuro,
Nem saio pela madrugada.
Deixa-me ir dormir contigo
Uma noite não é nada!

RECOLHA (1985) de António Alberto Cascais, Larinho – Moncorvo.



DESFOLHADA

As desfolhadas da aldeia,
São cheias de vida e cor,
Mesmo à luz da candeia
Inspiram trovas de amor

Coro

Ai! As desfolhadas!
Lindas seroadas...
Em que as raparigas
Vão todas lavadas.

Vão todas lavadas
Preparam-se bem,
Porque os seus amores,
Lá estão também.

No quintal da velha casa,
Rapazes e raparigas,
A cantar vão desfolhando,
Louras e belas espigas.



O S. JOÃO

São João para ver as moças
Ai! Fez uma fonte de prata.
Ai! As moças não vão à fonte,
Ai! São João todo se mata.

Ai! Repenica, repenica, repenica.
Ai! São João a suar em bica!
Ai! Repapoila, repapoila, repapoila.
Ai! São João a comer numa caçoila!

Ai! Não é nada, não é nada, não é nada.
Ai! São João a comer pescada!
Ai! Não é muito, não é muito, não é muito.
Ai! São João a comer presunto!

Ai! Oh! meu rico São João!
Ai! Oh! meu belo marinheiro!
Ai! Levai-me na vossa barca Ai!
Lá para o Rio de Janeiro!



AS VIOLETAS

Anda lá para diante,
Que eu atrás de ti não vou.
Não me ajuda o coração
Amar a quem me deixou.

Refrão

As violetas são lindas, lindas!
Que lindo cheiro as violetas têm!
Passam a vida vigorosas,
Sem dar motim a ninguém.

Oh! Que dama tão formosa,
Que o caixeiro procurou!
E o veludo cor-de-rosa,
Oh! Que tanto me agradou!

Refrão

E o metro, quanto custa,
E o metro quanto custou?
E o veludo cor-de-rosa,
Oh! Que tanto me agradou!



A POMBA SUBIU AO AR

A pomba subiu ao ar,
 A pomba ao ar subiu,
 Nos braços do meu amor
 Agarrei a pomba
 E a pomba fugiu.
 Já se morreu a pombinha,
 Já não tenho portador.
 Já não tenho quem me leve,
 Oh! Ai! As cartas ao meu amor.

RECOLHA (1985) de Narciso João Torrão Vicente – Vimioso.

ESTA RODA



Esta roda está parada,
 Por falta de haver quem cante.
 Agora já canto eu,
 Siga a roda p'ra diante.
 Vamos seguindo em frente,
 Caminho da nossa aldeia,
 Mostrando as nossas rendas,
 Mais a nossa fina meia.



E nós os nossos calções,
Nossos pés tão delicados.
Nossos corpinhos bem feitos,
Pelos damas elogiados.

RECOLHA (1985) de Olinda Pereira, Sambade – Alfândega da Fé.

A MARIQUINHAS

Oh! Minha saia rodada
Com fitinhas a brilhar,
Foi no adro da igreja,
Que com ela fui dançar.

Coro

Mariquinha, arredonda a saia,
Arredonda a saia arredonda-a bem.
Mariquinha, arredonda a saia,
Olha a roda que ela tem...
Oh! minha saia rodada,
Minha saia de balão!
Foi minha saia rodada
Que prendeu teu coração.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade – Alfândega da Fé.





PADEIRINHA²¹

Rua abaixo, rua acima,
Toda a gente me quer bem.
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

Coro

Ora bate, padeirinha,
Saiba pôr, o pé no chão,
Ora bate padeirinha
No meu terno coração.

Tenho na minha janela,
O que tu não tens na tua,
Cravos brancos e vermelhos,
Viradinhos para a rua.



HOW TO

PLANT

ORANGE

AND

LEMON

TREES

IN

YOUR

YARD

AND

HOW

TO

CARE

FOR

THE

BEST

RESULTS

AND

HOW

TO

PRUNE

AND

PROTECT

YOUR

TREES

FROM

PESTS



11. LENGALENGAS, CANTIGAS, CANTILENAS



LENGALENGA

Era não era,
Andava na serra
Com um boi de palha
E outro de merda.
Quando nisto,
Tristes novas me vieram.
Meu pai era morto,
Minha mãe por nascer!
Eu pus-me a pensar
Que no meu parecer
Isto não podia ser.
Agarrei nos bois às costas
E pus o arado a comer.
Depois, mais abaixo,
Ao passar um ribeiro,
Enrodihei a aguilhada à cinta
E encostei-me ao tamoeiro.
Depois, mais abaixo,

Ao passar um regato,
 Se não fosse um cão,
 Mordia-me um cajato
 Eu vi um homem a fugir
 Sentei-me para o agarrar
 Peguei nos bois às costas,
 Deitei o arado a pastar.
 Tenho uma jaqueta nova,
 Feita de mil modelos.
 Não tem mangas, nem costas;
 Está rota nos cotovelos.
 Encontrei-me com dois fidalgos,
 Fiz-lhe logo continência.
 Pedi-lhe a cada um seu cigarro.
 A mim fez-me boa diferença!
 Pergunta requer pergunta.
 Porventura me dirá:
 - Qual o nome de um homem
 Com a terminação em a?

RECOLHA (1985) de Artur dos Santos Madureira, Alfaião – Bragança.

CANTILENA 1



Entre o farfalhão à roda
 Ó que dança vai levar
 Ai, ai, ai que não hás-de achar
 Que não hás-de achar
 Com quem casar.

RECOLHA 2005 SCMB Ana Maria Domingues, Idade: 86.
 Localização geográfica: Maçãs, ORIGEM + 60 anos.



CANTILENA 2

Olha o velho,
Olha o velho
Gosta dos figos maduros
Penicados dos pardais
Olha o velho,
Olha o velho atrevido
Disse-me na minha cara
Que queria casar comigo
Se o velho casar comigo,
Há-de ser na condição
Que eu durma na cama fofa
E o velho durma no chão
Levantei-me de manhã cedo,
Levantei-me a cozinhar
Encontrei o velho morto
Nas pedrinhas de meu lar
Faz-lhe uma cova bem funda,
Senão pode sair
Que ele é muito amiguinho das criadas de servir

CANTIGA SEM TITULO 1

Roubei-te um beijo Maria
Desde esse dia morra se eu minto
Uma coisa tão pouca que fica na boca
Não sei o que sinto

Fazes mal ó moreninha
O amor de um marinheiro
Sobe e desce como as ondas
É como agulha em palheiro

Vira, vira e torna a virar
Rapaz deixa a moça vai para o teu lugar
Que ela nem te ama nem quer amar

A fita da minha blusa já não se usa
Fuja o demónio
Eu não quero a tua riqueza
Quero a pobreza do meu António

Fazes mal ó moreninha
O amor de um marinheiro
Sobe e desce como as ondas
É como agulha em palheiro

Vira, vira e torna a virar
Rapaz deixa a moça vai para o teu lugar
Que ela nem te ama nem quer amar



CANTIGA SEM TÍTULO 2

Amei-te tanto, tanto que talvez enfim
E ó meu encanto de ver-te sempre perto de mim
Mas certo dia, dia cruel fugiu
A fantasia do amor
Fiquei sozinha e bem triste

Mas quando um dia acabar
Esta maldita paixão
Volta e terás lugar
Dentro do meu coração

Não será para sempre este coração desfeito
É bem mais teu do que o que trazes no peito
Esta mulher que te roubou amor
Não tens mais do quê na alma do que o sentimento na dor
Tenho a certeza que é um capricho banal
Pela crueza ora senti-la fatal

Mas quando um dia acabar
Esta maldita paixão
Volta e terás lugar
Dentro do meu coração



CANTIGA SEM TÍTULO 3



Mais um espantalho
 Que na roda entrou
 Deixai-o dançar
 Que ainda não dançou
 Se ainda não dançou
 Deixai-o dançar
 Rapaz deixa a moça
 Vai para o teu lugar

RECOLHA 2005 SCMB Fernanda da Luz Martins, Idade: 78.
 Localização geográfica: Terroso – ORIGEM + 50 anos.

CANTIGA SEM TÍTULO 4



Vai-te casar D. Aila, vai-te casar esposa minha
 À vontade de teus pais eu já tua não seria
 Da Igreja para casa, ela só isto dizia
 Queira Deus que me enamore nem uma hora no dia
 Veio a hora do jantar D. Aila não comia
 Todos comem, todos bebem, meia volta e ao chão caía
 Levaram-na a passear para ver que doença tinha
 Lá no meio do passeio meia volta e ao chão caía }bis
 Mandaram vir o doutor para ver que doença tinha
 Tinha o coração revolto de baixo para cima
 E dentro do coração duas letras de ouro tinha
 Uma diz adeus João e outra amor da minha vida

RECOLHA 2005 SCMB, ALEXANDRINA AMÉLIA PIRES, Idade: 90 (já falecida).
 Localização geográfica: Aldeia dos CASARES – ORIGEM + 50 anos.



CANTIGA SEM TÍTULO 5

A morte de Henriqueta foi a mãe quem lha causou
Estava deitada na cama quando o trabalho a chamou
Levanta-te ó Henriqueta, levanta-te a preparar
Ao baile dos "Matosinhos" não se lhe pode faltar
Preparai-vos ó rapazes que ela agora está a chegar
Somos cinco estudantes chegámos para a estafar
Lá no meio daquele baile grandes gritos atirou
Disseram uns para os outros Henriqueta rebentou
Senta-te aqui Henriqueta, senta-te aqui sentadinha
A tua mãe foi para casa matar uma galinha
A minha mãe foi para casa com a dor no coração
Queira Deus que eu cá não volte ao baile da maldição

RECOLHA 2005 SCMB, ALEXANDRINA AMÉLIA PIRES, Idade: 90 (já falecida).
Localização geográfica: Aldeia dos CASARES – ORIGEM + 50 anos.



CANTIGA SEM TITULO 6

António levava para a guerra
 Um pombo-correio encantador
 Para mandar notícias para a terra
 E para a sua querida e amada Leonor

Na hora da partida ao juramento
 Dizendo a chorar Deus te dê sorte
 Se morreres na hora de martírio e de tormento
 Dizendo a chorar Deus te dê sorte

Eu quebrei meu juramento eu bem sei
 Mas tu não voltas mais à nossa terra
 Esquece-te de mim que eu já casei
 Adeus e sê feliz aí na guerra

António quando recebeu a carta
 Teve um grande desgosto com seu amor
 Pondo ao peito a bala
 Heroicamente morreu ainda a chamar "oh Leonor"



CANTIGA SEM TITULO 7



Era o amparo de sua mãe
Era um rapaz de bem
E amava como ninguém
Os seus maiores amores
E era um rapaz muito honrado
Era um nobre soldado
Sentinela nos Açores
Levava seu fardamento
Bonito todo cinzento
Que lhe ficava tão bem
A abraçar e a sorrir
Tirou antes de partir
O retrato da sua mãe

Passam dois anos no lar
Volta para sua mãe abraçar
A transbordar de alegria
Quando as vizinhas à porta lhe dizem
Que a mãe está morta sepultada há três dias
Foi num silêncio funério
Procurar ao cemitério
A campa de sua mãe
Logo amarfanhou o fato
Corre a abraçar-se ao retrato
Ao cemitério além
E o caixão desenterrou a chorar
A ele se abraçou ao corpo da mãe gelado
Disse para a mãe a sorrir:
"Está a chorar junto a ti o teu filhinho adorado"
Leva toda a madrugada a chamar pela mãe amada
No fim calou-se também
Que triste quadra aquela
De manhã deram com ele morto na campa da mãe.



CANTIGA SEM TITULO 8

Um dia sucedeu em Alto Minho
Com a moça mais formosa de todo o monte
Mas uma noite escura e temerosa
Pegou na cantarinha e foi à fonte
A fonte era longe e no regato
Ficava junto à azenha do moinho
Três lobos temerosas feras
Trespasaram-lhe a passagem do caminho
Não tendo outro caminho para onde seguir
Seguiu-as também, não se importou
Talvez que até os lobos murmurassem
Vejam que linda jovem ali passou
Se fossem três homens o que seria
Ao ver aquela jovem aparecer
Que a tentação da carne à tamanha
Alguns homens são lobos por prazer.



CANTIGA SEM TÍTULO 9

Aquela menina além
Não sei que mistério tem
Nunca se chega à janela
Nunca se chega à janela
Ninguém olha para ela
Nem ela para ninguém
Chora pelo ente querido
Nem foi noivo nem marido
Todos dizem quem será
Morre de amor verdadeiro
Se percorrer o mundo inteiro
Outro igual não achará
Procurando as horas mortas
Fechando todas as portas
Ela ao cemitério vai
Vai toda triste e penosa
Vai desfolhar uma rosa
Sobre a campa de seu pai.



CANTIGA SEM TÍTULO 10

Da minha janela à tua
 Vai uma vara medida
 Do meu coração ao teu
 Vai uma estrada seguida

E à beira do rio nascem
 Violetas ao comprido
 Ontem à noite me disseram
 Que não casavas comigo

Se eu soubesse na verdade
 Que eu não te tornava a ver
 Mandava vir da botica
 Remédio para morrer

Prometi-te três castanhas
 Se me deres um castanheiro
 Também eu era p'ra ser teu
 Se outro não vier primeiro.



CANTIGA SEM TÍTULO 11

A moda do bailarico
Nada tem que se saber
É andar com um pé no ar
E outro no chão a varrer
Dança à folia, dançar, dançar
Haja alegria à beira mar
É cantar e ser alegre
A tristeza não faz bem
Eu nunca vi a tristeza
Dar de comer a ninguém
Dança à folia, dançar, dançar
Haja alegria à beira mar.

RECOLHA 2005 SCMB, EURICO FERNANDES, Idade: 71.
Localização geográfica: MOFREITA – ORIGEM + 50 anos.



CANTIGA SEM TÍTULO 12



Ó minha costureirinha tens agulha e tens dedal
 Só te falta a tesourinha p'ra talhares o avental
 Ó minha costureirinha tua agulha picou-me
 Foi tão grande a picadela que estava a dormir e acordou-me
 Foi tão grande a picadela que estava a dormir e acordou-me
 Ó minha costureirinha tens agulha e tens dedal
 Só te falta a tesourinha p'ra talhares o avental
 P'ra talhares o avental, p'ra talhares a blusinha
 Levanta-te e vem comigo ó linda costureirinha

RECOLHA 2005 SCMB, EURICO FERNANDES, Idade: 71.
 Localização geográfica: MOFREITA – ORIGEM + 50 anos.

CANTIGA SEM TÍTULO 13



Ia um grupo de crianças
 Conversando seriamente
 Diz o mais velho afinal
 Que queria ser um general
 Para ser um combatente
 Diz o outro com rancor
 E eu quero ser aviador
 Para ser herói do ar
 Diz logo o outro irritante
 Eu quero ser almirante
 Para conquistar o mar
 Logo outro que diz
 Eu porém quero ser juiz
 Para poder condenar
 Diz logo o outro do lado
 E eu quero ser advogado
 Para o réu poder salvar
 E eu quero ser engenheiro



Era todo o meu afecto
Diz o miúdo do lado
Pequenino e engraçado
Eu quero ser arquitecto
Mas outro falou com amor
Eu quero ser professor
De um sentimento profundo
E nesta canção tudo me seduz
Eu queria dar esta luz
E através de todo mundo.

RECOLHA 2005 SCMB, EURICO FERNANDES, Idade: 71.
Localização geográfica: MOFREITA – ORIGEM + 50 anos.

CANTIGA SEM TÍTULO 14



Castanheiro dá castanhas
Castanheiro dá só uma
Para dar ao meu amor
Que ainda não comeu nenhuma.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA DE LUZ SALES, Idade: 79.
Localização geográfica: BEMPOSTA – ORIGEM + 50 anos.

CANTIGA SEM TÍTULO 15



Viva pastorinha que buscas aqui
Eu busco meu gado que é o que eu perdi
Seu gado de rosas aqui lho trago
Eu não o aparte para ser seu criado

Se és meu criado eu não lho mandei
Deixa-se o meu gado que eu o guardarei
Olha a pastorinha o que está de pertinente
Seus olhos são lobos que comem a gente

Vamos lá embora não lhe dê contenta
 Que vêm meus homens a trazer a merenda
 Vamos lá para a sombra não com má intenção
 Falo-te a verdade que eu sou teu irmão
 Se eras meu irmão, porque não me dizias
 Eu era novinha não te conhecia.

RECOLHA 2005 SCMB, SÂNCIA PATRÃO, Idade: 93.
 Localização geográfica: MOREDO – ORIGEM + 50 anos.

CANTIGA SEM TÍTULO 16



Foi na vila de Murça de vilão sem caridade
 Que o mundo é mundo não se viu tamanha maldade
 Devia ter 60 anos esse dito professor
 Causando às famílias tristeza e terror
 Com ameaça soberba aos meninos lhe fazia
 Se contassem à família a vida lhes tiraria
 E na vila de Murça de luto muito pesado
 A opinião do povo era ser ali queimado
 Serás sempre desgraçado para sempre temerás
 Metido nessa prisão toda a vida te verás.

RECOLHA 2005 SCMB, SÂNCIA PATRÃO, Idade: 93.
 Localização geográfica: MOREDO – ORIGEM + 50 anos.

CANTIGA SEM TÍTULO 17



Ó caixeirinho do Porto
 Já não te digo mais nada
 Não te cases com D. Rosa
 Que ela já está enganada
 D. Rosa foi para casa
 Muito triste e apaixonada



Logo a sua mãe lhe disse:
"Ó filha és desgraçada"
Anda cá minha filha,
Filha do meu coração
Entra pela porta a dentro,
Vai ao teu pai pedir perdão
Perdoa-me meu pai,
Perdoa-me que tenho andado desgraçada
Quanto vejo deste mundo
De uma amante abandonada
De uma amante abandonada,
De uma amante aborrecida
Não tinha em que me valer
Vali-me da triste vida.

RECOLHA 2005 SCMB, SÂNCIA PATRÃO, Idade: 93.
Localização geográfica: MOREDO – ORIGEM + 50 anos.



CANTIGA SEM TÍTULO 18

Minha mãe deixe, deixe, minha mãe deixe-me ir
Ao arraial de Valpaços eu vou e volto a vir
Eu vou e volto a vir, nem sei se voltarei ou não
Minha mãe deixe-me ir à Sra. da Ascensão
Senhora da Ascensão, Senhora tão pequenina
Comadre da minha mãe, Senhora minha madrinha.

RECOLHA 2005 SCMB, CÂNDIDA CARVALHO, Idade: 81.
Localização geográfica: BRAGANÇA – ORIGEM + 50 anos.



CANTIGA SEM TÍTULO 19

Estava Maria
À beira do rio
Lavando os paninhos
Do seu Bento Filho.

Lavava a Senhora
José estendia
Chorava o menino
Com o frio que tinha

Calai meu menino
Calai meu amor
O mundo é dos homens
Dos que cortam de dor

Os filhos dos homens
Em berço dourado
E vós meu menino
Em palhas deitado

Em palhas deitado
Em palhas estendido
Filho de uma rosa
De um cravo nascido.



CANTIGA SEM TÍTULO 20

Ande Roda ao redor
Quanto mais a roda anda
Mais te eu quero ó meu amor

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA ANICETA GONÇALVES, Idade: 86.
Localização geográfica: VILA FLOR – ORIGEM + 60 anos.

CANTIGA PARA ENCOMENDAR AS ALMAS



À porta das almas santas bate Deus a toda a hora
As almas respondem: “Ó meu Deus que queres agora?”
Queremos que deixeis o mundo
Vamos todos para a glória
Ó meu Deus, Ó meu Senhor vamos já agora
Para ao pé dos anjos e na companhia da Virgem Maria
Já lá tendes vossos pais, vossas mães e uma fazenda
Quem das almas se lembrar e delas tiver devoção
Alcançam na terra a Salvação.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA AMÉLIA MORAIS, Idade: 81.
Localização geográfica: SANTA COMBA DE ROSSAS – ORIGEM + 50 anos.

CANTIGA DOS REIS



Aqui chegamos preparados para cantar
 Se os Senhores nos derem licença vamos começar
 Esta vai por despedida por cima do meu chapéu
 Passem muito bem a noite até amanhã se Deus quiser.

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA AMÉLIA MORAIS, Idade: 81.
 Localização geográfica: SANTA COMBA DE ROSSAS – ORIGEM + 50 anos.

CANTILENA 1



Coradinha olé, olé
 Coradinha olé, limão
 Dá-me cá esses teus braços
 Amor do meu coração
 Fala para mim sozinha
 Vê lá que ficas coradinha
 Coradinha olé, olé
 Coradinha olé, limão
 Dá-me cá esses teus braços
 Amor do meu coração

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA ANICETA GONÇALVES, Idade: 86.
 Localização geográfica: VILA FLOR – ORIGEM + 60 anos.

CANTILENA 2



Para avante a caminho da nossa aldeia
 Mostrando a nossa renda
 A nossa fininha meia
 Os nossos novos calções
 Os nossos pés delicados
 O nosso corpinho bem feito
 Os homens são o diabo



Os homens são o diabo
Levados de Belzebu
Por causa de meio tostão
Metem

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA ANICETA GONÇALVES, Idade: 86.
Localização geográfica: VILA FLOR – ORIGEM + 60 anos.

CANTILENA 3



Pus o pé na batateira
Fiz tremer o batatal
Passarinho repenica o canto
Vem cantar no meu quintal

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA ANICETA GONÇALVES, Idade: 86.
Localização geográfica: VILA FLOR – ORIGEM + 60 anos.

CANTILENA 4



Nossa Senhora das Terras
Fez um milagre no monte
O menino pediu-lhe água
Logo lhe abriu a fonte

CANTILENA 5



Alargai-vos raparigas
Que o terreiro é estreito
Quero dar umas voltinhas
Quero dá-las ao meu jeito



CANTILENA 6

Ande roda, ande roda
 Ao redor
 Quanto mais a roda anda
 Mais te quero ó meu amor

RECOLHA 2005 SCMB, MARIA ALICE RODRIGUES, Idade: 81.
 Localização geográfica: BRAGANÇA – ORIGEM + 60 anos.

CANTIGA PASTORIL²²



Deus te salve, Ó Rosa, lindo serafim.
 Pastorinha nova, o que fazes aqui?
 - Deus te salve, Ó cravo, criado no trono.
 Se eu guardo o gado, ele é do seu dono.
 - Se é do seu dono, é bem empregado.
 Se a menina quiser, sou seu criado.
 - Eu não quero criados vestidos
 de seda por estas estevas.
 Vá-se daí vá-se, que eu já o mandei.
 Que hão-de dizer meus amos?
 Em que me ocupei?
 - Se seus amos disserem em que se ocupou,
 Foi uma nuvem d'água que por aqui passou.



12. RECEITAS



FOLAR 1

Ingredientes:

Fermento

Farinha

Ovos

Pingo (gordura)

Azeite

Batem-se os ovos mais a farinha, depois aquece-se o azeite mais o pingo e desfaz-se o fermento na água quente, misturando-se tudo na farinha. Em seguida amassa-se tudo deixando duas horas a descansar. Abre-se, então, a massa e mete-se a carne entre a massa, levando a cozer durante duas horas.

BOLO DE ÁGUA:

Ingredientes:

3 colheres de batata desfeita

3 ovos

3 colheres de açúcar

3 colheres de água

Farinha



Batem-se os ovos com o açúcar juntando-se, depois, a batata desfeita, a água e a farinha. De seguida leva-se ao forno para cozer durante alguns minutos.



FOLAR 2

Ingredientes:

5 quilos de farinha

5 Dúzias de ovos

5 pacotes de manteiga

Uma pitada de sal

150 g de fermento de padeiro

Fazer fermento com massa comprada na padaria

Preparação:

Amolece-se o fermento em água quente juntamente com o sal. Batem-se os ovos, passando-se antes cada ovo por um tacho de água quente para ficarem mornos, deita-se depois a farinha com a manteiga derretida e o fermento.

Amassa-se tudo e deixa-se levedar durante algumas horas. No fim mete-se a massa em formas untadas de manteiga, fazendo-se camadas alternadas de massa e carne picada (chouriço, salpicão etc.).

Adivinha:

- Somos sete irmãos, eu a primeira que nasci sou a mais nova como pode ser assim?

Resposta: A primeira semana das sete da Quaresma "quarta-feira de cinzas"

TRAMUNTANA





13. ANEXOS – PAUTAS MUSICAIS



ALTA VAI A LUA ALTA



XVI — APÉNDICE

Alta vai a lua alta

Allegro
(Tragopanza)

Andante - 60

Alta... vai a lua... alta... ta
 vai a lua alta...
 ta vai a lua alta...
 do para além parca.

Canções:

- Aurora Rodrigues, de 67 anos
- Maria de Jesus Silva, de 68 anos
- Glória Tavares, de 69 anos
- Maria Martins, de 69 anos



N. B. — Todas as transcrições respeitantes ao autor de Alberto Avulh Pereira, registadas em Diário da República sob o nº 100/2004.

ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS



Encomendação das Almas

Música da Igreja
(Alfândega de Fe)

Lento - 40

à par...ta... des almas santas...
 an...te... se... us... he...te deus a toda a hora
 Menas santas... de... res... pon... dem... é... men
 deus... é... men deus que queris agora.

Compositores:
 - Simão Rodrigues, de 60 anos
 - João de Jesus Rodrigues, de 58 anos
 - Arnaldo dos Santos, de 55 anos





ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS



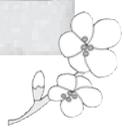
Encomendação das Almas

Longo - 40

Sambade
(Atividade da Fé)

A porta das almas santas sa...
 ... sem a cada a hora a cada a
 hora. as almas se responderam...
 Deus Jesus que queris agora. Que queris
 agora, agora a ...

Andante
 - 120 -
 - 120 -
 - 120 -





ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS



Encomendação das Almas

Trinidado

Acorda, que estás dormindo ...

Nesse sonho em que estás, que os teus bens e

porta, vão dar ... um é descomento ...

Canções:

- João José Geraldo Apêlo, de 49 anos
- Alberto de Sá Santos Lopes, de 48 anos
- Antão Anselmo dos Santos, de 63 anos
- Alberto Antão, alcaide, de 62 anos





OS REIS



Os Reis

santa Comba de Rossas
(Bragança)

Andantino - 90

Esta agora aqui chegou... .. ao rei
 nesta hora... .. da... .. go meu coração disse...
 aqui mora santa Comba de Rossas Alegres festas
 três vezes da... .. e o seu maninho a acompanhá...
 Alegres festas três vezes da... .. e o seu
 maninho a acompanhá... ..

Cantaram:
 - Maria do Rosário, do 11 anos
 - António, do 10 anos
 - Antónia, do 10 anos



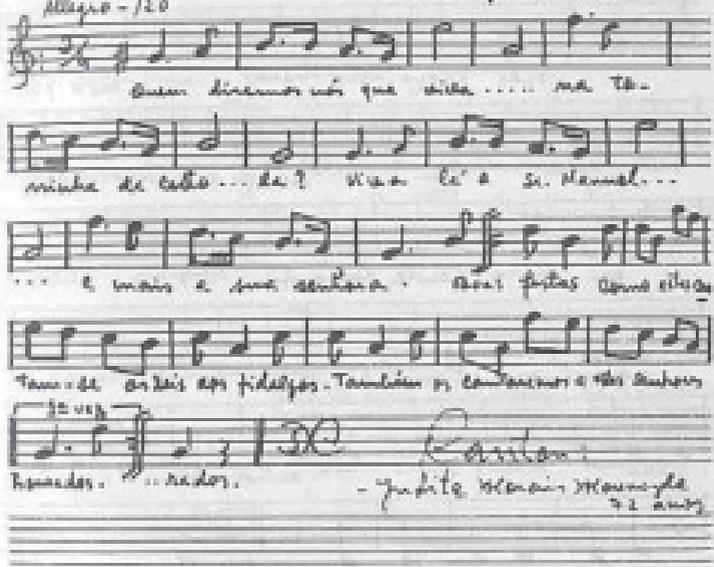
OS REIS



Os Reis

Santade
(Alfândega de Si)

Allegro - 120



Quem diramos nós que vive... na Te-
miada de cello... de? Não le' a si. Manuel...
... e mais a sua cantora. Uns filhas como elos
Tam-de as leis dos fideijos. Também os cantamos a nós outros
hoados. ... ados. - fada de Manair Mounçle
72 anos





PADEIRINHA



Padeirinha

Sambade
(Alfândega da Fe')

Allegro - 120

que abaiso que acima tale e parte me que
 tem ai ai ai só a mãe do men amor ai ai
 ai não tá que acima me tem. Que tale padeirinha,
 Sabe pô o pe me chã. Que tale padeirinha
 do men termo conceito... dra... ..

Ritornel:
 - Alinda Pereira, de 68 anos





O JOGO DA CANTARINHA



O Jogo da Cantarinha

Sambade
(Alfândega de El)

Allegro - 120

Handwritten musical score for 'O Jogo da Cantarinha' in 2/4 time, marked 'Allegro - 120'. The score consists of four staves of music with lyrics written below. The lyrics are: 'Cantarinha de danso quem te lava a pente / quem? de vós apensas de pente, mais nos braços do mar / Bem. O cantarinha de danso, não me lutas e sorria. Grand sup / O meu amor de no cantid de vir. O cantarinha de ... vir'.

Parabéns:

- Maria das Neves Macqueto, de 91 anos





QUADRAS POPULARES



Quadras Populares

Sambade
(alfândega de Se')

Andantino - 100

Musical staff 1: Treble clef, 3/4 time signature. Notes: G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4. Lyrics: Toste fêtu no meu pai. . . . À pe-

Musical staff 2: Notes: G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4. Lyrics: .. sede do lenheiro. Se queres casar comigo, fale

Musical staff 3: Notes: G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4. Lyrics: Meus-me a mim primeiro. Se queres casar comigo fale

Musical staff 4: Notes: G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4. Lyrics: Meus-me a mim primeiro. || 3C

Ranito
- fidalgo da vila de Se', de 12 anos





A MONDA DOS TRIGAIS



A Monda dos Trigaís

Sambade
(Alfândega da Fé)

Andantino - 100

que gente é aquela que vem ao pendão. Que
 gente é aquela que vem ao pendão. E a menina
 dice com o seu batashão. É a menina dice com
 o seu batashão

Paritose:
- fidele Maria, 1908, de 72 anos





CANTIGA PASTORIL



Cantiga Pastoral

Batal
(Barragem)

Andante - 80

Deusa te saltee i casa linda de...
 Him. Pastorelha nova que fuges aqui
 Pastorelha nova que fuges aqui
 Deusa te saltee i casa linda no tempo. Si a p.
 deo e gado de i l' terra dona. Se eu guarda e gado
 de i de seu dono

Cantaram:

- António Rodrigues, 68 anos
- António Rodrigues, 68 anos
- António Rodrigues, 68 anos
- Sampaio, 68 anos



GIRINALDO, GIRINALDO



Girinaldo, Girinaldo

Baçal
(Bragança)

Alento - 60

Si...ri...nal...do Si...ri...nal...do Cri...do de A...
mais Querido sem partes Girinal... do pe...ca... a... sei...te co...
..ul...po sem pedic... Si...ri...nal...do pe...ca... a... sei...te co...
..migo.

Cançaram:

- João Salgado, de 54 anos
- João de Melo, de 60 anos
- António Sousa, de 56 anos
- Eugénio Martins, de 49 anos





GIRINALDO



Girinaldo

- Vilares da "Vilariça"
(Alfândega da Fé)

Largo - 40

Al Girin... nel... do Girin... nel... do

Al ca... a... do d' el... dei... morio... quando... Que... res... tu... é

el... si... nel... do à... noite... de... um... conuigo?

Cantaram:

- José Bento, de 74 anos
- Manuel Marcelino, de 68 anos





NOTAS

¹ - O mesmo romance, com algumas variantes, encontra-se em Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, Vol. VII, p. 1070; P. Firmino Martins, *Folclore de Vinhais*, Vol. I, p. 149.

² - Por diversas recolhas que mandámos fazer, em anos diferentes, a alunos nossos, verificámos que este romance está quase a desaparecer. Confrontar este romance com as seguintes versões: L. de Vasconcelos, *op. cit.* p. 1065; F. Pires de Lima, *Romanceiro*, p. 118; A. Garrett, *Romanceiro*, Vol II, p. 91; T. Braga, *Romanceiro Geral*, p. 1 e seguintes.

³ - O P. Firmino Martins, no Vol. II p. 70, apresenta-a como *Cantiga das Malhas*. O informador, em vez de «feira de Aragão», diz «lá para os lados de Agrochão».

⁴ - Vide P. Firmino Martins, *op. cit.*, Vol. 11, p. 80.

⁵ - Vide Leite de Vasconcelos. *op. cit.* p. 1050. Esta versão é muito diferente. P. Firmino Martins, *op. cit.* Vol. I, p. 142; L. Cortês Vasquez, *Leyendas*, p. 134.36; M. Manzano Alonso, *Cancionero Zamorano*, p. 455.
Transcrição musical em Anexos.

⁶ - Vide P. Firmino Martins, *op. cit.* Vol. I, p. 242; Abade de Baçal, *Memórias*, Vol X, p. 581; L. de Vasconcelos, *op. cit.* p. 1061.

⁷ - O antropónimo Ninho apresenta muitas variantes como «Nilo, Aninho». Vide L. de Vasconcelos, *op. cit.* p. 970; P. Firmino Martins, *op. cit.*, Vol. II, p. 1 a 4; L. Cortês Vasquez, *op. cit.*, p. 106.



⁸ - Vide P. Firmino Martins, op. cit. Vol. I, p. 219, e Vol. II, p. 26; T. Braga, op. cit., p. 221, L. de Vasconcelos, op. cit. p. 1035.

⁹ - Vide P. Firmino Martins, op. cit. V. I. p. 151; e V. II, p. 6; L. de Vasconcelos. op. cit, p. 984 e 1037.

¹⁰ - Vide P. Firmino Martins, op. cit. Vol. II. p. 559; L. de Vasconcelos, op. cit. 989.

¹¹ - Vide L. de Vasconcelos, op. cit. p. 985-87; A. Garrett, op. cit, Vol. II, p. 195; P. Firmino Martins. op. cit. Vol. I, p. 182; e Vol. II, p. 22; T. Braga, op. cit. p. 201 e 204; F. Pires de Lima, op. cit. 9.59; Luís Cortês Vasquez, op. cit. p. 101-5; António Mourinho, Cancioneiro. p. 161-5; M. Manzano Alonso, op. cit, 437-39; Damaso Ledesma, Cancionero Salmantino. p. 165; Manuel Fernandes Nufiez, Folklore Leonés, p. 93.

Ver a transcrição musical nos Anexos.

¹² - A recolha não trazia qualquer título. Trata-se do romance Valdevinos, incompleto. Versão trasmontana de D. Beltrão (vide T. Braga. op. cit. 209); F. Pires de Lima, op. cit. 80; A. Garrett. op. cit. Vol. II. p. 271; P. Firmino Martins. op. cit. Vol. I. p. 182.

¹³ - Vide P. Firmino Martins. op. cit. Vol. I. p. 222. Diferem muito estas duas versões.

¹⁴ - Transcrição musical em ANEXOS.

¹⁵ - Ver a transcrição musical em ANEXOS.

¹⁶ - Ver a transcrição musical.

¹⁷ - Ver a transcrição musical.

¹⁸ - Ver a transcrição musical em ANEXOS.

¹⁹ - Bota: vasilha de couro que usam para levar vinho para o trabalho.

²⁰ - Ver a transcrição musical.

²¹ - Ver a transcrição musical.

²² - Vide P. Firmino Martins, op. cit., Vol. I, p. 142; L. Cortês Vasquez, op. cit, p. 134.
Ver a transcrição musical nos ANEXOS.